



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CÂMPUS DE TRÊS LAGOAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM GEOGRAFIA

ENTRE O TURISMO E O LAZER –
O caso da cidade de Panorama/SP

WILLIAN RIBEIRO DA SILVA

TRÊS LAGOAS-MS

2013

WILLIAN RIBEIRO DA SILVA

**ENTRE O TURISMO E O LAZER –
O caso da cidade de Panorama/SP**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Geografia /CPTL/UFMS - Área de Concentração Análise Geoambiental e Produção do Território, como exigência final para obtenção do Título de Mestre em Geografia, sob orientação do Prof. Dr. Tito Carlos Machado de Oliveira.

TRÊS LAGOAS

2013

TERMO DE APROVAÇÃO

WILLIAN RIBEIRO DA SILVA

PANORAMA-SP ENTRE O TURISMO E O LAZER

Dissertação apresentada como exigência final para a obtenção do título de Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, aprovada pela seguinte banca examinadora:

ORIENTADOR:

PROF. DR. TITO CARLOS MACHADO DE OLIVEIRA
UFMS - CAMPO GRANDE-MS

PROF. DR. EDGAR APARECIDO COSTA
UFMS - CORUMBÁ-MS

PROF. DR. MARÇAL ROGÉRIO RIZZO
UFMS – TRÊS LAGOAS-MS

Três Lagoas, 03 de Abril de 2013.

**Dedico aos meus pais, Dalton Ribeiro
da Silva e Sônia Maria Mendes.**

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

A Francine Bácaro que compartilhou vários momentos, até meus momentos “depre”, obrigado pelo apoio e compreensão nesta jornada.

Ao Profº Dr.Tito Carlos Machado de Oliveira, pela orientação, ensinamentos, confiança e dedicação.

Ao Dr. Marçal Rogério Rizzo pela dedicação e tempo disposto na leitura do trabalho e participação nas bancas, no qual possibilitou novas visões e conhecimentos.

Ao Dr. Edgar Aparecido Costa pelas contribuições e conhecimentos que possibilitaram a lapidação e aprofundamento do trabalho.

Aos professores da UFMS, pelos conhecimentos e possibilidade de novos horizontes.

A Drª Edima Aranha Silva pelo incentivo nesta trajetória acadêmica e acolhimento na UFMS-CPTL no grupo PET, no qual onde começou a investigação pelo turismo.

A Drª Claudemira de Azevedo Ito pelo no início desta jornada e acolhimento na UNESP-FCT

A todos os companheiros do programa de pós-graduação, em especial aos amigos de viagens eventos e geladas, Tayrone pelas estadias e companhia no Bar Rui Moreira, ao Cristovão pelas críticas à geografia do turismo e exaltação na sua geografia da indústria, a Greisse, ao Ivan Soares pelas conversas geográficas e apoio.

E a todos que contribuíram diretamente e indiretamente para a realização deste trabalho.

RESUMO

Na atualidade a atividade turística tornou-se um dos principais motores da econômica mundial, estando em plena expansão. Esta atividade tem como característica apropriação e consumo dos espaços, tornando estes mercadorias valorizadas no mundo contemporâneo, criando novas territorialidades. O trabalho tem como objetivo a análise das novas territorialidades apresentadas no município de Panorama, localizado no Estado de São Paulo, a partir dos impactos provocados pela formação do lago artificial no rio Paraná enfatizando o turismo e o lazer. Panorama passou por grandes transformações que foram motivadas pela construção da Usina Hidrelétrica Sergio Motta, localizada em Porto Primavera, sendo este distrito do município de Rosana no Estado de São Paulo, que atende as lógicas globais, sendo que suas manifestações e impactos ocorrem no local. Entre as obras analisadas neste trabalho está a Ponte Mario Covas que faz a ligação entre os estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul que proporcionou novos fluxos. Estas obras foram analisadas sobre a vertente teórica de Milton Santos, consideradas sistemas de engenharia. Diversos fatores apontam que Panorama apresenta grande potencialidade para a instalação da atividade turística.

A atividade “turística” e o lazer tornam-se uma das principais atividades econômicas de Panorama. Atividade idealizada pelos gestores do território e pela Companhia Energética do Estado de São Paulo (CESP) foi potencializada pelo *marketing*, na criação de espaços turísticos e sua venda. Esta atividade mostra-se de modo perverso e contraditório, tanto em âmbito econômico, quanto em âmbito social, podendo ser a saída para o desenvolvimento, e também a porta para aumentar as desigualdades. Para a elaboração deste trabalho foram realizados trabalhos de campo, pesquisa bibliográfica, e análise temporal e espacial através do histórico do município e de fotografias. Por meio deste aporte teórico e metodológico, é possível compreender as novas dinâmicas territoriais que se instalaram neste município e analisar as políticas mitigadoras que foram realizadas pela CESP, suas relações com o turismo e lazer e as “marcas” territoriais.

Palavras-Chave: Turismo, Sistemas de Engenharia, Território, Panorama-SP, UHE Engenheiro Sergio Motta.

ABSTRACT

In nowadays, tourism activities became one of the main engines of the world economy, being in full expansion. This activity has like characteristics appropriation and consumption of territory, became this in goods valued in the contemporary, creating new territorialities. The school work has the goal to analyse the new territorialities presented in Panorama town located in São Paulo State, starting from impacts provoked by the formation of the artificial lake in the Paraná River, emphasizing the tourism and leisure. Panorama passed by big transformations which were motivated by the construction of Sergio Mota Hydroelectric. Located in Porto Primavera town in São Paulo State, which answers the global logics, being that their demonstrations and impacts occur in the local town. Among the constructions analyzed in the present work school, it is The Mario Covas Bridge which makes the connection between Mato Grosso do Sul and São Paulo States, which proportioned new flows. These constructions were analyzed on the theoretical side of Milton Santos, considered engineering systems.

Many factors point to that Panorama presented big potencial to have installed the tourism activities. The tourism activities and the leisure become one of the main economy activities in Panorama town. Activity devised by the managers of territory and by the Companhia Elétrica do Estado de São Paulo (CESP) were potentiated by the marketing, in the created of turistics points and their sold. This activity shows in a way so perverse and contradictory, as in the economic scope as in the social one, which can be the exit to development and also the door to increase the inequality. To achievement of this work school it was performed fieldwork, bibliography research and weather and territory analyze through the historic and photographics of the town. Through of the support of theoretical and methodological, it allowed to understand the new territories dynamics that installed in this town, and the possibility of analyze the mitigation policies which were realized by CESP and their relation with the tourism and leisure, and territorial brands

Key-words: Tourism, Engineering System, Territory, Panorama-SP, Engenheiro Sergio Motta Hydroelectric.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização do município de Panorama-SP.....	49
Figura 2: Região de Panorama após formação do lago	51
Figura 3: Planta do Município de Panorama SP 1949.....	53
Figura 4:Relatório sobre Panorama-SP	53
Figura 5: Primeira Serraria de Panorama	54
Figura 6: Rancho Alegre Hotel 1953	55
Figura 7: Trecho entre Panorama SP e Lucélia – SP.....	57
Figura 8: Caravana de compradores de terras 1953.....	58
Figura 9: Hotel Panorama (Companhia Panorama)	59
Figura 10: Paranoá Clube antigo Hotel Panorama.....	60
Figura 11: 1º. Cartório de Registro Civil e Tabelionato em 1953	61
Figura 12: Antiga Estação Ferroviária de Panorama	62
Figura 13: Estação que virou biblioteca	64
Figura 14: Imagem de Panorama-SP	65
Figura 15: Capela São José em 1959.....	66
Figura 16: Capela São José 2009.....	66
Figura 17: Rua Quintino Maudonett Década 1960.....	67
Figura 18: Rua Quintino Maudonett em 2010	69
Figura 19: Avenida Rodion Podolsky em 1956	69
Figura 20: Avenida Rodion Podolsky em 2011	70
Figura 21: Avenida Rodion Podolsky / Carnaval 2008.....	71
Figura 22: Porto Intermodal de Panorama em 1968	73
Figura 23: Primeira Balsa de Panorama 1953	74
Figura 24: Nova Balsa	75
Figura 25: Primeira Cerâmica de Panorama	76
Figura 26: Cerâmica em Panorama.....	77
Figura 27: Colônia de Pescadores Z-15 em 1953	78
Figura 28: Colônia de Pescadores Z-15 em 2012	78
Figura 29: Ponte de acesso à “Prainha”	79
Figura 30: “Prainha”	80

Figura 31: “Prainha” década de 70	80
Figura 32 : Área da atual UHE. Sergio Mota	85
Figura 33: Ponte Mario Covas.....	85
Figura34: Guias de pesca-Panorama	89
Figura 35: Vista aérea da ponte Mario Covas.....	89
Figura36: Vista loteamento Aldeia do Lago- Panorama	91
Figura 37: Antigo Balneário de Panorama-SP	93
Figura 38: Atual Balneário de Panorama-SP	93
Figura 39: Vista aérea do Município de Panorama-SP	98
Figura 40: Casa do Artesão de Panorama	100
Figura 41: 1ª Travessia do Rio Paraná de Panorama em 1956	101
Figura 42: Travessia do Rio Paraná de Panorama em 2011.....	102
Figura 43: Folder propaganda: Turismo em Panorama	105
Figura 44: Entrada de Panorama e seu Slogan Turístico	106

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Categoria de Atrativos Turístico	25
Quadro 2 Aspectos positivos e negativos dos impactos decorrentes da atividade turística.....	35
Quadro 3: Obras compensatórias em Panorama-SP pela CESP.....	88

LISTA DE SIGLAS E ABREVEATURAS

CESP	Companhia Energética do Estado de São Paulo
CLT	Consolidação das Leis Trabalhistas
CPT	Companhia Paulista de Transporte
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa
EMBRATUR	Instituto Brasileiro Turismo / Empresa Brasileira de Turismo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MS	Estado do Mato Grosso do Sul
ONU	Organização das Nações Unidas
OMT	Organização Mundial Turismo
PIB	Produto Interno Bruto
PNT	Plano Nacional do Turismo
PMNT	Programa Nacional de Municipalização do Turismo
PRT	Programa de Regionalização do Turismo
RPPN	Reservas Particulares de Proteção Natural
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas
SP	Estado de São Paulo
S/A	Sem Ano
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UHE	Usina Hidrelétrica
WTTC	World Travel & Tourism Council/Conselho Mundial de Viagens e Turismo

ÍNDICE

1.	INTRODUÇÃO	12
1.1	OBJETIVOS DA PESQUISA	14
1.2	REFLEXÕES SOBRE TRABALHO DE CAMPO E PROCEDIMENTOS DE COLETA	16
2.	APORTE TEÓRICO TURISMO	19
2.1	O TURISMO NO BRASIL	28
2.2	TURISMO E SEU DESDOBRAMENTO NO LOCAL	33
2.3	ABORDAGENS DO CONCEITO DE TERRITÓRIO	37
2.4	TERRITÓRIO E TURISMO.....	39
3.	PANORAMA ENTRE O “NOVO E O VELHO”	46
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	50
3.2	HISTÓRICO DE PANORAMA	54
3.2	PANORAMA E OS SISTEMAS DE ENGENHARIA – O Exemplo da UHE. Eng. Sérgio Motta e da ponte Mário Covas	82
3.4	OS DESDOBRAMENTOS DOS SISTEMAS DE ENGENHARIA EM PANORAMA.....	87
3.5	O LAZER E TURISMO EM PANORAMA.....	94
3.6	PRINCIPAIS ATRATIVOS TURÍSTICOS DE PANORAMA.....	98
4.	CONCLUSÃO : TURISMO EM PANORAMA?.....	112
5.	BIBLIOGRAFIA	117

1. INTRODUÇÃO

No Brasil e no mundo o turismo vem adquirindo importância, tornando-se uma das principais atividades econômicas, potencializando o setor terciário, apropriando espaços e transformando-os em mercadorias. O presente trabalho tem como ponto principal compreender as novas territorialidades que perpassam por Panorama, centrando no lazer e no turismo.

As novas dinâmicas territoriais que se fazem presente em Panorama foram motivadas pela construção da Usina Hidrelétrica Engenheiro Sérgio Motta, no distrito de Porto Primavera – SP que refletiu em Panorama – SP com a formação do lago artificial no Rio Paraná. Através deste evento houve impactos ambientais, sociais e econômicos. Entre os impactos ambientais pode ser citada a inundação de uma vasta área que atingiu a fauna e a flora local. Nos aspectos sociais estão a perda de espaços que refletiam a história do município e o deslocamento da população (forçada pela formação do lago) que vivia nas proximidades das margens do rio, que expõem os sentimentos de identidade e pertencimento. Os impactos econômicos estão focados na perda territorial e estrutural, no declínio da economia ceramista que era a principal atividade econômica. Diante dos impactos causados pela formação do lago, Panorama passou por várias transformações que refletem em novas formações territoriais, que perpassam pelos aspectos ambientais, sociais e econômicos.

Por causa dos impactos a Companhia Energética do Estado de São Paulo (CESP) realizou várias obras mitigatórias, dentre eles um balneário para a prática do lazer. Com a formação do lago as jazidas de argila ficaram submersas, dificultando sua extração que é a principal matéria prima do setor cerâmico. Com a falta de matéria prima, este setor que era o destaque de Panorama foi desestruturado, levando à falta de emprego, pois o município era dependente desta economia para a geração de postos de trabalho.

Perante a desestruturação do setor ceramista a CESP “vende” a ideia de que as obras realizadas, em contrapartida aos impactos, levam ao desenvolvimento social e econômico, pois criam novos arranjos territoriais que podem ser utilizados para geração de novas atividades econômicas. Os aspectos geográficos e de lazer em Panorama levaram a CESP e os gestores do município a conceber o “turismo”

como saída para geração de novos postos de trabalho, e que esta atividade poderia levar a ascensão social e econômica. Através das novas dinâmicas territoriais que se instalaram em Panorama este trabalho vem na perspectiva de analisar o lazer e o turismo, visto que há um distanciamento entre estas modalidades que será compreendido durante o trabalho. Para a compreensão dessas novas dimensões territoriais de Panorama se fez necessário o resgate histórico, fazendo contraponto com o presente. Como aporte teórico está presente neste trabalho as ideias de Santos, (1982 e 1994), Santos e Silveira (2003), Cruz (2002), Coriolano (2006), Haesbaert (2004), Saquet (2010), entre outros.

Logo, o estudo aprofundado sobre as novas dinâmicas territoriais de Panorama, enfatizado pelo turismo e lazer, busca contribuir para as discussões sobre a territorialidade turística e de lazer, mostrando suas principais abordagens e a manipulação desta atividade pelos gestores do território que através do *marketing* criam espaços “turísticos” ou turismo imaginário. Para tal, este trabalho está estruturado em três capítulos, como segue:

O primeiro capítulo consiste em apresentar o objetivo geral, objetivos específicos da pesquisa e as reflexões sobre trabalho de campo e procedimentos de coleta.

O segundo capítulo enfatiza o turismo, abordando os aspectos históricos desta atividade no mundo e no Brasil diante da lógica global/local. A conceituação teórica, analisando conceitos como: turismo, turista, atrativo turístico, equipamento turístico, entre outros. Ainda neste capítulo é desenvolvido o conceito de território, para a compreensão do desenvolvimento do território turístico.

Já o terceiro capítulo consiste em uma análise temporal de Panorama, enfatizando suas territorialidades. Esta estruturação histórica se desdobra em três momentos neste trabalho: O antes, refletindo sobre a história de Panorama, desde sua fundação, destacando sua localização e aspectos geográficos. O histórico vem sendo realizado entre o “velho e o novo” focando a evolução urbana e econômica e nas relações entre a sociedade e o espaço. No segundo momento são discutidas as grandes obras de engenharia, sobre a perspectiva de Milton Santos, colocado seus desdobramentos sobre Panorama, centrada na construção da UHE Sergio Motta e a Ponte Mario Covas. Visto estas obras como políticas que partem de movimentos globais e se manifesta no local, o terceiro momento deste capítulo, considerado como “depois”, desdobra sobre as mudanças no território e na paisagem. Sendo

abordadas as novas dinâmicas de Panorama, após a implantação dos sistemas de engenharia, ressaltando o lazer e o “turismo” realizando um enquadramento teórico desta atividade no município. Diante das novas configurações territoriais que se desdobram, são analisadas diversas visões da sociedade que compõem Panorama sobre a nova realidade vivenciada.

1.1 OBJETIVOS DA PESQUISA

A presente pesquisa intentou analisar a produção do território em Panorama, entre o turismo e o lazer, a partir da implantação da UHE. Sergio Motta que se situa no distrito de Porto Primavera. A partir da construção da usina hidrelétrica e a formação do lago artificial no rio Paraná o município de Panorama passou por transformações de várias ordens, das quais daremos ênfase ao turismo e ao lazer. Diante das novas territorialidades que vêm se materializando no município se faz necessária a compreensão do desdobramento sobre a sociedade. Ressaltando as mudanças de ordem econômica, que foram promovidas pelos impactos, e inserção de uma nova economia, que está alicerçada no ideário da CESP e representantes de Panorama, na tentativa de “vender” a ideia de desenvolvimento. Diante da ótica dos representantes da CESP, Panorama é uma cidade “turística”, e, a partir desta idealização, a pesquisa permeará sobre os conceitos e teorias turísticas para desvendar que tipo de atividade é realizada no município. Desde já fica a indagação que se Panorama é uma cidade turística ou apenas passou por uma estruturação que dá ênfase ao lazer, atraindo segundo Cruz (2001) turista de um dia ou turista que utiliza-se do turismo de pesca.

Assim, o trabalho/pesquisa realizado tem como foco principal compreender as novas territorialidades de Panorama através de uma análise espaço-temporal, dimensionando Panorama entre o turismo e o lazer. Entre os objetivos específicos que nortearam a pesquisa pode-se mencionar a análise das transformações ocorridas em Panorama, partindo da implantação da usina hidrelétrica Sergio Motta em seus aspectos socioeconômico e ambiental, dando ênfase ao turismo e ao lazer e aos aspectos políticos que delineiam os territórios sob a perspectiva global/local; e o entendimento do lazer e do turismo praticado em Panorama, pela ótica social.

Também são objetivos da pesquisa compreender as grandes obras, ou seja, sistema de engenharia, que proporciona novas qualidades ao território, e as relações entre sociedade e espaço; analisar o contexto histórico, realizando contraponto com o presente, entendendo as forças que dão movimento ao território; compreender as dinâmicas territoriais, entre o turismo e lazer de Panorama considerado relação fronteiriística entre os estados de Mato Grosso do Sul e São Paulo, destacando fatores que conferem novos desenhos ao território “turístico” e ao desenvolvimento regional; analisar as relações entre a população e a “nova” atividade econômica, abordando a inserção desta na atividade e no planejamento, bem como analisar o discurso dos representantes quanto às novas dinâmicas inseridas no território, colocando o turismo e o lazer em pauta, contrapondo com os impactos provocados pela CESP, e, por fim, compreender as transformações do território pelo turismo e lazer, através da influência dos investimentos e ações dos setores público e privado.

Assim sendo, para a realização da interpretação da criação e produção dos territórios “turísticos” e expansão do lazer em Panorama, a partir da implantação da usina hidrelétrica Sergio Motta, foram realizadas, revisão bibliográfica específica, para compreender os conceitos e temas que estarão presentes na discussão deste trabalho, busca histórico-documental e registros fotográficos do município de Panorama, que foram necessários para compreender as transformações dos distintos momentos do município, enfatizando a atividade “turística” e a expansão do lazer. Visitas *in-loco* e entrevistas abertas junto à secretaria municipal de turismo e autoridades locais (Secretário de Turismo, Prefeito), dando ênfase ao planejamento e inserção das atividades turísticas no município e a repercussão destas em âmbito regional.

1.2 REFLEXÕES SOBRE TRABALHO DE CAMPO E PROCEDIMENTOS DE COLETA

O trabalho de campo é de suma importância para o geógrafo, lhe proporcionando uma análise integrada da realidade, e uma visão além da paisagem, contribuindo para uma análise totalizadora. Neste sentido podemos falar que o trabalho de campo é uma ferramenta de excelência do geógrafo, onde este pode transpor e testar as teorias em seu laboratório, que é o espaço geográfico. Neste propósito Alentejano (2006) menciona:

Fazer trabalho de campo representa, portanto, um momento do processo de produção do conhecimento que não pode prescindir da teoria, sob pena de tornar-se vazio de conteúdo, incapaz de contribuir para revelar a essência dos fenômenos geográficos. (ALENTEJANO, 2006, p.57)

Desta forma a teoria deve anteceder o trabalho de campo, proporcionando um embasamento teórico-metodológico consistente para aplicá-lo em campo, contribuindo para a produção do conhecimento, ampliando a lente geográfica. Através do trabalho de campo o pesquisador se encontra em um novo mundo, o que lhe possibilitará entrar em contato com a realidade.

A produção do conhecimento implica em duas vertentes, a do pesquisador e da sociedade, pois, através dos trabalhos de campo coletam-se dados que elevam o conhecimento sobre a área estudada, que proporcionam o crescimento pessoal e profissional do pesquisador, e, poderão servir para o bem da sociedade ou não. Como mencionado, o trabalho de campo é uma ferramenta e tem diversos usos, podendo enfatizar a sociedade ou a dominação desta, sendo que, através do trabalho de campo é possível adquirir diversos dados e um conhecimento complexo da área estuda, utilizando a vivência deste espaço e a transposição teórica. Nesta perspectiva da visão além da paisagem e o entendimento do espaço como todo, Lourenço (1991) enfatiza:

O que se coloca prontamente é dar conta da diversidade paisagísticas de forma a não ficar nela, mas, ao contrario, a partir dela, ir além do imediato do aparente, do empírico. Para tanto, é necessário entendê-la como sendo manifestação exterior (fotografia) de um conteúdo (sociedade) que a define, elabora. (LOURENÇO, 1991, p.23)

Segundo ideias de Lourenço (1991), o trabalho de campo deve ultrapassar os limites da paisagem, neste sentido, esta visão ampla torna-se uma ferramenta que pode ter diversos usos, pela sua potencialidade de conhecer os espaços e desmistificar a realidade, podendo auxiliar a sociedade ou manipulá-la.

Para que esta ferramenta não seja banalizada e perca seu sentido, é necessário um planejamento, tanto teórico quanto para execução do trabalho de campo. Sendo papel do geógrafo realizar uma análise integrada entre a geografia física e humana, na qual Suertegaray (2002) menciona a importância da relação entre as duas geografias, pois ambas estão inter-relacionadas. A magnitude das geotecnologias possibilita uma análise geográfica detalhada, mas estas ferramentas não excluem o trabalho de campo, pois representam mais um auxílio aos geógrafos em seu trabalho.

Da técnica para a realidade tivemos a possibilidade de observar a cidade de Panorama antes da aplicação do questionário, mostrando multiplicidade de espaços numa mesma área, sendo que a área de pesquisa apresenta uma grande complexidade, pois temos uma nova atividade e resquício de outra. Neste sentido este espaço apresenta diversas leituras que dependerá do engajamento ou posição política de quem gesta o território e a pesquisa. Neste sentido, os trabalhos e a pesquisa atingiram mais que as expectativas ampliando os horizontes e qualificando estas práticas tanto no âmbito teórico quanto no prático.

Para esta análise, a pesquisa foi alicerçada no conceito de território e turismo que proporcionando um aporte teórico e metodológico para a compreensão das dinâmicas instaladas em Panorama. Quanto aos procedimentos foram utilizadas fotografias de distintos momentos para a análise temporal.

Foram realizadas entrevistas abertas formais e informais, com secretário municipal de turismo, prefeito, comunidade local, presidente da associação dos artesões, e comerciantes.

Esta foi das principais etapas da pesquisa que possibilitou avaliar os diversos discursos e interesses envolvidos. Os trabalhos de campo e entrevistas foram

realizados em datas distintas durante o ano de 2011/2012. Visto que o turismo e o lazer em Panorama sofrem com a sazonalidade, proporcionado diferentes análises, relativos a fluxo, circulação de turistas e visitantes, postos de trabalho durante o ano. Os trabalhos de campo foram realizados em períodos considerados de alta temporada, de março a outubro, destaque para o período que a pesca é permitida, e eventos como os que acontecem em feriado de carnaval. E em períodos de baixa temporada, de novembro a fevereiro, centrada na piracema, temporada em que a pesca é proibida. A sazonalidade reflete diretamente na população que vive do turismo e lazer em Panorama, principalmente, dos setores que depende diretamente da pesca. Neste sentido tornou-se importante a conversa com a população que depende do turismo / lazer. A conversa com turistas e visitantes foram fundamentais para compreender o sentido do lazer e turismo que se pratica em Panorama, apontando os aspectos positivos e negativos da atividade desenvolvida.

A pesquisa e o conhecimento da área de estudo proporcionaram novas visões que refletiram no aprofundamento da discussão e novas análises, incorporando as relações globais que se manifestam no local e a valorização do turismo em detrimento da sociedade.

Neste viés apresentado, houve um grande comprometimento para desmistificar as representações territoriais, formadas pelas idealizações dos representantes do município e pela CESP, na construção de uma cidade “turística”. Através das obras mitigatórias realizadas em Panorama, houve uma valorização dos elementos urbanos e naturais, que por meio do marketing, os gestores do território vêm mercantilizando os espaços, criando a imagem de uma cidade turística, que tem como foco a pesca. Esta tendência está relacionada com o declínio de outras atividades e, neste sentido, o município encara esta posição pela falta de opção e imposição frente aos impactos causados pela CESP. Desse modo, Panorama encontra-se entre o “turismo”, criado pelo marketing, e o lazer, que desponta desde a formação do município.

2. APORTE TEÓRICO TURISMO

O turismo vem adquirindo evidência no mundo atual / globalizado cujas interações e fluxos estão mais densos e a sociedade se modelando conforme as dinâmicas instauradas e, neste contexto, o turismo provoca modificações e novas formatações nas relações entre os agentes sociais e o espaço. Neste sentido Rodrigues (1996), menciona:

Num mundo globalizado o turismo apresenta-se em inúmeras modalidades, sob diversas fases evolutivas, que podem ocorrer sincronicamente num mesmo país, em escalas regionais ou locais. Expande-se em nível planetário, não poupando nenhum território [...]. É certamente um fenômeno complexo, designado por distintas expressões: uma instituição social, uma prática social, uma frente pioneira, um processo civilizatório, um sistema de valores, um estilo de vida – um produtor, consumidor e organizador de espaços – uma “indústria”, um comércio, uma rede imbricada e aprimorada de serviços. (RODRIGUES, 1996, p.17).

Esta atividade não é de exclusividade do mundo globalizado, ou então, como pensamos, fruto da economia moderna. Sendo que o turismo surge da curiosidade da sociedade, pelo prazer e lazer, tendo diversos motivos que pode transformar uma simples viagem em turismo. Há uma discussão acerca das viagens pelos pesquisadores, estas podem ou não serem turísticas, pois desde as antigas civilizações os deslocamentos da sociedade eram motivados pelas guerras, procura de melhores lugares ou mesmo para descobrir novas terras e massas continentais. Neste sentido não podemos caracterizá-los como viagem de turismo, uma vez que para caracterizar viagem de turismo devemos ter o elemento do prazer, a curiosidade e o lazer. Na discussão voltada à temporalidade do turismo e das viagens, Coriolano (2006), argumenta que:

Ao contrário do turismo, a viagem existiu desde o início da existência humana e ocorria por variados motivos: necessidade de suprir a sobrevivência, as guerras, os ritos sagrados, a busca da saúde. Evidentemente que, na Antiguidade, esses deslocamentos não tinham a conotação da viagem turística moderna. (CORIOLANO, 2006, p.22)

Diante dos apontamentos teóricos sobre o turismo enquanto atividade, e as viagens, verifica-se que os deslocamentos primitivos não se caracterizam como turismo, por não contar com o lazer. Para Coriolano (2006),

O turismo é um fenômeno dos tempos modernos, uma invenção do capitalismo, portanto, é relativamente recente. Surgiu quando o homem descobriu o prazer de viajar, não apenas por necessidade e obrigação, mas por ser algo prazeroso, forma de gozo, até se transformar em uma mercadoria como objeto de desejo e de felicidade. (CORIOLANO, 2006, p.21).

As primeiras viagens consideradas turísticas são os “Grand Tour”, organizadas no sec. XVIII, sendo um turismo de caráter educacional, iniciou-se antes do turismo de lazer com as viagens de estudos dos jovens da nobreza inglesa, Sendo hoje intitulado de turismo pedagógico. Sobre o Grand Tour, Andrade (2000), enfatiza que:

O Grand Tour, sob o imponente e respeitável rótulo de “viagem de estudo”, assumia o valor de um diploma que lhes conferia significativo status social, embora – na realidade – a programação se fundamentasse em grandes passeios de excelente qualidade e repletos de atrativos prazerosos (...). Os ingleses, importantes e ricos, consideravam detentos de cultura apenas quem tivesse sua educação ou formação profissional coroada por um Grand Tour através da Europa (...). (ANDRADE, 2004, p.9).

Neste sentido Andrade (2004), menciona que nos séculos XVIII e XIX as famílias nobres enviavam seus filhos para estudarem nos grandes centros culturais da Europa, acompanhados de seus competentes e ilustres preceptores. Sendo estas viagens rotuladas como “Grand Tour”.

Através da história do turismo e suas primeiras iniciativas e sentidos, podemos verificar sua constante transformação e seu novo sentido no mundo contemporâneo. A viagem a lazer, em busca do saber, ou mesmo para um prazer vem de longa data, mas na atualidade as viagens e o turismo vêm se dinamizando pela economia, passando a ser pensado como um ativo econômico e uma prática social, o que nos permite uma análise mais profunda e complexa sobre a temática. Através das viagens e da necessidade do homem sair do seu cotidiano, surge o

turismo como mecanismo econômico e prática social que age sobre o território, criando novas dinâmicas. Nestas perspectivas, segundo Coriolano (2006):

O turismo estudado como fenômeno envolve diferentes abordagens, e em qualquer uma delas faz-se necessário destacar o papel do espaço na reestruturação do sistema econômico e do próprio território. Nessa atividade interagem lugares, mercados, pessoas, empregos, trabalho, políticas como força motriz do desenvolvimento regional. (CORIOLANO, 2006, p.40)

O turismo ganha fôlego e sua massificação com a revolução industrial, sendo este período de grande importância, no qual a sociedade adquire novos comportamentos e novas necessidades. O turismo de massa vem ganhando importância na atualidade, neste cenário sua conceituação é confundida como turismo popular. Neste sentido Cruz (2001) destaca que:

...é preciso reconhecer que “turismo de massa” não significa “turismo das massas”, pelo simples fato de que as massas não fazem turismo. O turismo de massa é uma forma de organização do turismo que envolve o agenciamento da atividade bem como a interligação entre agenciamento, transporte e hospedagem, de modo a proporcionar o barateamento dos custos da viagem e permitir, conseqüentemente, que um grande número de pessoas viaje. Faz-se necessário lembrar, entretanto, que essa quantidade de pessoas que viaja está muito longe de corresponder ao total da população mundial e muito longe, portanto, de corresponder à massa da população do planeta. (CRUZ, 2001, p.6)

Com a popularização do turismo, este passa a ser umas das necessidades do mundo moderno, impulsionando o consumo de mercadorias e espaços, neste viés Coriolano (2006) apresenta:

Na sociedade industrial, a atividade tornou-se um fenômeno de massa, estandardizado, podendo atender a um maior número de pessoas das classes médias. Passou a gerar lucros e divisas, algumas vezes, às custas de degradações, descaracterizações espaciais e discriminações sociais. (CORIOLANO, 2006, p.32).

Com o trabalho e o mundo urbano cria-se uma rotina que é quebrada com as férias, sendo este momento de lazer e oportunidade de sair do seu cotidiano para

restabelecer suas “energias” quanto o homem força e trabalho do sistema. Neste sentindo pode-se relacionar a expansão do turismo com a ótica capitalista, cujo próprio sistema cria a dependência do descanso e consequentemente do lazer e do turismo. Para demonstrar estes aspectos da vida moderna, Coriolano (2006), ressalta:

Na vida moderna tanto a sensação de que o trabalho é estressante, quanto o frequente corre-corre citadino fez priorizar a necessidade de lazer e da busca da felicidade, fora deste cotidiano. Na representação de muitos indivíduos, encontrá-la implica sair do mundo real, do trabalho, viabilizado pela viagem turística. Muitos acreditam que a felicidade é facilmente encontrada fora do cotidiano. (CORIOLANO, 2006, p. 23).

A atividade turística é valorizada com o capitalismo que implanta a necessidade do lazer na sociedade, com as férias ou momento de ócio no qual a sociedade pode desfrutar e sair do seu cotidiano. Neste viés Bertoncello (1996, p. 209) aponta que “O hábito de viajar e fazer turismo está hoje plenamente incorporado à sociedade de consumo como uma necessidade, e sua satisfação dá lugar ao desenvolvimento de atividades específicas de grande importância”.

Nesta ótica o capitalismo começa a comercializar os espaços, criando espaços artificiais, movendo novas territorialidades, tornando história, pessoas, a natureza, em mercadorias e comercializando-as. No mundo globalizado, industrial e urbano, novas modalidades de turismo surgem como o turismo de aventura, ecoturismo, turismo rural, sendo inseridas na visão da fuga do urbano, da poluição, estes são alguns paralelos entre turismo e sua potencialidade e conotações que vem recebendo ao longo do tempo. Estas conotações apresentadas também são mencionadas por Coriolano (2006):

O lazer, sendo necessidade vital, é realizado por todas as pessoas e pode ser efetivado sem gastos. O turismo é este lazer transformado em mercadoria. É um lazer sofisticado que exige viagem, portanto, uma invenção da sociedade de consumo, respondendo necessidades, não diretamente do homem, mas do capital. (CORIOLANO, 2006, p.217)

O turismo apresenta várias defasagens quanto ao seu corpo teórico, pois depende de diversas áreas e isso provoca diversas visões sobre a temática. O

turismo depende da economia, geografia, administração, entre outras áreas que em conjunto formam o turismo. Mas no âmbito da pesquisa esta interdisciplinaridade cria vários debates conceituais, dificultando uma sistematização teórica e metodológica. Entre os debates inicia-se pelo próprio nome: O que é turismo? O debate está presente na academia e ganha visões diferenciadas dependendo do profissional que estará analisando.

Há a necessidade de uma sistematização conceitual e metodológica, frente a temática turística, sendo que essa atividade apresenta um dos motores da economia mundial e um grande modelador do espaço, sendo necessário o planejamento e políticas que fiscalizem e potencializem-na. Neste sentido o turismo necessita de maior atenção no âmbito da pesquisa para que apóie o desenvolvimento social e não ao seu esvaziamento.

Com a valorização do turismo pela ótica capitalista, essa atividade tornou-se uma ferramenta de exploração do espaço, transformando-o em mercadoria como um todo: a história do local, as pessoas, a arquitetura, tudo vira mercadoria no turismo. Neste sentido a importância de uma sistematização teórica para que alcance a realidade e a potencialidade de cada espaço turístico. Mas vale ressaltar que o turismo muitas vezes é visto de forma técnica e com conceitos que embase o capitalismo na sua apropriação espacial. E, por esta razão, a geografia tornou-se uma ferramenta de gestão do espaço e desmistificadora do processo de mercantilização do espaço pelo turismo. Na onda da globalização, cujas redes e os fluxos estão mais acentuados, há uma proporção maior do fluxo de turistas no mundo, modificando o sentido dos espaços. Todo espaço dito turístico deve ser planejado para que não altere suas características naturais e sociais, e que apenas leve o desenvolvimento socioeconômico dos atingidos pela atividade turística.

O turismo está associado ao movimento em diversas formas e em diversos contextos, o que nos permite diversas análises sobre esta atividade, pois o fluxo e as mercadorias – “espaços” – se modificaram no curso da atividade turística e, neste sentido se fez necessária uma conceituação acerca das teorias voltadas ao turismo.

Com as transformações na sociedade que influencia diretamente o turismo, torna-se importante a sua definição (turismo) para uso acadêmico e planejamento desta atividade. Para OMT (2001), turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer,

negócios, entre outros. Cruz (2003, p.5) compreende que o turismo “é antes de mais nada uma prática social que envolve o deslocamento de pessoas pelo território e que tem no espaço geográfico seu principal objeto de consumo”. Na visão de Coriolano (2006), o “turismo é uma modalidade de lazer e entretenimento que exige viagem, deslocamento de pessoas, consumo, tempo livre e uso de equipamentos por mínimos que sejam como transportes hotéis, pousadas e restaurantes”.

Na concepção de Andrade (2004, p.38), “turismo é o complexo de atividades e serviços relacionados aos deslocamentos, transportes, alojamentos, alimentação, circulação de produtos típicos, atividades relacionadas aos movimentos culturais, lazer e entretenimento”.

Diante das definições apresentadas, a OMT difere-se com uma colocação mais técnica, abrindo a possibilidade para outras interpretações sobre o conceito de turismo. As conceituações e preocupação teórica/ metodológica acerca do turismo são recentes, focando estudos de diversas áreas, o que dificulta o debate e uma proposta teórica. Para a OMT há uma grande segmentação turística, o que fica claro que toda viagem é considerada turística, mesmo as viagens de negócio, o que abre uma discussão para o que é lazer e se o turismo deve estar relacionado apenas com o lazer e o prazer. Ao mesmo tempo em que esta conceituação abre a possibilidade de relacionar todas as viagens como turísticas, ela se limita quanto a pernoite e o tempo de permanência, o que exclui o turismo de curta distância.

Em uma visão menos técnica podemos colocar a utilização do território, pois, a partir do momento que o turista se desloca de seu território para outro pode ser considerado turismo, uma vez que este estará fora de sua realidade, vivenciando outra cultura, hábitos, consumindo tanto mercadorias quanto os espaços mercantilizados pela ótica capitalista. O turismo pode ser conceituado através do consumo de territórios, já que estes são equipados de cultura, identidade, economia, no momento que uma pessoa sai de seu território, ela entra em contato com o outro e outro território, o que pode ser considerado turismo, analisando do ponto de vista de que está praticando lazer, e isso também lhe proporciona prazer e, pelo lado capitalista, está consumindo o que este território oferece, movendo a dinâmica econômica desta atividade.

As colocações acima nos mostram as lacunas de cada uma e sua complementaridade, sendo que as colocações são opostas uma de caráter técnico, que visa o lado econômico, enquanto a outra apresenta um caráter humano e uso do

território, que pode ser interpretado também pelo viés econômico. A definição da OMT é validada, uma vez que, através dela, podemos analisar que mesmo em uma viagem de negócios, o turista pode estar usufruindo e consumindo os territórios e seus atrativos turísticos, mas fica limitado pelo tempo de permanência, o que pode ser complementado com a segunda visão, que basta se deslocar de seu cotidiano e consumir o território.

Outro conceito importante para compreender a dinâmica do turismo é o de turista. Conceito que adquiriu várias conotações ao longo do tempo, e que trabalha com o principal ativo desta atividade. Em 1954, a Organização das Nações Unidas (ONU), conceituou turista como:

Toda pessoa sem distinção de raça, sexo, língua e religião que ingresse no território de uma localidade diversa daquela em que tem residência habitual e nele permaneça pelo prazo mínimo de 24 horas e máximo de seis meses, no transcorrer de um período de 12 meses, com finalidade de turismo, recreio, esporte, saúde, motivos familiares, estudos, peregrinações religiosas ou negócios, mas sem proposta de imigração.

Para o Ministério do Turismo (2007) Turista é o, “viajante que se desloca para um ou mais locais diferentes de sua residência habitual, e lá permanece por mais de vinte e quatro horas, mas com a intenção de retorno. Além disso, não participa do mercado de trabalho no destino”. Ao contrario do conceito de turista, centra-se o de excursionista ou viajante de um dia, que apresenta as mesmas características do turista, exceto a “pernoite”, sendo este o diferencial entre os conceitos. Andrade (2004) expõe sobre os conceitos:

Para designar quem viaja e permanece menos de vinte e quatro horas em receptivo ou localidade que não seja o de sua residência fixa ou habitual, com as mesmas finalidades que caracterizam o turista, mas sem pernoita no local visitado, usa-se o termo excursionista ou viajante de um dia. (ANDRADE, 2004, p.44)

Para o funcionamento da atividade turística é necessário equipamentos turísticos, que remete as infraestruturas e aos serviços. Para o Ministério do Turismo (2007), equipamentos e serviços turísticos são o “conjunto de serviços, edificações e instalações indispensáveis ao desenvolvimento da atividade turística e que existem

em função desta. Compreendem os serviços e os equipamentos de hospedagem, alimentação, agenciamento, transportes, eventos, lazer, etc.”

Os atrativos turísticos são espaços naturais ou criados para atrair visitantes e turistas. O *marketing* entra como elemento fundamental para potencializar estes espaços, tornando-os turísticos. Em relação aos atrativos turísticos, há vastas definições que atende aos interesses ocultos do turismo. Para Beni (2008) os atrativos turísticos podem ser considerados um dos elementos principais do produto turístico, afinal, é com o objetivo de visitar os mesmos que os turistas se deslocam até uma determinada localidade, além disso, cada atrativo possui a sua particularidade. Na visão da EMBRATUR (1992), o atrativo turístico representa lugares, objetos ou acontecimentos de interesse para o turismo, aos quais podem acrescentar hábitos e costumes dos povos, como elementos imateriais relevantes para o campo do turismo. Os atrativos podem ser classificados de acordo com as potencialidades naturais ou humanizados de um território turístico, conforme a estrutura do Quadro 1, elaborado pelo Ministério de Turismo (2007):

Quadro 1: Categoria de Atrativos Turístico

Categorias	Definições	Exemplos
Atrativos naturais	Elementos da natureza que, ao serem utilizados para fins turísticos, passam a atrair fluxos turísticos.	Montanhas, rios, ilhas, praias, dunas, cavernas, cachoeiras, clima, fauna, flora etc.
Atrativos culturais	Elementos da cultura que, ao serem utilizados para fins turísticos, passam a atrair fluxo turístico. São os bens e valores culturais de natureza material e imaterial produzidos pelo homem e apropriados pelo turismo, da pré-história à época atual, como testemunhos de uma cultura.	Artesanato, gastronomia, museus, festas e celebrações, manifestações artísticas etc.
Atividades econômicas	Atividades produtivas capazes de motivar a visitação turística e propiciar a utilização de serviços e equipamentos turísticos.	Fabricação de cristais, agropecuária, extrativismo etc.
Categorias	Definições	Exemplos
Realizações técnicas, científicas e artísticas	Obras, instalações, organizações, atividades de pesquisa de qualquer época que, por suas características, são capazes de motivar o interesse do turista e, com isso, propiciar a utilização de serviços e equipamentos turísticos.	Museus naturais, observatórios, aquários etc.
Eventos programados	Eventos que concentram pessoas para tratar ou debater assuntos de interesse comum e negociar ou expor produtos e serviços; podem ser de natureza comercial, profissional, técnica, científica, cultural, política, religiosa, turística, entre outras, com datas e locais previamente estabelecidos. Esses eventos propiciam a utilização de serviços e equipamentos turísticos.	Feiras, congressos, seminários etc.

Fonte: Ministério do Turismo: Roteiros do Brasil. Programa de Regionalização do Turismo (2007).

O conceito de atrativo nos remete a mercantilização dos espaços e toda sua materialidade cristalizada. Neste sentido as tradições e culturas viram produtos turísticos que podem ser incorporados aos roteiros. Na visão mercadológica dos espaços turísticos e na busca do novo ou fuga do cotidiano Coriolano (2006) retrata que:

O turismo, contudo requer lugares especializados, aloca-se nos mais bonitos e conservados; isto é uma solicitação da própria atividade, considerando que o turista está comprando um serviço caro e, sobretudo, fugindo dos problemas nos pólos emissores, não querendo encontrá-los nos receptores. (CORIOLANO, 2006, p. 223).

Os conceitos apresentados mostram duas vertentes, o caráter técnico dos conceitos que visam a lógica do mercado, na tentativa de reforçar a venda dos espaços e manipular o consumo, que se encontra em um estágio voraz, norteados pela globalização. E o caráter acadêmico que visa ampliar a visão sobre este fenômeno que consome os espaços, pensando na integração social destes com esta economia que a cada dia torna-se mais representativa. Com a técnica os espaços passam por mudanças bruscas para atender o capital e sua ampliação. O turismo visto como segmento do capital aproveita tanto das técnicas quanto do próprio sistema que o impulsiona. Na criação dos espaços e novas configurações do turismo, quanto necessidade humana, Santos (2000) mostra como a tecnologia produziu outro “lugar turístico”:

Saímos de um lazer artesanal localizado para um lazer industrial globalizado, de um lazer entranhado na sociedade a um lazer automatizado. Essa automatização fez do lazer uma indústria, uma operação onde as diversas peças foram um sistema, seja ele o turismo ou o esporte ou qualquer sorte de divertimento. As revoluções dos transportes, do som, da imagem, das telecomunicações fazem a integração de lugares e de suas formas de representações, como: imagem, som e mensagem gerando interatividade, com maiores possibilidades de relação e de respostas mútuas entre residentes e turistas. Contudo, a grande contradição está no fato de que em vez de se ter um conhecimento mais verdadeiro dos lugares, com sua variedade de combinações e

escolhas, com a produção mercantil enviesada de imagens do mundo e de imagem das pessoas, estamos sob a ameaça permanente da manipulação. A imagem estereotipada ameaça substituir o gosto pela fantasia e pela descoberta. (SANTOS, 2000, p.32).

2.1 O TURISMO NO BRASIL

O turismo, como se pode verificar, não é uma atividade restrita do mundo sucessor. Quando analisamos o turismo em âmbito mundial verificamos um grande fluxo de pessoas, principalmente, nos países denominados desenvolvidos. Este fluxo em âmbito internacional está relacionado a diversos fatores como infraestrutura turística, atrativos, planejamento e, principalmente, o marketing.

Dados apresentados pela OMT mostram a importância e o crescimento deste setor em escala global. Entre 1999 e 2010, o fluxo internacional de turistas no mundo registrou crescimento de 49%, enfatizando a magnitude deste, tornando uma das principais economias do mundo. Diante do crescimento desta atividade, Moesch (2000), menciona que:

O turismo nasceu e se desenvolveu com o capitalismo. A cada avanço capitalista, há um avanço do turismo. A partir de 1960, o turismo explodiu como atividade de lazer, envolvendo milhões de pessoas e transformando-se em fenômeno econômico, com lugar garantido no mundo financeiro internacional. [...] (MOESCH, 2000, p.9)

O Brasil apresenta uma grande potencialidade para agregar valor em seu território, tornando-se uma grande potência turística. Segundo a OMT em 2011 o Brasil atraiu 0,5% do fluxo de turistas internacionais, o que sinaliza que este segmento tende a expandir, tornando-se uma das principais atividades econômica do país. Em 2011, cerca de cinco milhões de turistas estrangeiros tiveram o Brasil como destino, gastando em torno de R\$ 12,5 bilhões, segundo dados da *World Travel & Tourism Council* (WTTC).

O aumento da renda média, a oferta de crédito e o barateamento do custo das passagens aéreas – redução média de 34% nos últimos 10 anos (dados do Ministério do Turismo) – proporcionaram às classes C, D e E que viajassem mais

dentro de nosso país. Segundo OMT em 2011 o turismo cresceu 4,4 % no mundo e 11,7% no Brasil. Os dados apresentados mostram que o Brasil ainda não se despoja entre os principais polos turísticos em ordem internacional. Mas apresenta potencial para expandir e tornar-se um dos principais destinos turístico do mundo, ressaltando sua potencialidade em âmbito natural, valorizado no mundo moderno urbano. Focando a produção de espaços e relacionando com as potencialidades turísticas do Brasil, Carlos (1996) enfatiza que:

Cada vez mais o espaço é produzido por novos setores de atividades econômicas como a do turismo, e desse modo praias, montanhas e campos entram no circuito da troca, apropriadas, privativamente, como áreas de lazer para quem pode fazer uso delas. (CARLOS, 1996, p. 25).

Em escala internacional os dados apresentados mostram a discrepância e a importância econômica do turismo em ordem global, no qual os países subdesenvolvidos apresentam menor dinamismo por conta da falta de infraestrutura e políticas que norteiem o turismo nestes países. Entre as características do turismo em países subdesenvolvidos está a falta de planejamento, profissionalismo, investimento e mentalidade turística. Pode-se caracterizar parte do turismo praticado ou vendido em países pobres como amador. O amadorismo nesta atividade leva à falta de comprometimento com o social e o ambiental, visto que se apropria e modifica os ambientes, devendo ser pensado e planejado por todos os envolvidos.

O turismo como prática social deve extrapolar o sentido do lazer, devendo ser realizado de forma planejada com pessoas qualificadas para que leve ao desenvolvimento econômico e à ascensão social da comunidade.

No Brasil o turismo apresenta as características mencionadas acima, praticado em sua maior parte sem responsabilidade e comprometimento com o social, sem planejamento, comprometendo o desenvolvimento socioeconômico. O Brasil apresenta um grande potencial turístico seja pela sua cultura, histórico, mas principalmente pelo seu potencial natural que vem sendo valorizado no mundo atual. Diante de sua potencialidade o turismo pode ser uma saída para alavancar a economia e o desenvolvimento, principalmente, em base local. Mas para levar o desenvolvimento deve-se pensar em várias óticas, principalmente, na sociedade presente e nos turistas, não observando apenas o potencial econômico. O turismo,

visualizado apenas pelo econômico e sem planejamento, pode ser a saída para o crescimento socioeconômico ao mesmo tempo que, a má utilização do espaço e a deterioração deste, pode levar a atividade turística ao fim, pois, o turismo depende do espaço natural ou modificado para a realização desta atividade. Neste aspecto Rizzo (2010) enfatiza que o turismo no Brasil

...só não é maior por alguns motivos, dentre os quais os quais a carência de infraestrutura completa de serviços turísticos; o nível insatisfatório de segurança; a falta de infraestrutura adequada ao turista e carência de investimentos na divulgação do Brasil para o exterior e internamente. (RIZZO, 2010, p. 202)

O turismo no Brasil passou por várias fases, mas sua cristalização iniciou-se na década de 1960, com mudanças estruturais e sociais. Com a expressão da urbanização na década de 1950, nova mentalidade abarcou a sociedade brasileira e novos padrões de consumo, dito do mundo “moderno”, entre eles o lazer e as viagens. O capitalismo como criador da necessidade do ócio e do lazer, representado pelas férias impulsionou o lazer e o turismo em ótica mundial. No Brasil com a evolução da industrialização e a consolidação da CLT (Consolidação de Leis Trabalhista) com direitos, como férias entre outros, criando condições para um novo mercado, que explora o lazer e o turismo. Entre os fatos que proporcionou uma visão turística no Brasil está a Copa do Mundo realizada no Rio de Janeiro em 1950, contribuindo para a divulgação das potencialidades turísticas do Brasil no exterior, divulgando a cultura e os atrativos naturais, atraindo turistas estrangeiros ao país.

Na década de 1970, a atividade turística adquiriu importância mundial e passou a ser inserida no contexto político como uma atividade econômica capaz de resolver os problemas das localidades mais estagnadas. Na década de 1990 o mundo entra em uma nova fase, intitulada globalização, onde os meios tecnológicos ficam mais presentes no mundo, configurando o espaço e acelerando as relações sociais e econômicas, tornando o espaço propício para receber as dinâmicas turísticas, tornando o local em espaços globais, através do marketing e do consumo. Nesta fase (globalização) o turismo adquiriu novas conotações e relações, neste sentido Rizzo (2010) menciona que:

Já no sentido do prisma da globalização, hoje a concorrência pelo turista também é globalizada e internacionalizada, o que exige, das empresas, dos atrativos, dos meios de hospedagem e dos municípios, uma constante e rápida atualização das informações aos turistas. Cada vez mais, o turismo demanda uma profissionalização, deixando de ser algo amador. (RIZZO, 2010, p.206)

Entretanto o Brasil apresenta escassez de estudos e pesquisas que focam o mercado turístico, o que dificulta a compreensão das dinâmicas desta atividade e seus desdobramentos nos locais que se desenvolvem espontaneamente a atividade turística, sem nenhum tipo de planejamento ou análise dos impactos que a atividade poderia provocar nas comunidades.

Em relação à formalização da atividade turística e suas políticas no Brasil, em 1958, o Governo Federal criou a Comissão Brasileira de Turismo, sendo extinta em 1961, surgindo em seu lugar, em 1962, a Divisão de Turismo e Certames do Ministério da Indústria e Comércio. Diante do crescimento da atividade no Brasil e vista como política de desenvolvimento local, em 1996 foi criado o documento instituindo a Política Nacional de Turismo, mas alguns programas de desenvolvimento já haviam sido criados em 1995, como o PNMT (Programa Nacional de Municipalização do Turismo), visando tanto descentralizar o desenvolvimento da atividade quanto identificar os municípios brasileiros com potencial turístico. Como menciona Rizzo (2010):

Com relação à institucionalização do turismo no Brasil, houve um importante avanço no primeiro governo do presidente Fernando Henrique Cardoso: ano de 1995 foi implantado o Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT), que foi concebido para dar mais autonomia aos municípios para o planejamento do turismo, já que cada município possui características próprias como patrimônio ambiental, cultural e mesmo tradições e costumes de cada população. (RIZZO, 2010, p.195)

No sentido de uma estruturação e planejamento da atividade turística, o Governo Federal criou o Ministério do Turismo em 2003, elaborando o Plano Nacional do Turismo (PNT), com o objetivo de incrementar a atividade no Brasil, através da criação de novos polos turísticos norteando políticas e recursos na divulgação e promoção internacional. Segundo o PNT (2007/2010):

O turismo no Brasil contemplará as diversidades regionais, (...) a criação de emprego e ocupação, a geração e distribuição de renda, a redução das desigualdades sociais e regionais, a promoção da igualdade de oportunidades, o respeito ao meio ambiente, a proteção ao patrimônio histórico e cultural e a geração de divisas (...) (BRASIL – PNT 2007/2010)

Diante das políticas instituídas para fundamentar e garantir o desenvolvimento do turismo no Brasil, novas políticas foram incorporadas e modificadas para atender as necessidades e as peculiaridades de cada região e município, neste seguimento Rizzo (2010), enfatiza que:

Voltando para o campo institucional, outro passo importante veio ocorrer no governo do presidente Luis Inácio da Silva, quando o PNMT foi revisto e substituído pelo Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil (PRT), que passou a planejar e executar o turismo no espaço regional, entretanto sem extinguir as responsabilidades dos municípios. O PNMT, já se destacavam, como objetivos a melhoria das condições de vida das comunidades receptoras, como geração de postos de trabalho, e a melhoria na distribuição de renda. (RIZZO, 2010, p. 200)

Com a criação do Ministério do Turismo e o desenvolvimento de suas políticas, esta atividade ganha representatividade territorial e a possibilidade de se tornar um ativo social, levando desenvolvimento socioeconômico. Nesta perspectiva PNT (2006), aponta que:

A regionalização do turismo, implantada pelo Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil, lançado em abril de 2004, propõe a estruturação, o ordenamento e a diversificação da oferta turística no país e se constitui no referencial de base territorial do Plano Nacional do Turismo. (PNT, 2006)

Através deste cenário é possível verificar a importância desta atividade para o país e que, através de seu planejamento, pode levar o desenvolvimento da comunidade atingida. Com a criação do Ministério do Turismo abre a possibilidade

de planejamento e de nortear as políticas voltadas para este setor, reavaliando ambas as partes em que o turismo atinge: o turista e a população local.

2.2 TURISMO E SEU DESDOBRAMENTO NO LOCAL

O turismo tornou-se um setor de grande magnitude e, atualmente, se destaca como uma das principais atividades econômicas. Mas, esta atividade não vem chamando atenção apenas pelo seu potencial econômico, também, por sua capacidade de transformar espaços, criar novas dinâmicas, entre outras funções que chamam a atenção dos pesquisadores de diversas áreas, pois, passa desde estudos econômicos até a sustentabilidade. Nestes aspectos Caracristi (1998) ressalva que:

É uma atividade que, principalmente nas últimas décadas, vem influenciando de maneira decisiva o espaço em que vivemos produzindo transformações econômicas, sociais e ambientais significativas: Atualmente a indústria turística é a atividade que mais cresce no contexto econômico mundial. (CARACRISTI, 1998, p.407)

Como abordado anteriormente, o turismo surge como uma das principais engrenagens de acumulação do capitalismo, inserindo no espaço novas estratégias que são comandadas por diversos setores da sociedade, neste sentido Coriolano (2003), enfatiza:

O turismo é uma das mais novas modalidades do processo de acumulação, que vem produzindo novas configurações geográficas e materializando o espaço de forma contraditória, pela ação do Estado, das empresas, dos residentes, e dos turistas. (CORIOLANO, 2003, p. 42).

Nas perspectivas apresentadas sobre o produto e consumo do turismo, este tem como sua principal mercadoria o espaço, apropriando-se dos elementos naturais, tornando-os comercializável ou economicamente viáveis para a sua exploração. O turismo tem grande capacidade de transformar os espaços, e os

agentes que estão inseridos nestes, como a população, o comércio, entre outros. Nesta linha de pensamento Coriolano (2003) menciona:

O capital ao transformar o espaço em mercadoria, faz surgir novas atividades econômicas, como o ramo econômico das atividades do lazer e do turismo e do lazer. O turismo provoca profunda mudança sócio-espacial, redefine as singularidades espaciais além de reorientar os usos. (CORIOLANO, 2003, p.32)

O turismo pode ser visto em duas direções, uma pela possibilidade de levar desenvolvimento a população local, aumentando os postos de trabalho, melhorando as infraestruturas que são utilizadas pela comunidade local e pelos turistas, a outra pela ótica de oferecer ótimos serviços aos turistas e manter a atividade ativa de modo sustentável, valorizando as representações culturais e a organização da sociedade. Para muitos municípios brasileiros o turismo é a única fonte de renda, principalmente as pequenas cidades que não estão inseridas no contexto da industrialização ou não se especializaram, e contam com atrativo turístico, seja ele cultural, natural, tornando-se a única fonte de renda da população. Diante da possibilidade do turismo elevar a qualidade da comunidade envolvida, Veloso (2003), menciona que:

Os vários tipos de turismo praticados no mundo todo tornam essa atividade uma grande opção de desenvolvimento. É preciso que cada local defina em que tipo ou tipos de turismo suas características se enquadram, de acordo com o potencial da região. Essa definição é importante não só para passar para os visitantes a informação sobre os tipos de turismo que a localidade oferece, como também para orientar os que querem investir no setor. (VELOSO, 2003, p.13)

Para a realização da atividade turística é necessário levar em consideração vários pressupostos como planejamento, inserção da população, conhecimento turístico e profissionalismo, para que a atividade proporcione o desenvolvimento local e que a prática deste seja de modo “sustentável” pelo viés de que o turismo não deteriore as infraestruturas, atrativos, equipamentos, o que pode levar a decadência desta atividade. Para que seja duradouro, esta atividade deve passar por um planejamento adequado, pensando desde a recepção dos turistas, de acordo

com a modalidade turística praticada, até infraestrutura adequada, entre outros elementos que se fazem importante para o desenvolvimento da atividade. Em relação ao planejamento turístico, Trigo (2001), aborda que:

O planejamento turístico é o processo que tem como finalidade ordenar as ações humanas sobre uma localidade turística, bem como direcionar a construção de equipamentos e facilidades, de forma adequada, evitando efeitos negativos nos recursos que possam destruir ou afetar sua atratividade. (TRIGO, 2001, p.67).

O planejamento tornou - se uma ferramenta essencial para a atividade turística, proporcionando o ordenamento dos investimentos, da manutenção das infraestruturas e equipamentos turísticos, evitando a deterioração destes, o que pode levar ao fim da atividade.

Entre outros aspectos relevantes ao turismo estão os impactos positivos e negativos, dos quais se destacam os ambientais socioculturais e econômicos. O turismo se caracteriza pela apropriação dos espaços, tornando-os mercadorias que são consumidas pelos turistas e que podem levar a degradação destes, necessitando de monitoramento e planejamento, evitando que os impactos negativos levem a decadência desta atividade, que podem ser irreversíveis. Por outro viés, esta atividade realizada de maneira planejada, pode levar ao desenvolvimento em vários aspectos, como o social, ambiental, estrutural e econômico. Em relação aos impactos positivos e negativos motivados pelo turismo, segue mais abaixo o Quadro elaborado pelo Ministério do Turismo (2007), segmentado entre os impactos ambientais, sociocultural e econômico.

Através das variáveis apresentadas (Quadro 2) em relação aos impactos positivos e negativos da atividade turística mostra-se sua complexidade quanto à sua análise e monitoramento, não dependendo apenas do turismo, mas de uma gama de conhecimento que exige um trabalho interdisciplinar. Para tornar a atividade turística e o monitoramento desta eficiente é necessário que haja articulação entre os diferentes segmentos do poder público, empresariado, sociedade civil e instituições de ensino para monitorar esses indicadores.

Por meio da leitura do (Quadro 2), é possível realizar várias comparações em relação à Panorama, uma vez que este município sofreu diferentes impactos com a expansão do lazer e do “turismo”. Em âmbito ambiental, Panorama foi impactada com a formação do lago artificial, que levou a perda territorial e com a má ocupação

do solo representada pelos loteamentos na beira do Rio Paraná. No aspecto econômico o lazer e o “turismo” praticado sofrem com a sazonalidade, pela dependência da pesca. Com o aumento das casas de segunda residência, há uma especulação imobiliária, o que dificulta a vida dos moradores, aumentando o custo de vida. Aspectos que serão desenvolvidos no próximo capítulo com mais profundidade.

Quadro 2: Aspectos positivos e negativos dos impactos decorrentes da atividade turística.

Impactos	Aspectos positivos	Aspectos negativos
Ambientais	• Melhoria dos padrões de uso do solo urbano e rural na região turística. • Manutenção das áreas verdes protegidas. • Aumento das atividades ligadas à educação ambiental. • Melhoria da coleta e destinação do lixo e outros resíduos sólidos. • Redução da poluição ambiental. • Manutenção da qualidade da água. • Melhoria da qualidade do esgotamento sanitário.	• Má utilização do solo e dos recursos naturais. • Ocupação desordenada do solo. • Desenvolvimento desordenado do turismo que venha a provocar degradação ambiental. • Aumento da poluição geral e do lixo produzido por excesso de carga ou saturação da região. • Poluição sonora, poluição visual causada pela propaganda.
Socio-culturais	• Consolidação da identidade cultural com resgate e valorização de atividades típicas da região (danças, música, folclore, artesanato, gastronomia etc.). • Aumento de ações voltadas para o resgate e preservação do patrimônio histórico e cultural (visitas a museus, monumentos etc.).	• Mudanças negativas nos hábitos e padrões culturais e de consumo (alcoolismo, consumo de drogas, prostituição etc.). • Perda da identidade cultural pela influência externa. • Ampliação das desigualdades sociais.
Econômicos	• Diversificação e ampliação das atividades econômicas na região. • Aumento do fluxo e da circulação de dinheiro. • Aumento dos postos de trabalho, principalmente aqueles voltados às atividades da comunidade local. • Aumento e distribuição da renda média da comunidade local. • Inclusão socioeconômica dos segmentos da cadeia produtiva do turismo. • Aumento da demanda por produtos agrícolas locais. • Aumento do consumo de bens e serviços em geral pelas comunidades. • Aumento da competitividade dos produtos gerados no setor. • Contribuição do turismo para o equilíbrio da balança de pagamento.	• Aumento da dependência local e regional da atividade turística em detrimento de outras atividades produtivas. • Sazonalidade da demanda turística, propiciando períodos de recessão econômica. • Aumento do custo de vida e especulação imobiliária. • Ampliação das desigualdades econômicas.

Fonte: Ministério do Turismo: Roteiros do Brasil. Programa de Regionalização do Turismo (2007).

2.3 ABORDAGENS DO CONCEITO DE TERRITÓRIO

O conceito de território apresenta diversas interpretações por ser utilizado entre as diversas áreas do conhecimento como biologia, economia, antropologia e também pela geografia, mas com diferentes configurações. Diante das ramificações do conceito de território, torna-se necessária sua análise e conceituação. No aspecto conceitual, Haesbaert (2004), esclarece que:

Etimologicamente, a palavra território, territorium em latim, é derivada diretamente do vocábulo latino terra e era utilizada pelo sistema jurídico romano dentro do chamado jus terrendi [...] como pedaço de terra apropriado dentro dos limites de uma determinada jurisdição político- administrativa [...] (HAESBAERT, 2004, p.43).

Para a geografia o território apresenta diversas abordagens e enfoques o que lhe torna um conceito complexo e com diferentes concepções dentro da própria ciência geográfica. Segundo Saquet (2010):

O território significa natureza e sociedade; economia, política, e cultura; ideia e matéria; identidades e representações; apropriação, dominação e controle; descontinuidades; conexão e redes; domínio e subordinação; degradação e proteção ambiental; terra, formas espaciais e relações de poder; diversidade e unidade. Isso significa a existência de interações no e do processo de territorialização, que envolvem e são envolvidas por processos sociais semelhantes e diferentes, nos mesmos ou em distintos momentos e lugares, centradas na conjugação, paradoxal, das descontinuidades, de desigualdades, diferenças e traços comuns. (SAQUET, 2010, p. 24).

Diante da complexidade e uso do conceito de território, Saquet (2010) apresenta uma abordagem, enfatizando que:

O território pode ser pensado como um texto num contexto, como lugar articulado a lugares, por múltiplas relações, econômicas, políticas e culturais; é movimento e unidade entre o ser e o nada, (i) materialmente. É descontraído e reproduzido, num único processo. Há sujeitos e, concomitantemente, transformação do ser em seu ser outro, que o contém. Um está no outro, no mesmo movimento de formação do território. (SAQUET, 2010, p.163)

Saquet (2010, p.129) compreende o território “antes de qualquer coisa, como um espaço de organização e luta, de vivência da cidadania e do caráter participativo da gestão do diferente e do desigual”.

Diante da exposição de Saquet abre-se um leque quanto à importância deste conceito e sua variação, podendo ser interpretado desde o imaginário ao real, das relações econômicas a culturais, neste sentido, mostra-se um conceito-metodológico amplo, com diversas aplicabilidades. Ainda na conceituação de território, Moraes (2005), define como:

Uma materialidade terrestre que abriga o patrimônio natural de um país, suas estruturas de produção e os espaços de reprodução da sociedade (lato senso). É nele que se alocam as fontes e estoques de recursos naturais disponíveis para uma dada sociedade e também os recursos ambientais existentes. E é nele que se acumulam as formas espaciais criadas pela sociedade ao longo do tempo (o espaço produzido). Tais formas se agregam ao solo, tornando-se estruturas territoriais, condições de produção e reprodução em cada conjuntura considerada. (MORAES, 2005, p. 140)

O território definido por Santos e Silveira (2003) enfoca o “território usado”, o qual é organizado e construído através das materialidades que se cristalizam no espaço ao longo do tempo. Desta forma, Santos e Silveira (2003, p.247) argumentam que, “quando quisermos definir qualquer pedaço do território, devemos levar em conta a interdependência e a inseparabilidade entre materialidade, que inclui natureza, e o uso, que inclui ação humana, isto é trabalho e política”.

Com o advento da globalização, o território adquiriu novas formas de se organizar para atender ao capital, modificando assim, as relações entre espaço e sociedade. Mas dentro de um território que apresenta características globalizantes, o tradicional torna-se o diferencial que se contrapõe à lógica mercadológica e padronizante. Diante das forças que se opõem no território (lógica local versus lógica global) que se cristalizam no território, Santos (1994) enfatiza que:

Assim como tudo não era, digamos assim, território “estatizado”, hoje tudo não é estritamente “transnacionalizado”. Mesmo nos lugares onde os vetores da mundialização são mais operantes e eficazes, o território habitado cria novas sinergias e acaba por impor, ao mundo, uma revanche. Seu papel ativo faz-nos pensar no início da história, ainda que nada seja como antes (SANTOS, 1994, p. 15).

Outra contribuição para a compreensão do conceito de território está em Raffestin (1993), que menciona sua formação, no qual o espaço antecede o território, uma vez que o território adquire sua qualidade através das relações de poder estabelecidas no espaço, neste sentido o poder torna-se um elemento essencial para a construção do território. Neste sentido o poder intermedia as relações sociais, que se cristaliza no espaço, sendo a sociedade quem constrói o território. Nas palavras de Raffestin (1993):

É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente [...] o ator “territorializa” o espaço. (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

Quanto ao poder, se faz necessária esta abordagem para amplificar a visão quanto ao conceito de território e as relações que se estabelecem entre as diferentes instancias, podendo ser política, social, econômica entre outras. Transpondo para o setor turístico podemos falar na criação deste território através das relações entre o turista e a comunidade local, guias turísticos, agências de turismo e atrativos, assim se configurando um território turístico através das relações de poder que se estabelecem entre os mais distintos segmentos.

2.4 TERRITÓRIO E TURISMO

A compreensão das territorialidades turísticas não se explica apenas pelas relações de poder, pois, através da globalização, o mundo passa a adquirir novas configurações e as atividades econômicas, políticas e culturais atravessam uma reestruturação, e vêm se diferenciando entre o “novo e o velho”. No aspecto espaço-temporal Santos (1982), enfatiza que:

Tudo o que existe articula o presente e o passado, pelo fato de sua própria existência. Por essa mesma razão, articula igualmente o presente e o futuro. Desse modo, um enfoque espacial isolado ou um enfoque temporal isolado, são ambos insuficientes. Para compreender qualquer situação, necessitamos de um enfoque espaço-temporal (SANTOS, 1982, p. 205).

O turismo se estrutura através da globalização, aproveitando da fluidez, tecnologia, as características do mundo moderno, tornando o lazer, os espaços públicos, e o tempo ócio em uma valiosa mercadoria. Nesta perspectiva o capital aproveita do ócio tornando este tempo para garantir o fluxo da atividade turística. Rodrigues (2001) considera:

[...] Pode-se gastar o **tempo livre** sem executar nenhuma ação. Nesse caso, o tempo despendido é um tempo de puro **ócio**, ou seja, de contemplação. Já o vocábulo “**lazer**es” tem a conotação de atividades, ou seja, ações desenvolvidas durante o tempo livre. Os lazeres diferem do **turismo** porque, para sua prática, não há necessidade de deslocamentos que excedam o período mínimo fixado em 24 horas [...] (RODRIGUES, 2001, p.89).

Através do tempo livre, que faz parte do sistema capitalista, o turismo capitaliza este tempo de ócio, com a venda de espaços criados pela ótica turística. Estes espaços preparados para receber turistas, passam por adequações, seja em sua infraestrutura urbana ou rural , tornando-se atrativos turísticos. Os espaços dotados de técnicas turísticas estabelecem novas relações sociais e espaciais, o que configuram em novas territorialidades. Segundo Cruz (2001):

O turismo, tal como outras atividades – e concorrendo com elas – introduz no espaço objetos definidos pela possibilidade de permitir o desenvolvimento da atividade. Além disso, objetos preexistentes em dado espaço podem ser igualmente absorvidos pelo e para o turismo, tendo seu significado alterado para atender a uma nova demanda de uso, a demanda de uso turístico. (CRUZ, 2001, p.34)

Mas estas relações e potencialidades do turismo se inserem no contexto da globalização e no mundo em redes e malhas que, através das conexões e relações, criam-se e fortalecem-se os territórios turísticos. Em relação à formação territorial através de malhas e redes Saquet (2010) afirma que:

... entende a territorialidade como multidimensional e inerente à vida em sociedade. O homem vive relações sociais, a construção do território, interações e relações de poder; diferentes atividades cotidianas, que se revelam na construção de malhas, nós e redes, constituindo o território; manifesta-se em distintas escalas espaciais e sociais e varia no tempo. (SAQUET, 2010, p.77)

Através de novas dinâmicas que se estabelecem no espaço, adquire-se novas territorialidades, novas formas, que se desdobram sobre a realidade, neste ponto, Saquet (2010) coloca que:

A territorialidade é marcada pelo movimento de apropriação e reprodução de relações sociais. Desta forma, a definição de territorialidade extrapola as relações de poder político, os simbolismos dos diferentes grupos sociais e envolve, ao mesmo tempo, os processos econômicos centrados em seus agentes sociais. (SAQUET, 2010, p.164)

A formação de um território turístico está relacionada com a inserção de atrativos turísticos, marketing turístico, toda infraestrutura para a recepção de turistas. Entorno da conceituação de territórios turísticos, Knafo (2001, p. 71), aborda que “territórios turísticos – constituem territórios inventados e produzidos para o turismo, seja através de operadores ou planejadores turísticos”. A respeito do território turístico na visão de Cruz (1995) afirma:

É um espaço conquistado pelo turismo, cujas características peculiares o distinguem de outros territórios. Uma de suas principais peculiaridades, que consiste, também, em sua maior contradição, é a ausência de fronteiras definidas, condição básica para o reconhecimento da soberania de um território. (CRUZ, 1995, p.5)

Estas são algumas concepções e abordagens sobre o conceito de território, que se tornou uma importante ferramenta de análise do geógrafo, sendo que para nossa análise utilizaremos a concepção de Haesbaert (2004).

Para Haesbaert (2004), a análise do território se estabelece em quatro linhas territoriais, o território econômico, que visa às relações econômicas num dado espaço, o território político, que enfatiza as relações de poder em sua dimensão espacial, o território cultural ou simbólico-cultural, que se forma através da identidade e a carga simbólica de um território, e o território natural, que se constitui através das relações entre a sociedade e o meio físico-natural. Com o uso desta metodologia, as análises dos territórios turísticos tornam-se completas e integradas, já que os territórios turísticos são dotados de complexidade, passando por diversas vertentes, econômica, cultural, político e natural.

Transpondo as categorias de território proposto por Haesbaert (2004) para os territórios turísticos propostos por Cruz (1995), uma vez que na formação do território turístico encontram-se elementos naturais, sociais, econômicos e políticos e aprofundando nas relações, podem-se estabelecer diversas relações quanto ao território econômico e o turismo, sendo de princípio uma atividade econômica e que está inserida na lógica capitalista e que, através das relações de capital e trabalho, formam os territórios turísticos, sendo hoje uma engrenagem para a ampliação e acumulação de capital, tanto em capital móvel, quanto fixo.

O turismo quanto uma atividade econômica que vem adquirindo destaque, depende da formação de um território político, sendo este o patrocinador desta atividade, que através da liberação dos espaços públicos e investimentos no setor, torna esta atividade dinâmica e com maior potencialidade de ampliar o capital.

Quanto ao território simbólico/cultural este se torna a mercadoria do turismo, que consome as materializações da cultura de um determinado território, tornando em símbolos turísticos através da indústria do marketing. Nesta linha de pensamento, sobre consumo e marketing e as necessidades do mundo dito moderno, Coriolano (2006), aborda que:

Os governos e as empresas criaram uma imagem para o turismo e a divulgam nos *media*. Isso se faz necessário porque essa atividade é mediada pelo modo de pensar, de sentir e por tudo o que alicerça a cultura da sociedade burguesa. Precisou transformá-lo em mito, não somente pela estrutura econômica do modo de produção, mas, sobretudo, por ideias que transformam a demanda em desejo, sonho e aspirações, portanto uma ideologia sustenta o turismo. (CORIOLANO, 2006, p.220)

Neste sentido há uma valorização do diferente pela sociedade moderna, que configura diversos territórios carregados de história, cultura em mercadorias, fortalecendo o imaginário do turista, a sensação de prazeroso, a vivência nestes espaços. Neste sentido Carlos (2002) menciona:

O lazer na sociedade moderna também muda de sentido, de atividade espontânea, busca do original como parte do cotidiano, passa a ser cooptado pelo desenvolvimento da sociedade de consumo que tudo que toca transforma em mercadoria, tornando o homem um elemento passivo. Tal fato significa que o lazer se torna uma nova necessidade. (CARLOS, 2002, p.25)

A última vertente centra-se no território natural, que se caracteriza pela relação entre a sociedade e o meio físico /natural. As características do meio natural ganham novas conotações na sociedade moderna, transformando seu sentido e seus usos que implicam em todas as vertentes territoriais acima citadas. Hoje o meio natural apresenta novas perspectivas e visões quanto ao seu uso. Antes da valorização ambiental, as florestas eram vistas como capital centrada na indústria madeireira. Atualmente, com as questões ambientais latentes e uma fiscalização mais rígida, o meio natural adquiriu novas configurações e usos pelo capitalismo, centrado no turismo ecológico ou de aventura, que tem por perspectiva a conservação destes territórios. Esta nova modalidade modificou o pensamento social, com o uso sustentável dos meios e recursos naturais. Tais configurações vem sendo valorizada economicamente, utilizando os diversos discursos socioambientais para reforçar o turismo ecológico e de conservação, sendo mais uma engrenagem política, econômica que se reflete na sociedade.

Ainda em Haesbaert (2004), este enfatiza o hibridismo dos territórios, tornando ainda mais complexo a análise destes, ao pensar em territórios turísticos

como um grande exemplo de territórios híbridos, no qual há uma troca entre o turista e os atrativos, população local, onde o encontro dos diferentes acaba por se fundir. Há duas concepções sobre análise, a primeira se apresenta de forma positiva, pois através do contato, possibilita a troca e o enriquecimento social, mas pelo outro lado os territórios turísticos podem perder suas características, tornando-os espaços comuns.

Através da utilização das ideias e metodologia propostas por Haesbaert (2004) para a geografia do turismo, há uma compreensão da totalidade dos territórios turísticos e seus desdobramentos.

Sobre este prisma da territorialidade que se insere Panorama, como território, vem adquirindo formatações para se tornar um território turístico, que pressupõe infraestrutura turística apoiada pelos atrativos e equipamentos turísticos. Panorama pode ser analisada pela posição teórica de território Haesbaert (2004), sobre os aspectos econômicos, representados pelas mudanças econômicas e maior representabilidade do lazer / “turismo” em detrimento das cerâmicas e olarias, mudanças provocadas pela implantação de sistemas de engenharia, que atendem uma lógica global que reflete no local. A influência no território por lógicas políticas, centradas nas obras realizadas pela CESP, que atende uma lógica desenvolvimentista do território nacional, mas que reflete no local, alterando as relações sociais e econômicas.

Distinta vertente idealizada por Haesbaert (2004) são os aspectos simbólicos-culturais, que podem ser transpostos para Panorama, pois, através das mudanças econômicas engendradas pela implantação dos sistemas de engenharia, estas mudanças e impactos causados pela formação do lago, causaram perda territorial/ estruturas e sentimental/afetivo, que refletem diretamente ou indiretamente na sociedade, que perderam em aspectos materiais (infraestruturas) e imateriais (sentimento de pertencimento/história). Uma última vertente de análise, o território natural, representada pela formação do lago artificial, que deixou parte do município de Panorama submersa, refletindo em impactos ambientais, irreversíveis.

A proposta teórica de Haesbaert (2004) pode ser enquadrada em Panorama, diante das mudanças ocorridas pelas lógicas globais e nacionais, que refletem no local. E as novas relações que se estabeleceram entre a população e o espaço, relações e dinâmicas impostas pelos gestores e representantes da CESP, através das políticas de mitigação dos impactos ambientais, que (re) ordenaram os arranjos,

sociais, econômicos e ambientais que serão expostos e analisados com maior detalhamento no próximo capítulo.

Na análise dos territórios turísticos deve-se interpretar os diversos “olhares” dos turistas e dos planejadores desta atividade. Para compreender os “olhares” sobre o turismo, Urry (2001) enfatiza quatro aspectos centrais na sua constituição, sendo a expectativa de ruptura com o cotidiano a forma de se vivenciar a experiência turística (em função da classe e grupo considerado e de seus respectivos hábitos), a busca por status e a manipulação do olhar do turista. Estes são os aspectos que influenciam no olhar dos turistas, são apenas os principais. Diante do exposto por Urry (2001) percebe-se a tentativa de fuga do cotidiano, criado pelo sistema, e ao mesmo tempo apropriado pelo sistema, através da mercantilização e construção dos territórios. Nesta linha de pensamento Urry (2001) menciona:

[...] o olhar do turista, em qualquer período histórico, é construído em relacionamento com o seu oposto, com formas não-turísticas de experiência e de consciência social: o que faz com que um determinado olhar do turista dependa daquilo com que ele contrasta; quais são as formas de experiência não-turística (URRY, 2001, p.16).

E pelo olhar e interesses dos políticos estes territórios dotados de complexidade apresentam mais de uma visão, a visão do turista e a visão da comunidade local e um olhar do empresário que ultrapassa as duas primeiras, pelo fato dos interesses, muitas vezes, serem divergentes. Para esta reflexão Rodrigues (1997), no aponta:

Na visão de Knafou existem duas territorialidades distintas: a da população moradora do lugar, identificada como “territorialidade sedentária”, e a dos turistas que passam pelo local, a “territorialidade nômade”, indicando interesses concorrentes e contraditórios que se refletem no próprio espaço geográfico. (RODRIGUES, 1997, p.54)

3. PANORAMA ENTRE O “NOVO E O VELHO”

Este capítulo intentará apresentar as características históricas de Panorama, fazendo um contraponto com o novo, mostrando a (re)utilização das estruturas urbanas e os aspectos naturais que configuram o momento atual através da análise histórica, esta aponta as relações econômicas e sociais que se materializam no espaço. Panorama passou por várias mudanças econômicas, alterando seu arranjo produtivo. Neste viés a sociedade é o foco, pois, é a modeladora dos espaços, e ao mesmo tempo, modelada pelas mudanças implantadas pela economia de ordem local e global e pelas políticas governamentais.

A periodização permite uma análise temporal, na qual as rugosidades se ressaltam, proporcionando compreender as dinâmicas que se instalaram em Panorama e seu reflexo na organização social, econômica e territorial atual. Neste sentido, Santos e Silveira (2003) contemplam a importância da periodização, afirmando:

Entretanto uma periodização é necessária, pois os usos são diferentes nos diversos momentos históricos. Cada periodização se caracteriza por extensões diversas de forma de uso, marcadas por manifestações particulares interligadas que evoluem juntas e obedecem a princípios gerais, como a história local e a história global, o comportamento do Estado e da nação (ou nações) e, certamente, as feições regionais. (SANTOS; SILVEIRA, 2003, p.20)

O território usado adquire novas dimensões e novas territorialidades que se remetem aos momentos históricos. Através da periodização abre-se a possibilidade de analisar o uso do território e suas manifestações que regem sobre relações locais, nacionais e mesmo globais. A relação tempo e espaço, materializa-se nas formas criadas pela sociedade, fundindo-se entre o velho e o novo. O velho considerado como ultrapassado se funcionaliza de forma harmônica com o novo. No caso de Panorama podemos verificar essas mudanças em sua estrutura urbana, na rede de transporte e nas atividades econômicas, no qual vem se moldando ao longo do tempo para atender interesses locais de seus representantes/ investidores. Neste viés, Santos e Silveira (2003), mencionam:

O território revela também as ações passadas e presentes, mas já congeladas nos objetos, e ações presentes constituídas em ações. No primeiro caso, os lugares são vistos como coisas, mas a combinação entre as ações presentes e ações passadas, às quais as primeiras trazem vida, confere um sentido preexistente. Tal encontro modifica a ação e objeto sobre o qual ela se exerce, e por isso uma não pode ser entendida sem a outra. (SANTOS; SILVEIRA, 2003, p.247)

No território se concretiza as relações entre os fixos e os fluxos, no caso do primeiro permanece quanto estrutura, mas, com as mudanças dos fluxos, favorece para novas funcionalidades, transformando os fixos, fazendo parte do presente. Este movimento estabelece a noção de pré-existente (velho), que sinaliza as mudanças ao longo do tempo que ocorreram, apontando formas de vida, e o empreendimento das técnicas em cada período. De acordo com Santos e Silveira (2003):

Criam-se, assim, solidariedades entre elementos novos e herdados. Formas antigas de armazenagem convivem com modernas formas de cultura e com novas formas de transporte e assinalam, a cada momento histórico, distintas combinações técnicas e sociais do trabalho. (SANTOS; SILVEIRA, 2003, p.144)

Através do tempo as técnicas se diferenciaram, alterando sua distribuição, velocidade e acesso. Panorama sob a ótica técnica se alterou desde sua formação, influenciando diretamente nas combinações sociais do trabalho. A formulação do novo em Panorama vem com a essência do velho. O mundo do trabalho em Panorama passou por mudanças, mas, com a essência e atrelamento com o meio natural e as atividades que se desencadearam desde sua formação, como a pesca, o lazer, as cerâmicas que incorporaram novas modelagens.

A gestação do novo, na história, dá-se frequentemente, de modo quase imperceptível para os contemporâneos, já que suas sementes começam a se impor quando ainda o velho é quantitativamente dominante. É exatamente por isso que a “qualidade” do novo pode passar despercebida. Mas a história se caracteriza como uma sucessão ininterruptas de épocas. Essa ideia de movimento e mudança é inerente à evolução da humanidade. (SANTOS, 2004, p.141).

Santos (2004) menciona o novo na história, relacionando com Panorama, esta apresenta as mudanças que foram impulsionadas por motivos econômicos e políticos que geraram novas territorialidades. O novo já estava presente desde idealização de Panorama, pois, as dinâmicas sustentadas e seus desdobramentos no espaço e mesmo sua materialização, são decorrentes de ordens geográficas e naturais, que foram valorizadas ao longo do tempo. As “novas” economias que são predominantes atualmente, já existiam, foram valorizadas e incorporaram novos sentidos. O “novo” sentido de Panorama se norteia pelo turismo, idealizado de forma prematura pela CESP e Prefeitura Municipal. As relações modificaram-se, o território é visto de outras formas pelos administradores da cidade, como um potencial turístico. E outro olhar da população, que vê a cidade banalizada pela gestão do imaginário turismo pela prefeitura.

O turismo atualmente se destaca como uma das principais atividades econômicas e está em plena expansão a nível mundial, tornando este segmento como uma das principais fontes de acumulação do capital. Apesar de sua magnitude, este serviço não é de acesso a toda população, ficando restrito às classes de maior poder aquisitivo, para o turismo considerado de luxo e à nova classe média em ascensão para o turismo de massa. Na atualidade com a supervalorização da atividade turística e ascensão do poder de compra dos brasileiros, esta atividade vem se popularizando, tornando-se de massa, com destinos mais acessíveis que enquadram a nova classe média do Brasil. Segundo dados do IBGE, o mercado de serviços relacionados às viagens movimentou R\$ 127 bilhões em 2011. O setor de turismo passou de 2,8% do PIB (Produto Interno Bruto) em 2009 para 3,6% em 2011.

No Brasil, o turismo como atividade econômica é relativamente recente, e como característica, apropria-se das áreas naturais e das riquezas histórico-culturais do país, transformando-as em mercadorias turísticas, como menciona Boullón (2002, p.79): “O espaço turístico é consequência da presença e distribuição territorial dos atrativos que, não devemos esquecer, são a matéria prima do turismo”. Muitas vezes, as atividades turísticas são inseridas no espaço sem planejamento prévio e adequado, que acabam prejudicando a população e o meio ambiente.

O Brasil apresenta grande potencial turístico, pois, conta com uma variedade de atrativos turísticos que são produzidos utilizando-se de paisagens naturais e

culturais, valorizadas no mundo moderno, isso faz com que várias partes do país tornem-se atrativas para a implantação do turismo. Com relação ao turismo e à utilização da paisagem, Cruz (2002), aborda que:

O turismo é a única prática social que consome, fundamentalmente, espaços, sendo este consumo por meio da apropriação do espaço pelo turismo, ou seja, por meio das formas de consumo (serviços de hospedagem, de restauração, de lazer, bem como o consumo da paisagem) que estabelece entre turista e lugar visitado. (CRUZ, 2002, p.109).

A partir da importância do turismo – que se reflete no grande número de turistas tanto brasileiros como estrangeiros e dos fluxos financeiros que esse setor movimenta – o segmento deve ser planejado e fiscalizado, para que possa contribuir com o desenvolvimento da população local, dando oportunidade de melhorar a qualidade de vida, realizando a inclusão social, paralelamente com a preservação do meio ambiente. Neste sentido Rodrigues (1997), observa que:

Observa-se que, apesar das suas potencialidades, a atividade turística não tem vindo acompanhada de um planejamento adequado, não tem propiciado espaço para a participação da população local, nem tem propiciado o entrosamento entre vários segmentos sociais envolvidos. Esse fato acabou criando inúmeros conflitos e entraves a um modelo de desenvolvimento sustentável. (RODRIGUES, 1997, p.56).

O turismo apresenta como uma das principais atividades econômicas da contemporaneidade, idealizado e projetado no global e configurado no local, em que se manifestam as relações entre os fixos e fluxos, cristalizando o turismo. Diante dos dados apresentados pode-se perceber a influência internacional nesta atividade, valorizada pelos moldes do mundo moderno, cujo ócio e o trabalho culminam no turismo. Mas, esta atividade deve ser planejada, pelo fato de modificar os espaços, na tentativa, cada vez maior, de mercantilizá-los. Espaços, que apresentam vidas, movimentos, pessoas, sentimentos, neste sentido deve-se pensar no bem estar da sociedade local e no desenvolvimento desta.

Com a valorização do turismo, vários municípios se apegaram ou “apelaram” em dizer que a cidade apresenta um grande potencial turístico. No caso de Panorama não foi diferente, pois aproveitaram as características geográficas e sua história, que foram potencializadas pelas obras mitigatórias da CESP, para rotular a cidade como “turística”.

Faz necessária a análise histórica de Panorama, para compreender a formação da idealização de uma “cidade turística” e os produtos que são valorizados nesta atividade que são as estruturas novas, as rugosidades e a história da população. Sendo uma atividade em que deve haver o consenso de todos os envolvidos, trata-se de memórias e construções humanizadas ao longo tempo. As fotografias e a história darão um norte para na análise territorial e do desdobramento de Panorama em uma área de lazer.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O município de Panorama (Figura 1) localiza-se no extremo oeste do Estado de São Paulo, na divisa com Mato Grosso do Sul, em marco centrado na cidade em 21°21'23" latitude sul, e 51°51'35" longitude oeste. Panorama pertence a 10ª Região Administrativa do Estado, que tem como cidade sede Presidente Prudente. Atualmente, o município conta com uma população de 14.725 habitantes segundo estimativas IBGE (2012).

Panorama faz divisa com o Estado do Mato Grosso do Sul, e esta relação sempre esteve presente em seu desenvolvimento, com a ligação através do rio Paraná e da balsa, que era utilizada para o escoamento da produção e a locomoção da população entre os estados.



Figura 1- Localização do município de Panorama-SP.Org: Tiago Rodrigues, 2009

De acordo com o Mapa Geomorfológico do Estado de São Paulo na escala 1:500.000 elaborado por Ross e Moroz (1996), o município de Panorama encontra-se localizada na Bacia Sedimentar do Paraná e no Planalto Ocidental Paulista. Especificamente para o município de Panorama, predominam como formas de relevo as colinas médias e baixas, cujas altitudes variam entre 300 a 480 m, e declividades médias entre 5% a 20% de acordo com o mapa Geomorfológico do Estado de São Paulo.

Para a caracterização dos solos utilizou-se o Mapa Pedológico do Estado de São Paulo (EMBRAPA, 1999), centrando a região de Panorama, foram identificados os Argissolos Vermelhos – Amarelos e os Latossolos Vermelhos, sendo estes os mais representativos na região. Estes solos são os resultados de processos pedogenéticos ocorrido sob rochas areníticas do Grupo Bauru e basálticas do Grupo São Bento.

Segundo a classificação climática do estado de São Paulo sistematizada por Monteiro (1973), Panorama está situado na região climática “oeste”, possuindo clima tropical, controlado por massas equatoriais e tropicais, alternando épocas secas e épocas úmidas. Apresentando temperaturas que variam de 12 á 35 graus, sendo que a media anual fica entorno de 26,5° C.

O município apresenta uma rica rede hidrográfica, tendo como seu principal curso, o Rio Paraná e seus afluentes – Ribeirão das Marrecas, Itambi, Córrego do Macaco, e de ordem secundária em nível de importância está o Rio do Peixe e seus afluentes – Córrego da Barranca Funda. Com as condições geográficas citadas, Panorama encontra-se em uma região estratégica, com potencialidades turísticas a ser exploradas, aproveitando o rio Paraná para sua balneabilidade e pesca, mercantilizando os espaços criados recentemente na região que tem apelo ambiental, como a Reserva Ambiental Cisalpina, criada pela CESP, localizada no lado sul mato-grossense, valorizando as rugosidades existentes.

Quanto à rede e malha de transporte que Panorama está inserida, encontra-se a linha ferroviária desativada para passageiros em 1998, que ligava Panorama à Capital Paulista. A principal rodovia que liga Panorama com outras localidades é a SP-294 (Comandante João Ribeiro de Barros), sendo a rodovia mais expressiva da região, ligando toda região. A SP-294 liga ao município de Presidente Epitácio pela Vicinal Lauro Aparecido dos Santos, à Ouro Verde pela vicinal PNR-030, à Santa Mercedes e Ouro Verde pela vicinal PNR-020 e à Paulicéia pela vicinal PNR-10. As operações aéreas são feitas no aeroporto de Dracena, que não apresentam linhas de voos, considerado um aeroporto de pequeno porte.

A figura 2 focaliza as mudanças que ocorreram após a formação do lago artificial no Rio Paraná, que acarretou em mudanças nas áreas ditas naturais e nas áreas urbanas, seja pela inundação ou pelas políticas realizadas pela CESP, na tentativa de mitigar os impactos nos municípios atingidos. Na figura elaborada pela CESP pode-se notar que reservatório alterou as características do Rio Paraná, tornando-o mais largo e atingindo áreas urbanas e rurais.

Entre os municípios atingidos na região apresentada na Figura 2 Panorama é o que teve maiores danos em relação à área urbana, mas, em relação ao total de área, o município de Brasilândia-MS foi o que mais perdeu, motivado pela sua geomorfologia. Alterações e dinâmicas que estarão presentes com mais profundidade nos próximos capítulos.

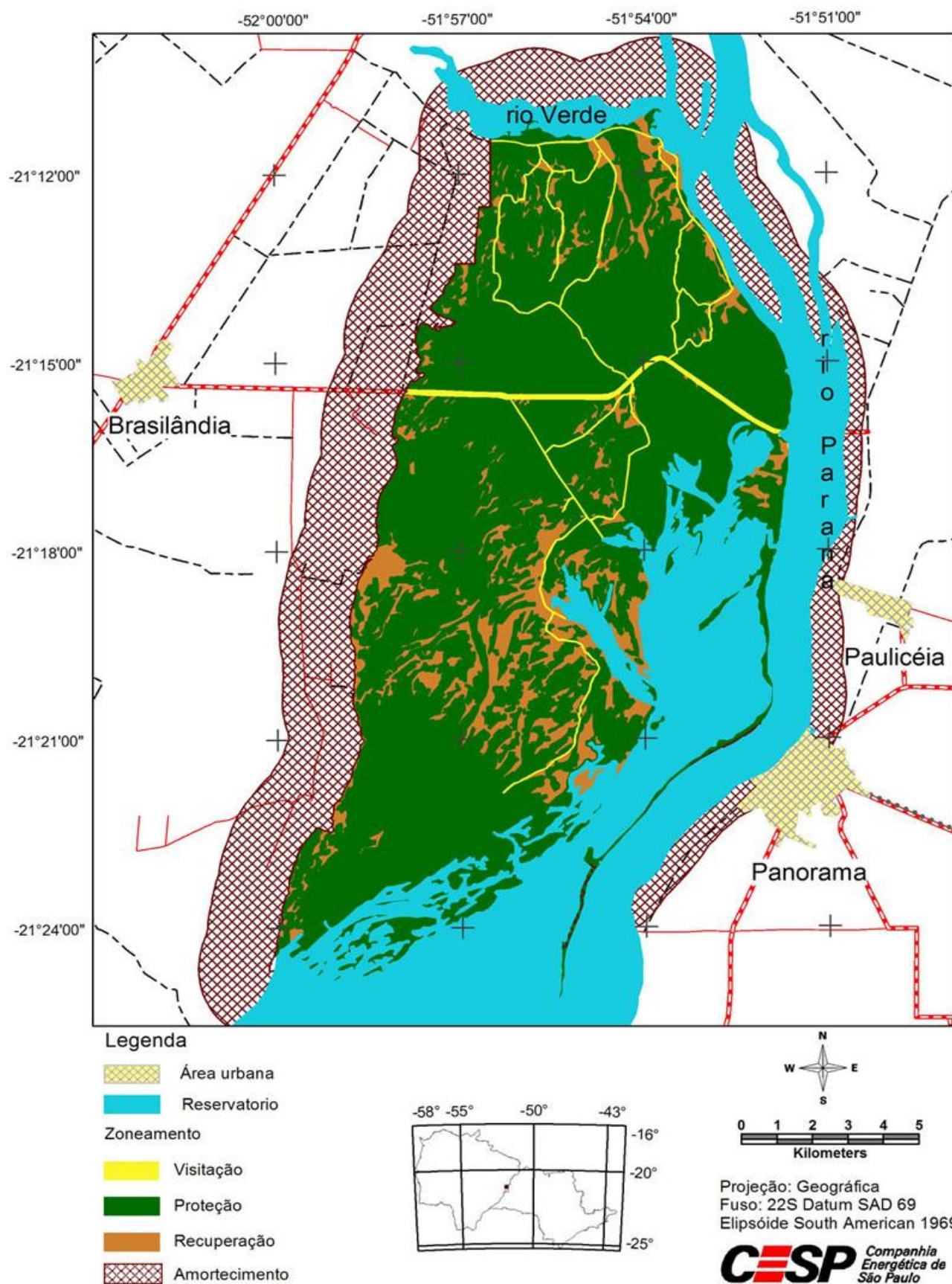


Figura 2: Região de Panorama após formação do lago. Fonte: CESP

3.2 HISTÓRICO DE PANORAMA

A história e a evolução do município de Panorama apresentam peculiaridades que o próprio estado de São Paulo estava passando e a sua formação segue no viés de várias cidades paulistas, mas, apresentando algumas particularidades. O povoado de Panorama foi criado no município de Paulicéia, município que se situa a dois km de Panorama, com terras desmembradas do distrito de Gracianópolis. O projeto desenvolvimentista do estado de São Paulo que tem como centro a expansão da malha ferroviária da Cia. Paulista de Estrada de Ferro foi o ocasionador da formação e desenvolvimento do município. Nascida da ótica e esforço do urbanista brasileiro Prestes Maia, Panorama tem sua história iniciada no ano de 1946, quando Quintino de Almeida Maudonnet abriu uma serraria (MARQUES 2006).

Através de informações privilegiadas o Sr. Quintino de Almeida Maudonnet, empresário e investidor tradicional da família campineira, informado, em 1945, por amigos e investidores que a Cia. Paulista de Estradas de Ferro apresentava planos de estender sua malha ferroviária até a divisa do Estado de São Paulo com Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul, resolveu formar uma sociedade para comprar a Fazenda São Marcos Evangelista com 2.700 alqueires junto ao ribeirão das Marrecas, margeando o Rio Paraná, terras devolutas cuja posse era do Sr. José D'Incão, farmacêutico em Presidente Wenceslau, Alta Sorocabana. Através da compra da Fazenda São Marcos Evangelista instalaram a Imobiliária Panorama Ltda em Dezembro de 1945, tendo como participantes/sócios Sr. Quintino de Almeida Maudonnet, Quintino de Almeida Maudonnet Filho, Arthur Maudonnet, Júlio Revoredo, Aníbal de Andrade, José Ribeiro de Almeida, Guilherme Plichta, Guilherme Rehdder e, como consultor jurídico, Nelson Noronha Gustavo Filho, Aníbal de Andrade, amigo e oficial de gabinete do ex- Prefeito de São Paulo, convidado para conhecer a região pelo Engenheiro e Urbanista Prestes Maia (MARQUES 2006).

Aníbal de Andrade encantado com o lugar, com o panorama, com as belezas e potencialidades do rio Paraná, ele, o urbanista, se propôs planejar uma futura cidade, já que, Conselheiro da Cia Paulista de Estradas de Ferro, tinha conhecimento que aquele seria o ponto final dos trilhos. A planta (Figura 3) da

cidade ficou pronta e foi apresentada, em Julho de 1946, pelo Dr. Prestes Maia, juntamente com extenso relatório (Figura 4), em uma reunião em Campinas, com a presença de autoridades e pessoas da sociedade campineira que se agradaram com a concepção da planta e com o resumo oral do relatório (Marques 2008).



Figura 3: Planta Da Cidade de Panorama SP 1949: Fonte: José H. Buzelin



Figura 4: Relatório sobre Panorama-SP: Fonte: José H. Buzelin

Iniciando a formação da cidade, a sociedade contratou madeireiros para desmatar a área prevista pela planta do município, montando uma serraria (Figura 5) na barranca do rio e as primeiras tábuas serviram para construir um hotel, o Rancho Alegre, a casa da sede e dez casinhas para os peões sob a orientação e supervisão do sócio-administrador Guilherme Plichta.

As despesas ultrapassaram as previsões e, em 1948, o Sr. Quintino percebeu que não podia continuar com o empreendimento (estava já em dívida com os madeireiros e com Bancos), em contato com o Dr. Nelson Noronha Gustavo Filho, seu conselheiro jurídico e Presidente da Companhia Imobiliária Campineira, sucessora da Imobiliária Campineira Ltda., fundada pelo Sr. Rodion Podolsky, e Dr. Domicio Pacheco e Silva, sugeriu que essa firma assumisse os encargos e se encarregasse de desenvolver o plano. Os Srs. Rodion Podolsky e Augusto Nadalutti, responsáveis pela parte comercial da Imobiliária Campineira, analisaram o problema e chegaram à conclusão de que única maneira de solucioná-lo seria transformar a

Panorama Ltda em Sociedade Anônima de capital aberto. Para concretizar a Sociedade Anônima, ela precisava de subscritores das ações e, com isso, obter recursos.



Figura 5: Primeira Serraria de Panorama. Fonte: José H. Buzelin, 1953.

O Sr. Podolsky reuniu oitenta e duas pessoas das mais representativas de Campinas e as convidou para uma excursão a Panorama. No Hotel Rancho Alegre (Figura 6) foi apresentado às potencialidades de Panorama e as belezas do local enfatizando o Rio Paraná com aproximadamente 1.200 metros de largura (MARQUES 2008).

Diante desta reunião e apresentação de Panorama e suas potencialidades, enquanto cidade final da malha ferroviária, a maioria firmou acordo e aceitou as ações da recém-criada Panorama S.A., cuja Diretoria eleita e registrada na Junta Comercial neste mesmo episódio, teve como diretor Augusto Nadalutti.

Com modificações na estrutura da diretoria da Panorama S.A, Augusto Nadalutti deixou a gerência da Imobiliária Campineira e assumiu a tarefa de desbravar a área e atrair moradores para as zonas rural e urbana. O primeiro passo foi o pagamento (feito no anexo à casa da sede) dos débitos com os empreiteiros tiradores de madeira, esta atitude ou a forma como era realizado o pagamento apresentava certo perigo, sendo que todo o dinheiro era colocado em uma maleta e em fila os madeireiros recebiam, a origem destes trabalhadores era suspeita, pois,

muitos, morando ali longe dos centros urbanos, eram fugidos da polícia (Marques 2008).



Figura 6: Rancho Alegre Hotel. Fonte: José H. Buzelin, 1953.

Após a formação da sociedade da Imobiliária Panorama e abertura da área, o que era Patrimônio tornou-se Distrito do Município de Paulicéia, pela lei n°.233 de 24/12/1948, fato que contou com a ajuda do Deputado Federal José Corrêa Pedroso Junior, que apresentava laços com representantes de Panorama. Foi de suma importância a cooperação do Administrador do Patrimônio, Sr. Antônio Aguiar de Souza, executor fiel das ordens recebidas, também imbuído do espírito pioneiro e de entusiasmo pela ideia de ajudar a construir uma cidade.

Quanto ao isolamento viagens até Tupã, ponto final da Estrada de Ferro Paulista, distante 160 km de Panorama a serem percorridos em estrada, mais ou menos suportável, até Lucélia, depois 80 km de estradas sem dirigibilidade e areais que exigiam entorno de dez horas de ônibus para vencê-los, demandava muito esforço e tempo improdutivo. A solução encontrada por Augusto Nadalutti para amenizar a distância e a morosidade era de pilotar aeronaves com a retirada do "brevet", o que possibilitou a construção do campo de pouso junto ao Ribeirão das Marrecas. As primeiras viagens de avião compreendiam um trecho entre Lucélia e Panorama (Figura 7) que o voo era sobre mata virgem com pequenos claros dos Patrimônios em formação e algumas falhas denunciando o desmatamento para o

plântio de café. Dois anos depois, praticamente, a mata havia desaparecido para dar lugar às lavouras em volta de Adamantina, Flórida Paulista, Pacaembu, Junqueirópolis, Dracena, Tupi Paulista, todas em formação e desenvolvimento e pequenos povoados que estagnaram.



Figura 7: Trecho entre Panorama SP e Lucélia - SP: Fonte: José H. Buzelin (S/A)

Através desta nova modalidade de transporte pode-se agilizar as providências para o objetivo principal que era de criar condições de desenvolvimento que permitisse ao Distrito pleitear sua elevação a município, em 1953, ano estabelecido, por lei, para a subdivisão territorial realizada de cinco em cinco anos (Marques 2008).

Para o desenvolvimento e havia a meta de que em quatro anos a sociedade imobiliária criasse as condições para que o Distrito pudesse almejar sua autonomia administrativa. Em Dezembro de 1949 o Patrimônio pouco havia mudado. Havia um desafio que tinha de ser vencido com esforços dos administradores e trabalhos técnicos e braçais, o que dependia de dedicação plena e desprendimento. Era tarefa para muitas pessoas, e, sobretudo, cumprimento de metas que estavam centradas em povoar a zona rural e fazê-la produzir, sendo este o primeiro objetivo e isso foi

conseguido com os corretores Yoshimune (Hugo) Matsunaka, Pedro Luiz Nadalutti e Antonio Sapede Filho que vasculharam a Alta Paulista, Noroeste e Sorocabana formando caravanas de agricultores interessados na compra de terras, em sua maioria colonos que desejavam tornar-se proprietários, os interessados foram transportados por caminhões e avião até Panorama (Figura 8).

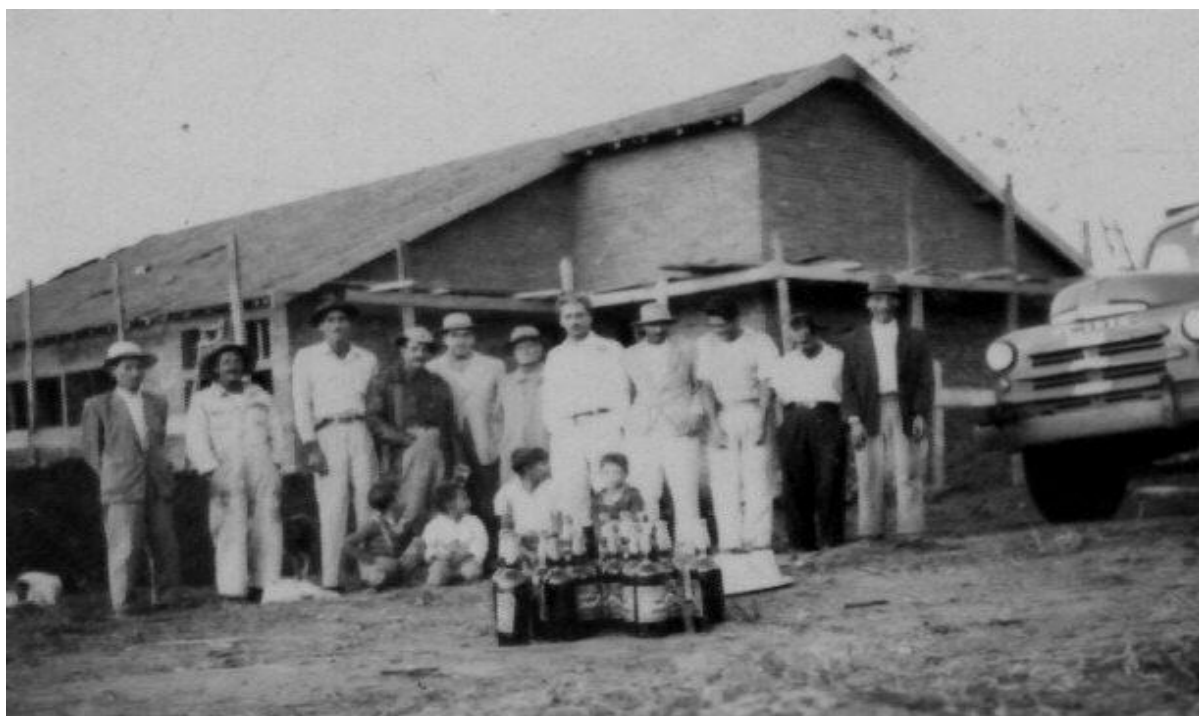


Figura 8: Caravana de compradores de terras em frente ao hotel Panorama. Fonte: José H. Buzelin, 1953.

Decidiu-se que a área restante, após o loteamento das chácaras circundantes do Patrimônio previstas no projeto do Dr. Prestes Maia, seria desmembrada de acordo com a necessidade dos negociantes, com serviço topográfico e de locação feito pelo engenheiro contratado pela companhia de povoamento. A medida foi validada e vista como importante, pois, propiciou o imediato assentamento de famílias e, em menos de dois anos, elas já produziam milho, feijão e arroz plantados nas "ruas" do cafezal em formação, tais medidas foram de grande importância para a formação e elevação do Patrimônio à município, visto que sua localização não era privilegiada, por ser afastada dos grandes centros. O arrendamento das terras ociosas do Patrimônio para o plantio de algodão atraiu vários interessados que acabaram fixando-se no Patrimônio, sendo este o passo para o surgimento dos grupos escolares, armazéns, lojas de tecidos, cinema, pensões, farmácias,

consultório médico, oficinas, máquinas de benefício de arroz e o mais importante, a construção de casas de moradia.

Os corretores irmãos Antônio e Luiz Barreto de Oliveira, Adriano Augusto Trondi e Fernando Gardel encarregaram-se dos lotes urbanos aproveitando o renome do Dr. Prestes Maia fizeram muitas vendas em São Paulo, Campinas e interior, que propiciaram à sociedade uma carteira de recebimentos importante para a aplicação nas obras de desenvolvimento do Patrimônio. O Rio Paraná tinha muitos pescadores todos entregues à sua sorte, sem nenhuma assistência e orientação e uma economia realizada de forma amadora. O Ministério da Marinha financiou a construção, instalação e manutenção da Colônia-Ambulatório dos Pescadores, cuja fita inaugural foi cortada em 25 de Novembro de 1951, pelo Deputado Pedroso Jr. que havia conseguido a verba. Nesse mesmo dia foi inaugurada a geração da energia elétrica produzida por um potente gerador a diesel, lançada a pedra fundamental dos armazéns da C.P.T. (Cia. Paulista de Transportes) e escritórios da C.A.I. C (Companhia Agrícola de Imigração e Colonização), subsidiárias da Cia. Paulista de Estradas de Ferro, fatos que configuram o desenvolvimento de Panorama e seus laços de poder, que moldaram a vontade de investidores e representantes daquele período. (MARQUES 2008)

Panorama começava a assumir dimensão de cidade ou estrutura de um município. O município começou a contar com mais ônibus na linha, pessoas chegando para negócios ou lazer. Com as novas características que Panorama foi adquirindo era necessária a implantação de um hotel, o que ocorreu através do projeto dos arquitetos Roberto e Carlos Nadalutti, irmãos do Diretor Augusto Nadalutti, residentes no Rio de Janeiro, oferecido gratuitamente, foi construído, com a supervisão do Sr. Amador Lombelo, concessionário da serraria, o HOTEL PANORAMA (Figura 9), hoje Clube Paranoá (Figura 10), com ampliações e arquitetura modificadas.



Figura 9: Hotel Panorama (Companhia Panorama). Fonte: César Claudino de Souza, 1969.

Na foto acima podemos verificar momento histórico de Panorama no qual sinalizava um período de desenvolvimento e formação do município. Na foto abaixo podemos verificar Panorama na perspectiva atual. Em lugar do referido Hotel Panorama hoje funciona as instalações do Hotel Clube Paranoá (Figura 9) que faz parte do atual turismo que é praticado, tendo ênfase na pesca.



Figura 10: Paranoá Clube antigo Hotel Panorama: Fonte: Paulo Primo Sobrinho, 2011.

Na época as importações eram quase impossíveis. Um trator era indispensável. Para o desenvolvimento e formatação do plano municipal de Panorama sempre foi necessário a utilização do poder econômico e político para realizar as aspirações dos investidores e representantes local, no contexto de

influência de poder, a figura do Dr. Nelson Noronha, foi decisivo. O gerente do Banco do Brasil em Campinas, Sr. Antonio Carlos Bastos, disse não poder financiar a compra e autorizar a importação, considerando ainda inútil qualquer tentativa junto aos seus superiores. O Dr. Nelson e o Sr. Augusto seguiram para o Rio de Janeiro e, em companhia dos Deputados Federais Ferraz Egreja e Pereira Lopes, reuniram-se com o Ministro da Agricultura, João Cleófas que, ante os argumentos apresentados pelos representantes de Panorama, mandou redigir uma carta para o Banco do Brasil de Campinas, autorizando o financiamento e a importação de um trator D-4, que desembarcou em Santos no mês de Junho de 1949. Com ele abriu-se as ruas e construiu-se o campo de aviação junto ao Ribeirão das Marrecas, sendo um marco importante para a evolução de Panorama, o qual modificou o cenário que se apresentava praticamente rural (MARQUQUES 2008).

Em 28 de Março de 1953 foi instalado o 1º. Cartório de Registro Civil e Tabelionato (Figura 11), cuja titular foi Dr^a. Aurora Francisco de Camargo. A orientação para o funcionamento do cartório foi dada pelo advogado da Cia. Imobiliária Campineira, Dr. Enéas Ferreira Guarita que marcou presença com seus trabalhos na instalação da Prefeitura, entre os quais se incumbiu da organização político-administrativa.



Figura 11: 1º. Cartório de Registro Civil e Tabelionato :Fonte:José H. Buzelin, 1953.

Neste mesmo ano foi requerida a elevação de Panorama a Município, uma nova luta para este propósito que contou com o poder e influência de políticos e investidores locais, que estavam quase diariamente na Assembléia Legislativa para

conversar com os deputados pedindo apoio à iniciativa. Finalmente, na última sessão do ano legislativo, o Presidente da Assembléia, o campineiro Dr. Rui de Almeida Barbosa, anunciou a elevação de Panorama a Município. Com o Município aprovado era necessário registrar os eleitores para a eleição a ser realizada e, para isso, o Dr. Nelson de Noronha Gustavo mandou para Panorama o correligionário Sr. Antônio Duran que fez o cadastramento. Em outubro de 1954, realizadas as eleições, foi eleito o Sr. Paulo de Arruda Mendes para Prefeito, diplomado em Janeiro de 1955. Com a emancipação e a elevação de Panorama a município estava realizado os anseios e a intenção de transformar este município em um potencial do extremo oeste paulista (Marques 2008).

De grande importância está a construção e a instalação da rede ferroviária que se estendeu até Panorama, às margens do Rio Paraná, que deu novas territorialidades ao município. Chamado tronco oeste da Paulista, um enorme ramal que parte de Itirapina até o rio Paraná foi constituído em 1941 a partir da retificação das linhas de três ramais já existentes a partir daquele ano, a linha, que chegava somente até Tupã, foi prolongada progressivamente até Panorama, na beira do rio Paraná, chegando em 1962. Trens de passageiros, a partir de novembro de 1998 operados pela Ferrobán, seguiram trafegando pela linha precariamente até 15 de março de 2001, quando foram suprimidos. A estação de Panorama foi inaugurada em 1962. A estação foi construída de forma provisória (Figura 12), de madeira, e acabou ficando assim até 1983, quando uma nova estação foi construída, com o mesmo estilo das outras do ramal, que eram dos anos 40, esta estação foi inaugurada em 1984 e hoje se apresenta como uma rugosidade do espaço.



Figura 12: Antiga Estação Ferroviária de Panorama: Fonte: FEPASA, 1982

A Ferrobán parou suas atividades entre 2001/2002 e foi abandonada juntamente com toda a linha Bauru – Panorama sinalizando a queda do sistema ferroviário no estado juntamente com o fechamento das estações, incluindo Panorama. A estação ferroviária de Panorama era o símbolo da importância do sistema e da malha ferroviária e de um período econômico que estava pautado na expansão cafeeira para o oeste do estado de São Paulo. Ao mesmo tempo em que a ferrovia norteava uma economia, esta era sinônimo de desenvolvimento, sendo que várias cidades do oeste paulista se desenvolvia nas proximidades da malha da ferrovia. Com a paralisação da ferrovia as estruturas foram abandonadas, transformando-se em rugosidades do espaço urbano que identificavam uma fase do município.

A cidade como espaço geográfico historicamente construído institui e norteia novas formas e funções, assim como a solidificação de formas remotas, adquirindo ou não novas funções e formas. As rugosidades existentes inseridas em um novo contexto sócio-espacial, materializando o passado permanecendo como marca histórica de um lugar que existiu, neste sentido, Santos (1996) enfatiza:

“Chamemos rugosidade ao que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos” (SANTOS, 1996, p. 113).

No contexto da desativação da estação ferroviária esta ficou abandonada por cinco anos em depredação, transformando-se em uma rugosidade do espaço, contemplando o passado e adquirindo nova função no presente. Atualmente a estação ferroviária funciona como biblioteca municipal (Figura 13), a estrutura passou por reformas para se adequar as novas funcionalidades.



Figura 13: Estação que virou biblioteca: Fonte: Cristiano Luizão, 2006.

Panorama adquiriu novas formas urbanas, se (re)configurando e incorporando novas territorialidades. Os espaços urbanos antigos que remontavam sua fundação ganharam novas formas e usos. Através das rugosidades que se materializaram no espaço podemos ver as mudanças sociais e econômicas, compreendendo as territorialidades da atualidade em conjunto com os novos arranjos econômicos.

No processo de urbanização que se materializou em infraestruturas, está o poder e o jogo de influências dos políticos e representantes locais daquele momento histórico que culminou com a formação de Panorama e posteriormente sua malha urbana. O município de Panorama encontra-se em processo de reestruturação de

sua malha urbana, que traz mudanças além das estruturas, também nas relações que são tecidas no espaço, que redefine as funções da cidade e da vida cidadina. Para Sobarzo (2007):

Nesse sentido, a cidade é considerada como produto e condicionante da reprodução da sociedade, da reprodução da vida, das relações sociais que se manifesta na prática socioespacial, ou seja, o espaço construído e modificado, no dia-a-dia, nas ações cotidianas, no uso e na apropriação que dele se faz e, ao mesmo tempo, o espaço influenciando essa cotidianidade. (SOBARZO, 2007, p.158)

Neste sentido, há a importância de compreender as mutações e reconfigurações do arranjo espacial através do processo histórico, pois, segundo Lefebvre (1968), ele é determinado por continuidades e descontinuidades, estruturações e desestruturações, evoluções e revoluções no tempo. As Figuras 3 e 13 mostram Panorana em sua evolução urbana, da planta que demonstra o pionerismo e o desbravamento de áreas e sua posterior posição, apresentando sua malha urbana formada. Neste viés da urbanização e seu desenvolvimento Koga (2003) enfatiza a importância do norteamiento das políticas públicas e a relação entre os indivíduos que desdobram sobre as estruturas.

Pensar na política pública a partir do território exige também um exercício de revisita à história, ao cotidiano, ao universo cultural que vive nesse território, se o considerarmos para além do espaço físico, isto é, como toda gama de relações estabelecidas entre seus moradores, que de fato o constroem e reconstroem. (KOGA: 2003, p. 25).



Figura 14: Imagem de Panorama-SP. Fonte: Prefeitura Municipal Panorama, 2010.

Após a elevação de Panorama à município várias medidas foram tomadas para que este, que tinha características rurais, se tornasse uma cidade propriamente dita. Muitas estruturas da década de 1950 permanecem no município ganhando um apelo turístico. Entre o novo e o velho pode-se verificar que várias estruturas ganharam novas conotações e usos, mudando seu sentido e símbolo. Estes símbolos são as rugosidades do espaço que denunciam a transição de um modelo socioeconômico e espacial. Entre os símbolos está a capela de São José, seu projeto foi decretado no dia 16 de julho de 1958, a construção da capela que seria a única igreja de porte da cidade. No dia 15 de novembro do mesmo ano, as construções foram iniciadas. A capela, que é de propriedade da Igreja Católica, é aberta a visitação pública, fazendo parte dos atrativos turísticos da cidade, segundo o secretário de turismo do município Cezar Claudino, em entrevista aberta.

A capela mantém seus traços tradicionais de 1959 (Figura 15), mas, recentemente passou por uma reforma (Figura 16), apesar de seu ótimo estado de conservação. Pela representação simbólica que essa Igreja exerce na cidade, é considerada forte potencial, baseada na peregrinação de fiéis, que muitas vezes, está ligada ao turismo religioso.



Figura 15: Capela São José. Fonte: José H. Buzelin, 1959.



Figura 16: Capela São José. Fonte: José H. Buzelin, 1959.

No urbano manifestam-se os estilos de vida citadina, o que releva seu grau de interação da sociedade com o espaço e seu papel quanto cidadão modificador da paisagem. Apesar de Panorama datar a década de 50, esta já apresenta suas rugosidades, sua história, o que revela seu enquadramento e funcionalidade urbana, apoiada em âmbito econômico que se revela no espaço.

A reflexão sobre a cidade é, fundamentalmente, uma reflexão sobre a prática sócio-espacial que diz respeito ao modo pelo qual se realiza a vida na cidade, enquanto formas e momentos de apropriação. Assim, o espaço urbano apresenta um sentido profundo, pois se revela enquanto condição, meio e produto da ação humana. (CARLOS, 2004, p.07).

Na linha de pensamento de Carlos (2004), é fundamental reconhecer a história do urbano para compreender as novas dinâmicas e organização da sociedade como um todo, que se materializa no espaço. Na tentativa de compreender as novas dinâmicas e a organização do espaço e seu novos significados, faremos o contraponto entre o velho e o novo de pontos da cidade através de fotografias.

Nas figuras 17 e 18 remontam o tempo da Rua Quintino Maudonett que, hoje, apresenta-se como polo comercial do município, havendo concentração de lojas, supermercados, bancos, entre outras figuras comerciais que fazem parte do urbano. Esta é um das principais ruas de Panorama, visto que seu comércio é limitado e concentrando em poucas ruas. No passado esta rua já apresentava prédios comerciais, tendo sua especificidade anunciada. O espaço e o tempo estão presentes nas fotografias, denunciando o fluxo que era menor, a aglomeração urbana, e toda a questão da tecnificação do espaço urbano.



Figura 17: Rua Quintino Maudonett Década 1960: Fonte: José H. Buzolin, (S/A)



Figura 18: Rua Quintino Maudonett. Fonte: Cezar Claudino de Souza, 2010.

A Avenida Rodion Podolsky (Figura 19) pode ser considerada o portal de entrada cidade. Como em quase toda a cidade, a avenida se modificou e intensificou sua técnica no espaço. Esta avenida apresenta múltiplas territorialidades e adquiriu vários usos e especificidades.



Figura 19: Avenida Rodion Podolsky :Fonte: Cezar Claudino de Souza, 2011.



Figura 20: Avenida Rodion Podolsky. Fonte: José H. Buzolin, 1956.

Como remete a Figura 20, a avenida estava em processo de formação e mostrava características daquele momento histórico, de formação e desenvolvimento urbano. Mas, mesmo com as mudanças técnicas e temporais, várias estruturas permaneceram com as rugosidades urbanas, como é o caso da farmácia da foto, sendo a primeira do município e permanecendo, atualmente, remodelada e com o nome de farmácia Dracena. Quanto às múltiplas territorialidades que contempla este espaço urbano vale ressaltar que em períodos que ocorrem os eventos (Carnaval /Carnaval fora de época) ela torna-se ponto palco destes eventos (Figura 21) recebendo em média de 20 a 30 mil pessoas no decorrer de cada evento, segundo o secretário de turismo Cezar Claudino, em entrevista aberta. A citada avenida concentra vários bares, lanchonetes e serv-festas.



Figura 21: Avenida Rodion Podolsky / Carnaval: Fonte: Cezar Claudino, 2008.

O urbano sempre estará em movimento e sempre cristalizando em suas formas a história, construída através das relações em homem e meio, tendo como impulsionador a economia. Mas através das molduras instaladas no urbano, pode-se observar o passado, compreender o presente e desenhar o futuro. . Diante a estruturação e desenvolvimento e movimento urbano Carlos (1988) menciona:

O espaço não é humano porque o homem o habita, mas porque o constrói e reproduz, tornando o objeto sobre o qual recai o trabalho em algo que lhe é próprio. Por outro lado, o espaço passa a ser produzido em função do processo produtivo geral da sociedade. É assim um produto histórico que sofreu e sofre um processo de acumulação técnica cultural apresentando a cada momento as características e determinações da sociedade que a produz. (CARLOS, 1988, p. 15).

Dentro da evolução urbana de Panorama, podemos enfatizar o poder, interesse sobre a especulação imobiliária, e o desejo da ampliação do capital. Panorama pode ser inserida na ótica de povoamento oeste paulista, que atendia aos interesses comerciais e empresariais daquele dado momento histórico. Desde a década de 1950, com a formação formal de Panorama este município vem adquirindo novas formas e territorialidades, que perpassam o econômico.

Em relação ao sistema de transporte Panorama apresenta uma grande potencialidade de navegação do rio Paraná. Na margem esquerda do rio Paraná, encontra-se o Terminal Intermodal de Panorama. Trata-se de um Terminal Intermodal, pois além do Rio Paraná, o Porto de Panorama pode ser acessado pelas vias rodoviárias (Rodovia SP-294), e ferroviária (Unidade Regional Bauru - UR 3, da Ferrovias Paulistas S.A. - FEPASA). Trata-se de um Terminal com origem na década de 60 (Figura 22), tendo vocação única para transbordo de grãos sólidos como soja, trigo e outros produtos que possam ser movimentados por sucção e correias (Costa, 1997).

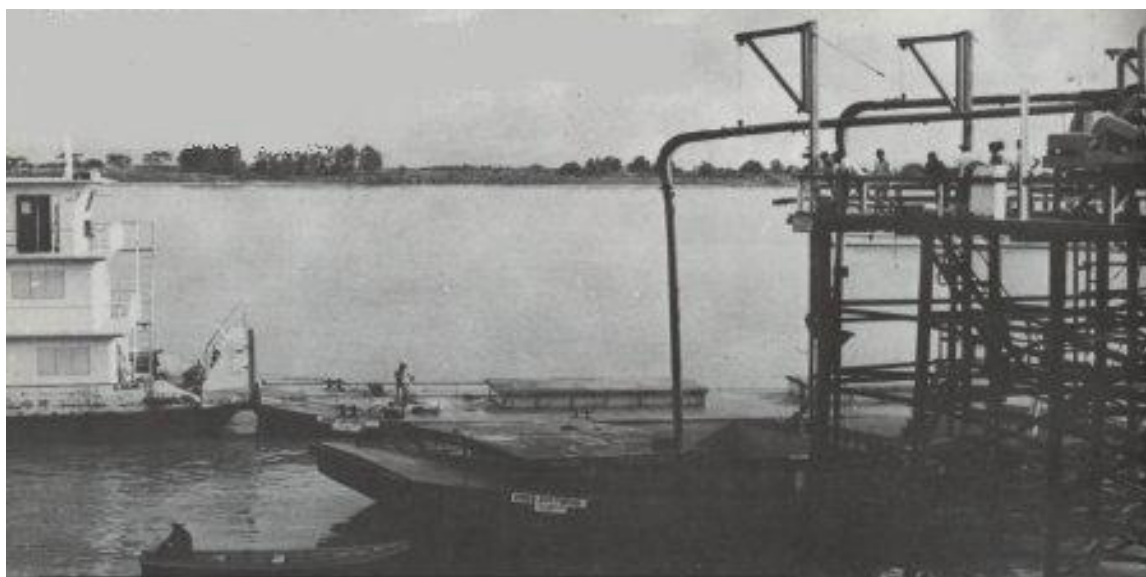


Figura 22: Porto Intermodal de Panorama em 1968: Fonte: José H. Buzelin, 1968.

Mas o porto originário considerado ultrapassado foi desativado. Panorama “ganhou” um novo porto intermodal, construído pela CESP, fazendo parte das obras de mitigação pelos impactos ambientais e sociais causados pela formação do reservatório da UHE Sergio Motta no rio Paraná. A intermodalidade praticada em Panorama esta condicionada ao transbordo inicial das barcaças hidroviárias para os vagões do modal ferroviário, porém, caso necessário, é possível transbordar a carga para as carretas do modal rodoviário.

O terminal intermodal de Panorama teve grande importância e atuação no final da década de 70 e início da década de 80, com uma pesada movimentação de grãos, em especial trigo, oriundos do Paraná com destino a Moinhos em São Paulo e Jundiaí, fato que cunhou o termo “rota do trigo”. Com a desativação da malha ferroviária no trecho de Bauru a Panorama, o terminal entrou em decadência e encontra-se inoperante desde 2006. As operações mais importantes para o porto de Panorama foram o trigo, oriundo de Guairá - Paraná a 453 km ao sul, e a soja, oriunda de Hernandaryas (Paraguai), Ahrana(2009)

Panorama passou por grandes transformações que marcaram sua história, e através desta podemos analisar a evolução e seu desenvolvimento. Como podemos verificar em seu histórico este município apresenta similaridades em sua formação com as cidades do oeste paulista, mas sempre apresentando características próprias que são conotadas pelos seus aspectos geográficos. Sua localização vista como pouco privilegiada por estar distante dos grandes centros, mas, tornando estratégica por estar às margens do rio Paraná, na ponta da importante rodovia Comandante João Ribeiro de Barros, na fronteira com Mato Grosso do Sul, constituindo o transporte do sistema intermodal viabilizando o fluxo da produção desta região e de pessoas.

O fluxo entre São Paulo e Mato Grosso do Sul era estabelecido através da balsa que remonta ao período de formação do município, esta era a única modalidade de conexão entre os estados, o qual dificultava o fluxo, pois, a balsa tinha os horários rígidos, além de ser um custo para realizar a travessia, o que limitava o fluxo da população das cidades da região entre os estados.

A primeira balsa começou a operar em Panorama em 1953, (Figura 23) no contexto histórico, este investimento sinalizava que Panorama poderia desenvolver-se e tornar-se um polo na região, pois, através da balsa o fluxo entre os estados

aumentou consideravelmente, proporcionando um fluxo financeiro. Toda a produção da região de Brasilândia-MS passava pela balsa. O estado do Mato Grosso do Sul era considerado um atrativo, pois suas terras eram mais em conta que as do estado paulista, fazendo com que fazendeiros paulistas investissem neste estado, principalmente, em gado de corte e, neste cenário, a balsa trouxe novas perspectivas, viabilizando a escoação da produção do Mato Grosso do Sul para o estado de São Paulo, que consumia grande parte de sua produção.

Nas fotografias abaixo ficam nítidas as mudanças: a primeira balsa em 1953 mostra o fluxo de pessoas, neste período Brasilândia encontrava-se menos desenvolvida que Panorama, sendo essa última um polo comercial onde a população buscava mercadorias do cotidiano, como combustível, mantimentos entre outros. A (Figura 24) de 2000 retrata uma nova fase da balsa, substituída pela primeira, em veio perdendo prestígio ao longo do tempo, o município de Brasilândia começou a suprir suas necessidades básicas, diminuindo o fluxo populacional entre os estados fronteiriços. Entre os motivos que levou ao declínio podemos citar o valor do traslado, fazendo com que não compensasse frequentar Panorama para realizar compras. Outras cidades de maior porte que Brasilândia se desenvolveram em suas proximidades, criando novas dinâmicas e laços.



Figura 23: Primeira Balsa de Panorama. Fonte: Cezar Claudino, 1953.



Figura 24:Nova Balsa: Fonte: André Kuwada, 2000.

No quadro da evolução urbana de Panorama deve-se analisar os aspectos econômicos desde sua formação para compreender as novas dinâmicas que se instalaram neste município, alterando as relações com o espaço e as relações sociais. O desenvolvimento econômico de Panorama sempre esteve atrelado à sua posição geográfica, sendo favorecida pelo Rio Paraná, neste sentido quase que todas as atividades econômicas tinham relações diretas ou indiretas com o Rio Paraná. Desde a formação do município várias atividades econômicas influenciaram Panorama, deixando suas rugosidades no espaço e alterando as relações de trabalho e sociais.

Como mencionado, as atividades econômicas de Panorama sempre estiveram atreladas ao Rio Paraná, denunciando perspectivas atuais. Algumas atividades permaneceram com novos arranjos e novas territorialidades.

As cerâmicas e olarias foram as atividades que mais se destacaram em Panorama chegando ao seu ápice na década de oitenta com, aproximadamente, 150 cerâmicas e olarias ao todo. Esta atividade se desenvolveu pela grande jazida de argila no Rio Paraná, impulsionando-a. O setor era destaque na região, uma vez inaugurada a primeira cerâmica em 1953 (Figura 25), período no qual, várias cidades estavam em desenvolvimento na região, tornando Panorama um polo ceramista da região.



Figura 25: Primeira Cerâmica de Panorama. Fonte: Cezar Claudino, 1953.

As cerâmicas foram o setor predominante em Panorama até a década de 1990, quando o sistema ceramista aos poucos foi se desfazendo, diminuindo o número de estabelecimentos. O declínio de vários estabelecimentos está atrelado à concorrência, já que as cerâmicas dominaram esta atividade. As cerâmicas dispõem de mais capital, tecnologia e técnicas empregadas em seus estabelecimentos, sendo consideradas empresas, contando com grande número de funcionários e uma produção latente, o que torna o mercado mais concorrente. Enquanto as olarias são artesanais, não dispendo de grandes investimentos, tornando-se menos competitivo no mercado, pois, estas são de ordem familiar.

Na década de 1990 várias olarias faliram, não conseguindo acompanhar o desenvolvimento das cerâmicas. Em 2000 com a formação do lago artificial, as jazidas de argila ficaram submersas, levando o setor ao declínio pela falta de matéria prima. Tornando a atividade inviável no município, pois a matéria prima ficou distante, aumentando os custos. Neste novo cenário, várias cerâmicas fecharam, reduzindo para aproximadamente cinquenta empreendimentos entre olarias e cerâmicas.

Nas figuras 25 e 26 pode-se analisar o velho e o novo, as características das cerâmicas permaneceram quase que inalteradas, mas, internamente foram dotadas de instrumentos mais modernos para tornarem-se mais competitivas e aumentarem sua produção. Este setor era o que mais agregava mão de obra no município e, com

o declínio desta atividade os trabalhadores inseriram-se nos novos arranjos produtivos, os qual serão mais detalhado posteriormente.



Figura 26: Cerâmica em Panorama: Fonte: Willian Ribeiro da Silva 2011.

Aproveitando o potencial pesqueiro do Rio Paraná, a pesca tornou-se uma das principais atividades junto ao setor ceramista. Nos primórdios de Panorama, a pesca abastecia a região e sempre atraía grande quantidade de pescadores. Diante da importância deste setor e o grande número de pescadores, em 1952 (Figura 27) fundaram a Colônia de Pescadores Z-15 José More de Panorama, que representava a classe dos pescadores e servia como ponto de apoio. A colônia de pescadores foi adquirindo novas funções e formalidades e hoje está ligada às forças sindicais para reivindicar melhores condições de trabalho e garantias. Atualmente a Colônia tem parcerias com as faculdades da região (Faculdades Adamantinense Integrada e Faculdade de Dracena) com os cursos de zootecnia, biologia, entre outras áreas de interesse, a fim de que os pescadores saiam do amadorismo e torne mais rentável esta atividade. Os filiados à Colônia são pescadores profissionais e regulamentados, com direitos garantidos como cesta básica no período da piracema e um salário mínimo. Os pescadores participam de cursos oferecidos pelas instituições de ensino e profissionais da área. A Colônia passou por transformações em sua estrutura,

como mostra as Figura 27 e 28, sendo um dos símbolos históricos de Panorama, que representa uma atividade que vem passando por mudanças. Com a formação do lago no Rio Paraná, adquiriu novas dinâmicas que alterou a função de muitos pescadores que se tornaram guias de pesca, sendo o turismo de pesca considerado o grande atrativo do município pelo secretário de turismo. As novas dinâmicas fluviais e as novas relações de trabalho serão desenvolvidas adiante.



Figura 27: Colônia de Pescadores Z-15 em 1953: Fonte: Cezar Claudino de Souza



Figura 28: Colônia de Pescadores Z-15: Fonte: Cezar Claudino de Souza, 2010.

O lazer em Panorama, assim como as outras atividades citadas, está vinculada ao Rio Paraná. Esta atividade sempre esteve presente em Panorama aproveitando a balneabilidade do Rio Paraná. Mas o lazer em Panorama não era visto pela economia, por se tratar de uma atividade que não agregava valor. Foi projetada pela prefeitura municipal uma área específica para a formação da chamada “Prainha” pelos moradores e visitantes.

A citada área era um atrativo para as cidades vizinhas, sendo bem freqüentada. A área não passava de um bosque com uma praia fluvial artificial, neste espaço não havia uma infraestrutura adequada, os visitantes traziam tudo de suas casas, desde alimentação até churrasqueiras. As figuras 31 e 32 mostram a evolução da área de lazer, que fez parte do histórico de Panorama e que impulsionou novas dinâmicas relacionadas ao lazer na atualidade. Para chegar à citada “Prainha” era necessário passar por uma ponte (Figuras 29) que ligava a esta área de lazer. Com a formação do lago no Rio Paraná, ela ficou submersa, sendo a área de lazer transferida para o Balneário Municipal construído pela Cesp para mitigar os impactos causados em relação à formação da represa.



Figura 29: Ponte de acesso à “Prainha”. Fonte: Cezar Claudino de Souza, 1994.



Figura 30: “Prainha”: Fonte: Cezar Claudino de Souza, 1996.



Figura 31: “Prainha” década de 1970: Fonte: Cezar Claudino de Souza (S/A)

Nos entrelaces históricos de Panorama podemos visualizar sua dependência em relação ao Rio Paraná e sua posição geográfica. Diante do panorama das atividades que foram desenvolvidas ao longo do tempo verifica-se que estas permanecem, mas, com novas configurações e funções, ressaltando seus desdobramentos diante da sociedade. As formas urbanas marcam períodos que conta o passado e que norteia o presente.

As economias que se estabeleceram em Panorama sobrecaem na organização urbana e no arranjo das relações que se tecem no meio urbano e rural. Atualmente a prefeitura junto à secretaria do turismo, vende a imagem de uma cidade turística e sua análise é imprescindível, estando calcado no processo histórico de Panorama. Nesta parte do trabalho foi valorizado o velho, fazendo contraponto com o novo, para compreender as novas territorialidades de Panorama e como estas tramas desdobram-se nas relações sociais e espaciais, características que serão aprofundadas nos próximos capítulos, visões específicas, que ressaltarão as especificidades de Panorama na atualidade.

3.2 PANORAMA E OS SISTEMAS DE ENGENHARIA – O Exemplo da UHE. Eng. Sérgio Motta e da ponte Mário Covas

As mudanças introduzidas em território brasileiro, demandam de mudanças para atender as novas ordens econômicas. Visto a tentativa de modernizar o território, várias políticas públicas são desenhadas para modificar o território, tornando-o moderno. Mas, as políticas públicas são seletivas e criam disparidades pelo território, dotando alguns territórios com técnicas, enquanto outros se tornam mais rarefeito, causando sua segregação técnica. Mas, esta tentativa de modernizar o território tem como pano de fundo torná-lo mais fluido para a movimentação da produção em várias escalas. Nesta perspectiva relacionando fluidez e os sistemas de transporte, Santos e Silveira (2003, p.64) enfatizam que “há uma demanda de rápido deslocamento no território nacional, criada pela unificação dos mercados, que se acompanha de maior abrangência de ações das firmas” diante da instrumentalização do território as grandes corporações que absorvem as políticas implantadas no território.

Para uma maior flexibilização e fluidez do capital, este anda atrelado com a materialização de objetos técnicos científicos no território, que atua nos mais diversos territórios e localidades, dando novos significados e relações onde se implantam. Neste sentido, Santos (1996) aponta:

O aprofundamento da divisão do trabalho impõe formas novas e mais elaboradas de cooperação e de controle, á escala do mundo, onde é central o papel dos sistemas de engenharia concebido para assegurar uma maior fluidez dos fatores hegemônicos e uma maior regulação dos processos produtivos, por intermédio das finanças e da especulação. (SANTOS, 1996, p.225)

Perante as novas características econômicas e sociais que o Brasil vem experimentando, que se desdobram sobre o território através de grandes obras, tornando o território moderno, com novas técnicas e sistemas de engenharia. Deste modo se faz necessário analisar o papel que os sistemas de engenharia desempenham na configuração territorial e seus efeitos e desdobramentos no regional, focando os aspectos sociais e econômicos, pois, as grandes obras modelam o espaço e seus habitantes.

O conceito aqui adotado é de “sistemas de engenharia” proposto por Santos (1988, p.79), como sendo “um conjunto de instrumentos de trabalho agregados a natureza e de outros instrumentos de trabalho que se localizam sobre estes, uma ordem criada para e pelo trabalho”. Os sistemas de engenharia centram-se na materialização das técnicas no espaço, tornando este mais fluido, através das grandes obras, viadutos, rodovias, hidrelétricas, setor da comunicação. Os sistemas de engenharia estão relacionados com o movimento do espaço, através dos fixos e dos fluxos, sendo a relação material com o imaterial, que se cristaliza no espaço por meio das grandes obras, que dinamizam este espaço e seu redor.

Os fixos, sejam eles naturais ou sociais, originam os sistemas de engenharia, que nada mais são do que os sistemas de trabalho agregados à natureza. De tal modo que não há sistemas de engenharia sem que haja uma transformação do antes tido como natural. Com relação a estes sistemas, ainda vale ressaltar que quanto maior for a sua eficiência mais se produz em menos tempo, acentuando a divisão de outro fator intrínseco ao espaço, o trabalho. Os sistemas de engenharia modificam as estruturas naturais e sociais, moldando e redimensionando o mundo do trabalho.

Através destas preposições, Panorama insere-se na ótica dos sistemas de engenharia, sendo as grandes obras neste município ou na região que provocaram profundas mudanças que são de várias ordens, lembrando que as dinâmicas nacionais ou internacionais, se materializam no local, através de técnicas, tornando os territórios mais suscetíveis aos investimentos e a fluidez do capital.

Os sistemas de engenharia implantados ao longo do rio Paraná alteraram as dinâmicas em âmbito regional em seus diversos aspectos sendo econômico social e ambiental. Dentre os sistemas de engenharia, implantados ao longo do rio Paraná, que modificou Panorama pode-se mencionar a UHE. Sergio Motta e a Ponte Mário Covas, obra que estabeleceu novas dinâmicas territoriais.

As políticas energéticas das décadas de 1960 e 1970 estão apoiadas no desenvolvimento industrial brasileiro e ampliação da urbanização, neste contexto amplia-se as UHEs no país, sendo os rios Paraná e Tietê passivos de estudos, para aproveitamento hidrelétrico, realizados pela CESP. Neste sentido Gonçalves (1996) enfatiza que:

A bacia do Paraná vem assumindo desde os fins da década de 70, a importância como espaço que esta sendo organizado e consumido para a produção de energia, como resultado das atividades econômicas regionais e nacionais determinada extremamente pelo processo urbano industrial (GONÇALVES, 1996, p.17)

As obras energéticas realizadas a partir da década de 1970 entra no rol das políticas modernizadoras do território, inserindo novos arranjos produtivos na economia brasileira, sendo políticas de ordem nacional que reorganizam o território regional, no caso das obras no rio Paraná que vem na tentativa de integrar esta área ao restante do estado e inserir novas dinâmicas desenvolvimentistas.

A UHE Sergio Motta constitui o último e o mais demorado empreendimento deste gênero instalado na região, representando uma das mais polêmicas de todas as construções de usinas construídas pela CESP. Construída no Rio Paraná há 28 km da confluência com o Rio Paranapanema, uma região em que o potencial hídrico foi voltado para empreendimentos hidroelétricos. A construção da UHE Eng. Sérgio Motta iniciada em 1979 durou duas décadas, seu projeto sofreu mudanças decorrentes aos avanços das leis ambientais no Brasil. As obras foram iniciadas com o apoio do governo do Estado de São Paulo, no mandato de Paulo Maluf, num

período em que não necessitavam estudos ambientais profundos. A obra foi paralizada várias vezes, caracterizando-se como uma obra lenta e honerosa (Figura 32), visto que várias obras hidroenergéticas realizadas pela CESP acompanharam a ideia de modernização e desenvolvimento territorial, sem o apelo ambiental, pois esta energia era considerada “limpa”. Mas por conta da morosidade das obras, a visão socioambiental mudou no Brasil, sendo necessário laudos de impacto ambiental, relatórios e debates com a sociedade sobre a implantação dos sistemas de engenharia. Esta obra culminou com a efervescência político-ambiental e diversos protestos foram realizados quanto aos seus impactos. Dados adquiridos da CESP, informam que a UHE. Sergio Motta entrou em operação no ano de 1999. Sua barragem, a mais extensa do Brasil, tem 10.186,20 m de comprimento e seu reservatório, 2.250 km² com uma extensão de 250 km se estendendo desde município de Rosana –SP até as bases da UHE Jupia. O enchimento do reservatório operacionalizou-se em duas etapas, sendo primeira etapa na cota 253,00 m, foi concluída em dezembro de 1998 e a segunda etapa, na cota 257,00 m, em março de 2001. Em Outubro de 2003, entrou em operação a unidade geradora 14, totalizando assim, 1.540 MW de potência instalada.

Os dados apresentados pela CESP enfatizam a dimensão do sistema de engenharia implantado na região oeste do estado de São Paulo e sua repercussão em diversas cidades acompanhadas pelo rio Paraná. A (Figura 32) enfatiza o início das obras e o desvio do Rio Paraná mostrando o poder do homem sobre a natureza e o jogo de poder empreendidos nos sistemas de engenharia voltados para a geração de energia naquele período. Esta foi a última obra deste gênero e magnitude implantada na região criando grande polêmica em relação a todas as obras realizadas pela CESP, sendo pelo seu orçamento ou pelo impacto causado. Pois, esta obra abarcou um período de ênfase ambiental, o que gerou controversas nos debates entre desenvolvimento e meio ambiente.

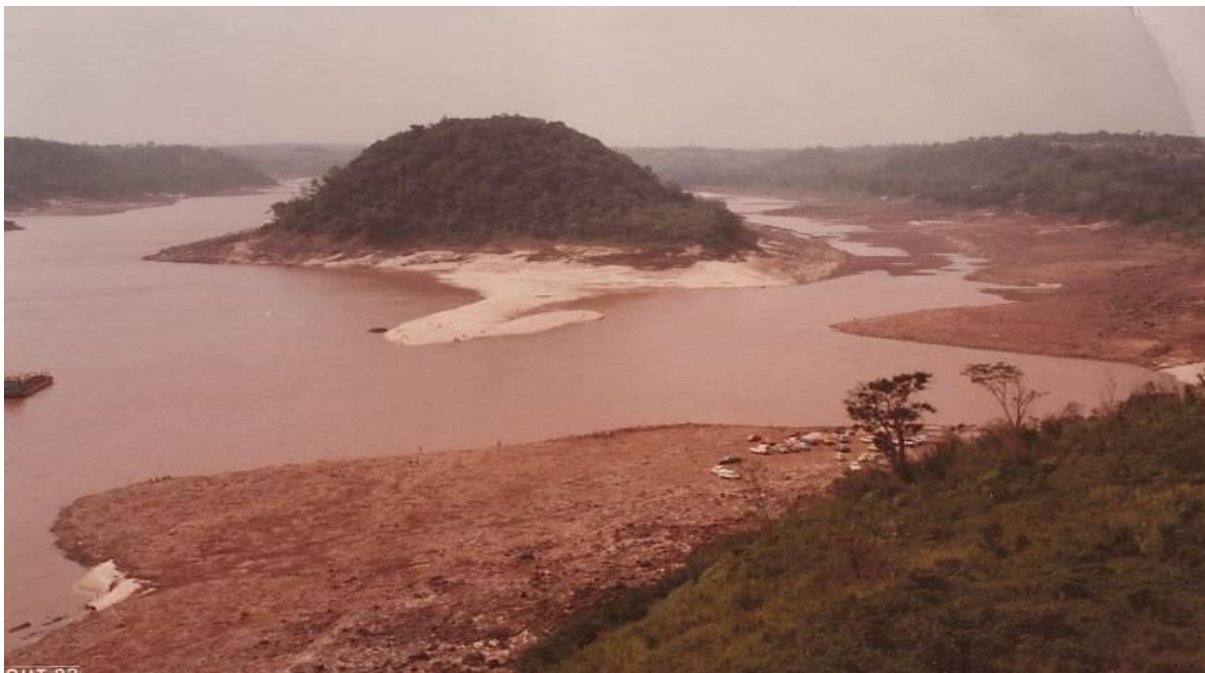


Figura 32 : Área da atual UHE. Sergio Mota, início das obra e desvio do Rio Paraná. Fonte : Tiago Rodrigues, 1982.

Outra grande obra que se destaca nos sistemas de engenharia implantados próximo a Panorama-SP está a Ponte Mário Covas (Figura 33) que foi concluída em 2009, tendo um importante papel na dinâmica regional, pois, liga o estado de São Paulo, no município de Paulicéia, a Mato Grosso do Sul, no município de Brasilândia.

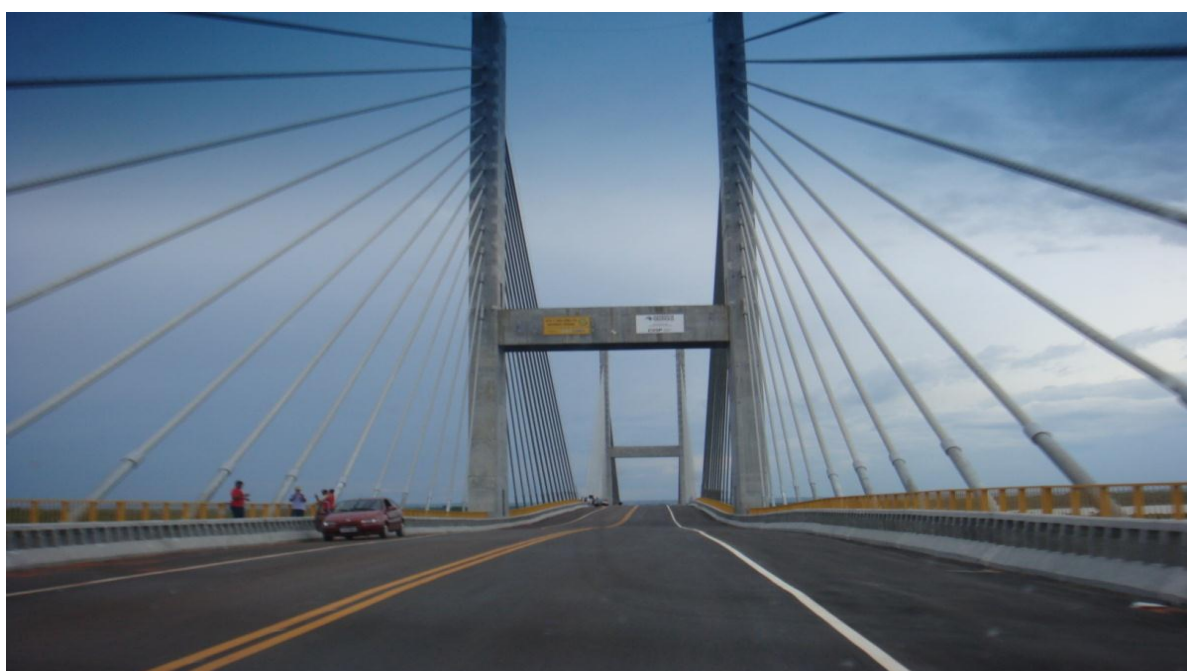


Figura 33: Ponte Mario Covas: Fonte: Willian Ribeiro da Silva, 2011.

Esta obra, apesar de recente, é uma velha reivindicação dos moradores e representantes dos municípios da barranca do Rio Paraná e do leste do Mato Grosso do Sul, e da AMNAP (Associação dos Municípios da Nova Alta Paulista), pois, foram trinta anos de luta pela ponte interestadual sobre o rio Paraná que apenas começou seus trabalhos burocráticos em 1998 com o governador Mário Covas, cujo nome foi dado à ponte. A ponte Mário Covas é uma obra que faz parte das medidas de compensação da CESP através das cidades afetadas pela formação do reservatório da Usina Hidrelétrica Engenheiro Sérgio Motta (Porto Primavera). O acordo foi firmado entre a CESP e a AMNAP no dia 3 de julho de 1998. Diante da complexidade da obra o investimento foi na ordem de 165 milhões de reais, tendo como produto uma ponte que apresenta 1.700m de extensão. A ponte trouxe novas dinâmicas para a região, reordenando o fluxo entre os dois estados. Destaque para um novo fluxo que pode ser visualizado, no escoamento, especialmente, da soja e do etanol e no fluxo de pessoas que se tornou mais efetivo.

3.4 OS DESDOBRAMENTOS DOS SISTEMAS DE ENGENHARIA EM PANORAMA

Panorama passou por várias transformações ao longo do tempo, que possibilitaram novas territorialidades a cada fase de sua história. Mas o marco que registra uma das suas principais transformações, está alicerçado na construção da UHE. Sergio Motta e o enchimento do lago artificial no rio Paraná, sendo estes os grandes modificadores da paisagem e responsáveis pela formação de um novo território.

Com a construção da UHE Engenheiro Sérgio Motta, Panorama teve uma perda de 8% do seu território, inundados pelas águas do Rio Paraná, prejudicando a principal atividade econômica do município, as cerâmicas de telha e tijolos, pois, sua principal matéria-prima, “jazidas de argila”, ficaram sob as águas. Entre as mudanças podemos citar o setor econômico, uma vez que Panorama tinha o setor cerâmico como sua principal atividade, sendo esta “substituída” pelo turismo. As dinâmicas que se instalaram em Panorama com a formação do lago são vistas pela CESP como desenvolvimento social e econômico, a atividade cerâmica

perdeu força com a falta de matéria-prima, em contrapartida a CESP lança como obras, estruturas urbanas e o balneário, que pelo conjunto da “obra” é visto como um grande potencial turístico pela prefeitura e pela CESP. Com a formação do lago artificial no rio Paraná, várias jazidas de argila ficaram submersa, atingindo o setor, que depende desta matéria-prima, inviabilizando esta atividade. Em decorrência do declínio do setor ceramista, a CESP, através de suas obras mitigatórias, criou condições para estabelecer novas atividades, que proporcionaram novas dinâmicas, como enfatizadas nesta pesquisa, o turismo. Segundo a secretaria de turismo do município, a empresa realizou outras obras que deram novas características em âmbito local e regional, trazendo alguns benefícios em detrimento dos impactos ambientais causados. Como menciona Dias, (2003):

Por outro lado, a implantação desse tipo de UHEs, possibilita o aparecimento da exploração de outras atividades, ou como se chama uso múltiplo das potencialidades criadas, como a navegação, irrigação, turismo etc. (DIAS, 2003, p.248).

O turismo em Panorama tem como seu principal produto o rio Paraná, que através da balneabilidade atrai turistas de toda a região do oeste paulista e do estado do Mato Grosso do Sul, tornando esta atividade um dos principais motores da economia do município.

Através das obras compensatórias realizadas pela CESP (Quadro 3), estas proporcionaram a implantação da atividade “turística” ou ampliação do lazer, diretamente ou indiretamente, como Balneário municipal, asfaltamento de vias, melhoria no hospital, construção de uma marina, entre outras obras realizadas na zona rural, como pontes, etc.

Quadro 3: Obras compensatórias em Panorama-SP pela CESP

PANORAMA	OBRAS
Obras:	Estrada Panorama – Rio do Peixe Via Marginal Reforma e Ampliação Santa Casa Drenagem de duas Avenidas Pavimentação e Drenagem de Nível para FEPASA Travessia 1 e 2 Ribeirão das Marrecas e Rio do Peixe Acesso Alternativo Fazenda São José Relocação Populacional Relocação Rede Esgoto Relocação Posto Policia Florestal Porto Fluvial e Ferrovia Área de Lazer Matadouro Municipal (Pareceria Prefeitura)

Fonte: Diretoria de Planejamento, Engenharia e Construção da UHE. Sergio Motta: Localização das Obras.

Por meio dos trabalhos de campo, verificou-se que a (re)organização territorial em Panorama, a partir das obras mitigatórias realizadas no âmbito do trabalho, os pescadores ganharam uma nova função, como de guia de pesca (Figura 34), trabalhando como diaristas ou estão agregados a uma pousada, que proporciona serviços ligados à pesca e ao setor náutico aos turistas. Esta reestruturação do trabalho perfaz em outros âmbitos do comércio, através de lojas especializadas em artigos de pesca, camping, iscas, entre outros, que configuram o “turismo” de Panorama.



Figura 34: Guias de pesca-Panorama. Fonte: Willian Ribeiro da Silva, 2011.

O território turístico em Panorama ao longo do tempo vem adquirindo novas dinâmicas, sendo estas fixadas através de construções e de idealização de novas formas espaciais, que podem ser representadas pela ponte Mario Covas e os loteamentos residenciais a beira do rio Paraná.

A ponte Mario Covas (Figura 35) esta localizada no município de Paulicéia aproximadamente a 2 km de Panorama, esta faz a ligação entre os estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul.



Figura 35: Vista aérea da ponte Mario Covas. Fonte: César Claudino de Souza, 2008

Com a conclusão da ponte foi possível um maior fluxo nesta região, pelo fácil acesso, pois, antes da construção da ponte a travessia entre os estados era feita através da balsa. A utilização da balsa dificultava o fluxo interestadual nesta região, pois, os horários da balsa eram inflexíveis, além do custo desta, sendo assim dificultada a mobilidade da população na divisa dos estados mencionados. Através de conversas com comerciantes e com a população de Brasilândia, observa-se que, com a presença da ponte, houve um aumento do fluxo de pessoas em Panorama, tanto para o lazer quanto para o comércio, este último de grande procura da população de Brasilândia pelos menores preços e serviços disponíveis que não são encontrados no município de origem.

A ponte viabilizou novas dinâmicas lindeiras, pois aumentou o fluxo entre os estados, abrindo a possibilidade de Panorama receber grande quantidade de visitantes de origem sul-mato-grossense, sendo dos mais diversos perfis, pois Panorama oferece várias modalidades de “turismo”, com o fortalecimento do turismo de “massa”, ou lazer mais acessível, tendo como atrativos, o aproveitamento do balneário, a pesca e o turismo náutico. Outro aspecto relevante sobre a ponte está no fato de que é visualizada pelos gestores e secretário do turismo como um atrativo turístico, no discurso que esta proporciona uma bela vista do rio Paraná, além de sua grandiosidade, que chama atenção dos visitantes.

Os loteamentos (Figura 36) acompanharam a dinâmica da ponte, grande parte dos loteamentos residenciais foi estabelecida nas proximidades da ponte, garantindo assim um apelo comercial que valorizou esta área, consequentemente, os lotes desta região.



Figura 36: Vista loteamento Aldeia do Lago- Panorama: Fonte: Antonio Rodrigo Mala, 2012.

Os loteamentos no município de Panorama são um novo elemento presente na dinâmica territorial que data do enchimento do lago no rio Paraná.

Com a procura por terras na beira do rio, para a formação de loteamentos, criou-se uma especulação, que diminuiu consideravelmente os ranchos tradicionais, aqueles que apresentavam dimensões de sítios e chácaras e que tinha acesso direto ao rio, sendo assim, imperando os residenciais a beira do rio, que é o fracionamento dos antigos ranchos, que conta com completa infra-estrutura urbana, onde se concentra casas que são denominados de “ranchos” de médio a alto luxo. Neste aspecto Sánches (1991) menciona:

O aumento da demanda por espaços de lazer e turísticos viabiliza investimentos por parte do setor imobiliário que atua no sentido de requalificar o espaço e promover sua refuncionalização, possibilitando a produção de unidades residências num espaço em processo de valorização, onde se destacam a produção de segundas residências (SÁNCHEZ, 1991, P. 35).

Como visto acima, os loteamentos são caracterizados como de segunda residência, sendo uma forma de turismo, pois grandes parcelas dos proprietários não residem no município, sendo estes de diversos pontos da região, e que fazem uso destes espaços para o lazer e para o descanso, aproveitando a paisagem do rio Paraná.

Como visto, o turismo se apropria dos bens de uso coletivo para seu desenvolvimento, neste sentido podemos citar a ponte que está se tornando um atrativo turístico, um bem publico que está sendo utilizado como símbolo de progresso, ativando em sua região a especulação imobiliária na beira do rio Paraná. Tanto a ponte, quanto os loteamentos são dinâmicas recentes, e que estão ocorrendo de maneira íntima, mas, que aos poucos vão sendo incorporados ao espaço, (re)configurando o território.

Panorama passou por várias transformações ao longo do tempo, que possibilitaram novas territorialidades a cada fase de sua história. Mas, o marco que registra uma das suas principais transformações, está alicerçada na construção da usina hidrelétrica Sergio Motta e o enchimento do lago artificial no rio Paraná, sendo estes grandes modificadores da paisagem e a formação de novo território. O “turismo” visualizado pelos gestores de Panorama tem como seu principal produto o

rio Paraná, que através da balneabilidade, atraindo visitantes de toda a região do oeste paulista e do leste do estado do Mato Grosso do Sul, tornando esta atividade um dos principais motores da economia do município.

O Balneário municipal simboliza os desdobramentos das grandes obras no território. A CESP construiu o balneário, como em várias cidades paulistas que foram atingidas pelas obras, idealizando um turismo imaginário, com discurso de elevar a renda e dinamizar a economia. Panorama insere-se neste viés recebendo investimentos e criando falsas imagens econômicas, como é apontado durante o trabalho.

A antiga área de lazer de Panorama a prainha atualmente submersa não apresentava nenhuma infraestrutura turística, aproveitando apenas a beleza do rio Paraná. O novo balneário construído em local diferente da prainha, comporta grande número de visitantes e está estruturado com bares, quiosques, e diversão aquática. Pode-se realizar uma análise temporal, focando as diferenças e as transformações relacionadas ao balneário nas as figuras 37 e 38.



Figura 37. Antigo balneário de Panorama-SP. Fonte: César Claudino de Souza, 1990.



Figura 38: Atual Balneário de Panorama-SP. Fonte: César Claudino de Souza. 2006.

Nas figuras anteriores fica clara a mudança perante as estruturas do balneário municipal de Panorama, sendo hoje um dos principais atrativos “turísticos”, onde, atualmente, shows e eventos são realizados no recinto do balneário, que conta com infraestruturas que comportam grandes eventos.

Os tradicionais eventos (trabalhados com mais detalhes adiante) realizados em Panorama passaram dos clubes para o balneário, ganhando novas dimensões e tornando-se eventos regionais, promovendo o município, mudando a visão sobre Panorama na região, que antes era apenas conhecida pelo comércio ceramista. Estas são algumas mudanças após a implantação da UHE. Sergio Motta, sendo a construção da usina e formação do lago os principais agentes dessas mudanças que se concretizou entorno das obras mitigatórias e agentes dos setores privado.

3.5 O LAZER E TURISMO EM PANORAMA

Panorama tem relação intrínseca com o meio ambiente por estar inserida na estrutura da paisagem do rio Paraná desde a fundação do município e, por isso, este ambiente impulsionou a economia local. Dentre as atividades econômicas do município que foram marcadas pela presença do rio, pode-se mencionar a

instalação de olarias, pecuária e a pesca, recentemente Panorama vem se destacando na prática do turismo e tem como principal atrativo a paisagem do Rio Paraná. O lazer se fazia presente em Panorama, através da prainha que atraía visitantes de toda região com a construção do Balneário, e a tecnificação do espaço, o lazer adquiriu nova dimensão, vista pela ótica econômica. Outros atrativos turísticos do município são a pesca esportiva e eventos que são realizados anualmente e festividades em datas comemorativas.

Para que Panorama se tornasse atraente para a prática do “turismo” ou ampliação do lazer, houve investimentos dos setores privado e público, principalmente na infraestrutura e equipamentos relacionados ao turismo, dando novas características a economia do município e (re)configurando o território, na tentativa de cristalizar uma nova atividade econômica idealizada pelos gestores do município.

Atualmente o turismo destaca-se pelo seu potencial socioeconômico e por sua capacidade de produzir e transformar os espaços, tornando-os mercadoria, sendo a nova engrenagem de acumulação do capital. A atividade turística se caracteriza pela sua dinâmica de absorver investimentos da esfera pública e privada, que produz novas configurações atingindo o espaço e a sociedade. Nessa visão apresentada pode-se dizer que o turismo e o lazer têm como principal mercadoria o espaço, transformando-o para que se torne atrativo, para Cruz (2000):

Nenhuma outra atividade consome elementarmente, espaço, como faz o turismo e esse é um fator importante da diferenciação entre o turismo e outras atividades produtivas. É pelo processo de consumo dos espaços pelo turismo que se gestam os territórios turísticos. (CRUZ, 2000, p.17).

Atualmente, devido ao destaque da atividade turística em Panorama, o município vem passando por várias transformações que atingem seu processo produtivo, resultando em uma produção e (re)produção do território.

A economia de Panorama esteve por muito tempo atrelada à pecuária, produção de tijolos e telhas. Nos anos 1980, as atividades ceramistas se expandiram consideravelmente no município, devido a grande quantidade de argila existente às margens do rio Paraná; essa era a atividade que mais empregava a população local. Na atualidade o setor cerâmico vem perdendo importância

econômica, em contrapartida, o turismo se destaca como possibilidade de desenvolvimento econômico e social do município.

Para o desenvolvimento da atividade turística, o município necessita de atrativos como infraestrutura e equipamentos turísticos, na definição de Boullón (2002, p.54) “o equipamento inclui todos os estabelecimentos administrados pelo poder público ou pela iniciativa privada que se dedicam a prestar serviços básicos”. Neste ponto de vista, a atividade turística dever ser planejada e contar com políticas que controlem e direcionem esta atividade, proporcionando o desenvolvimento local e a participação de toda a sociedade neste processo, para que não priorize os interesses individuais. Nesta linha de pensamento Cruz (2002) menciona:

O modo como se dá a apropriação de uma determinada parte do espaço geográfico pelo turismo depende da política pública de turismo que se leva a cabo no lugar. À política pública de turismo cabe o estabelecimento de metas e diretrizes que orientem o desenvolvimento socioespacial da atividade, tanto no que tange à esfera pública como no que se refere à iniciativa privada. Na ausência da política pública, o turismo se dá à revelia, ou seja, ao sabor de iniciativas e interesses particulares. (CRUZ, 2002,p.09).

A partir da construção da usina hidrelétrica Sérgio Motta no município de Porto Primavera, que transformou o rio Paraná em um grande lago artificial, houve conseqüentemente, interferência em bens patrimoniais públicos e privados, no sistema viário, na distribuição de energia elétrica, saneamento, lazer e principalmente no meio ambiente.

Frente ao conjunto de impactos negativos causados no contexto regional pela implantação de dos projetos hidroenergéticos, a CESP e toda empresa, enquanto empreendedora torna-se obrigada a minimizar e mitigar ao máximo esses efeitos, perante o ambiente e a sociedade. (DIAS, 2003, p.242).

Entre as obras mitigadoras, a CESP construiu o Balneário Municipal “Frederico Platzeck”, que se tornou um dos atrativos turístico de Panorama, o balneário conta com uma praia artificial, de 18.000,00 m² com capacidade para 1.300 banhistas. Segundo a secretaria de turismo do município, a empresa realizou outras obras que deram novas características em âmbito local e regional, trazendo

alguns benefícios em detrimento dos impactos ambientais causados. Como menciona DIAS, (2003):

Por outro lado, a implantação desse tipo de UHEs, possibilita o aparecimento da exploração de outras atividades, ou como se chama uso múltiplo das potencialidades criadas, como a navegação, irrigação, turismo etc. (DIAS, 2003,p.248).

Na modificação territorial de Panorama, na constituição entre o “velho e o novo”, as visões sobre a implantação também modificaram, pois, a população perdeu parte de sua história, estruturas humanizadas que se materializaram no espaço, suas relações com o espaço e, muitos, a fonte de renda. Através de entrevistas abertas com a população, pode-se observar o sentimento de pertencimento em relação a áreas atingidas, e o no curso no qual Panorama está inserido. As obras e as indenizações não recuperam a história perdida e as atividades que faziam parte de Panorama. Em visitas in-loco pôde-se verificar que as obras implantadas pela CESP não dinamizam a economia, vistas pelos moradores e comerciantes apenas como medidas paliativas, ou um simples “cala-boca”, pelos estragos verificados. A CESP cria uma visão de desenvolvimento e modernização com a construção de algumas benfeitorias, que em sua ideologia podem gerar emprego e o surgimento de novas dinâmicas econômicas que levem o desenvolvimento social. A CESP enfatiza em seu site as “obras na comunidade” na perspectiva que estas levaram ao desenvolvimento, deixando, porém, para segundo plano as percas afetivas e materiais que estavam carregadas de sentimento de pertencimento. A perspectiva da CESP alude que:

A CESP desenvolveu, ao longo de sua história, um programa de atenuação dos impactos socioeconômicos nas áreas de influência de suas usinas hidroelétricas, beneficiando agricultores, pecuaristas e pescadores das comunidades. Muitas localidades foram criadas ou modernizadas com essas ações da empresa. (Site: www.cesp.com.br/portalCesp/Visitado em 28/12/2012 às 11:00)

Entre as modificações que produziu novas características ao território e para o turismo em Panorama, está a da construção de uma ponte (Figura 35), que se localiza em Paulicéia a 2 km de Panorama, a que faz ligação entre os estados de Mato Grosso do Sul e São Paulo, proporcionando um aumento do fluxo nesta região, incorporando novas dinâmicas entre os estados, sendo a ponte também um atrativo ao turismo.

Diante das transformações ocorridas em Panorama, principalmente, nos segmentos socioeconômicos e ambientais, que foram motivados pela construção da Usina Hidrelétrica Engenheiro Sergio Motta e a formação do lago artificial, mostram-se a importância de estudo científico-acadêmico nesta área, para a compreensão da produção do território e a realidade deste em seus diversos âmbitos, para um melhor planejamento e gestão territorial.

Dentre os investimentos realizados pelo setor público, estão às obras em infraestruturas, na tentativa de estabelecer a atividade turística no município, obras que foram realizadas pela Companhia Energética de São Paulo (CESP), como medidas compensatórias e mitigatórias pelos impactos causados na construção da usina hidrelétrica Sergio Motta e formação do lago artificial. Através deste item, pode-se constatar que os incentivos do poder público e organizações articuladas, estão relacionados às atividades “turísticas” do município de Panorama.

3.6 PRINCIPAIS ATRATIVOS TURÍSTICOS DE PANORAMA

Para o desenvolvimento das atividades turísticas o município deve ter atrativos turísticos que possibilite o fluxo e permanência dos turistas e visitantes que irão consumir os espaços e os atrativos, dinamizando a economia, sendo os atrativos turísticos o motor desta atividade. Na concepção do Ministério do Turismo (2007), os atrativos turísticos compreendem:

Atrativos turísticos – locais, objetos, equipamentos, pessoas, fenômenos, eventos ou manifestações capazes de motivar o deslocamento de pessoas para conhecê-los. Os atrativos turísticos podem ser naturais; culturais; atividades econômicas; eventos programados e realizações técnicas, científicas e artísticas. (Ministério do Turismo, 2007 p. 28)

O turismo em Panorama tem como atrativo principal o Rio Paraná (Figura 40), considerado mercadoria turística, na definição de Souza (2003) essa transformação da natureza em mercadoria pelo turismo, na perspectiva de um lucro maior, tem sido feita com voracidade, comprometendo a própria mercadoria principal, a natureza, e futuramente, a inviabilização da própria atividade turística.



Figura 39- Vista aérea do Município de Panorama-SP. Fonte: César Claudino de Souza, 2005.

Nestes aspectos mostra-se a importância do rio Paraná na prática da atividade turística e a possibilidade de levar o desenvolvimento local para a população, esta atividade deve ser planejada para que haja a participação de todos os segmentos, a fim de que seja desenvolvida de maneira responsável e não comprometa o meio ambiente, entre outros.

A pesca esportiva é outra atividade que é desenvolvida em Panorama, tornando-se um atrativo que está intrinsecamente ligada ao rio. Com a formação do lago artificial, as condições naturais do rio alteram, potencializando a prática da pesca esportiva, várias espécies de peixes foram introduzidas ao longo do Rio Paraná, que são tradicionais para a prática desta atividade, como *Cichla monoculus*, nome científico, o popular tucunaré, espécie exótica da bacia Amazônica. Para atender esta demanda há uma grande quantidade de guias especializados que conhecem bem o rio e os pontos estratégicos para a pesca, já que muitos destes eram antigos pescadores. Além dos guias, o município conta com várias lojas especializadas em artigos de pesca, marina e pousadas.

Os artesãos de Panorama vêm ganhando espaço e expressão com a formação da cooperativa dos artesãos, dando a oportunidade aos artesãos locais de mostrar sua arte, transpondo a cultura, características do município e da região que está inserida. Em entrevista aberta com a presidente da Casa do Artesão, Marival Ferreira Costa, ela mencionou que a cooperativa foi fundada em 2002, e que até em 2010 os espaços eram alugados, contando com a colaboração dos artesãos e da prefeitura para manter a locação do prédio. Em novembro de 2010 foi inaugurada a sede própria da Casa do Artesão (Figura 40), uma obra realizada com recursos do governo federal, construída pela administração municipal, contando com dois banheiros, sendo um para deficiente físico, uma cozinha, uma sala para cursos e exposição de telas e uma sala maior para exposição e venda dos diversos trabalhos artesanais.



Figura 40: Casa do Artesão de Panorama: Fonte: Marival Ferreira Costa, 2011.

Atualmente a casa do artesão conta com 20 associados, realizando vários artesanatos confeccionados pelos próprios artesãos associados, tendo como destaque os artesanatos com argila, pedras do rio, telhas, madeira, biscuit, telas, crochê, bordados, entre outros.

A força dos artesões e sua organização em cooperativa, junto aos pequenos comerciantes reflete na tentativa de valorizar as atividades locais e suas representações, possibilitando a inserção no mercado local e regional, que muitas vezes torna-se especializado. Neste viés, Coriolano (2006) menciona:

Pequenos lugares e (ou) empreendimentos encontram uma forma para entrar na cadeia produtiva do turismo com produtos ou mercadorias locais. As contradições no turismo são mais patentes do que nas demais atividades econômicas porque ele é, em sua origem, elitista, produtor dos chamados não-lugares, nega algumas vezes o local e degrada as culturas para maximizar o lucro. (CORIOLANO, 2006, p. 45)

Entre os atrativos, o balneário municipal, obra realizada pela CESP como medida compensatória, sendo um dos principais atrativos turísticos, o Balneário Municipal “Frederico Platzeck”, conta com praia artificial (18.000,00 m²) com capacidade para 1.333 banhistas por período), complexo de duchas, iluminação pública, portaria principal, sanitários, 3 lanchonetes, 6 quiosques grandes e 2 pequenos, 1 restaurante, praça de eventos com palco para shows e capacidade para 15.000 pessoas, píer para pesca, atracadouro, rampa de embarque e desembarque de barcos e jet-ski, galpão para barcos, área de camping com instalações de apoio, 1 pousada com 10 apartamentos, praça de esportes com: 3 quadras poliesportivas, 2 campos de futebol de areia, 2 quadras de vôlei de praia, 1 campo de futebol *society*, 1 cancha de bocha, estacionamento para auto e ônibus, calçadão para caminhada com 2.300 m de extensão, *playground* e prédio da Administração, dados cedidos pela secretaria de turismo.

O balneário é palco dos eventos que ocorrem no município, sendo que estes ocorrem anualmente, como o carnaval que é realizado pela prefeitura municipal; anteriormente este evento carnavalesco era realizado nos clubes, mas com a decadência destes, atualmente, ocorre no Balneário atraindo visitantes de toda região, passando em torno de 60 mil pessoas no decorrer dos cinco dias de festa.

Há ainda, o Pan Verão que se caracteriza como carnaval fora de época, organizado por iniciativa privada. O Pan Verão, é realizado no mês de novembro com duração de três a quatro dias (final de semana) baseado no carnaval original, esse evento também atrai um grande público, sendo realizado no Balneário Municipal.

A travessia do rio Paraná, que se tornou um evento tradicional iniciado pelo Sr. José Gonçalves (1966) (Figura 41) através de uma informação de que havia um rapaz que atravessava o rio a nado com grandes facilidades atraindo vários nadadores para a competição.



Figura 41: 1ª Travessia do Rio Paraná de Panorama. Fonte: José H. Buzelin, 1956.

Hoje a travessia (Figura 42) é considerada o segundo maior evento realizado no município de Panorama. Esse evento deu início com classificação de uma largada e 25 nadadores; hoje é organizado com três largadas e já chegou a ter a participação de 300 nadadores, dados segundo secretário de turismo. O evento vem adquirindo mais aparatos técnicos, como árbitro e acompanhamento com equipamentos náuticos, garantindo maior segurança para os competidores. O evento acontecia em seu início na antiga “Prainha”, atualmente acontece no Balneário municipal. Pode-se contrastar historicamente a travessia através das figuras, no qual enfatiza a potencialidade de atrair visitantes da região, entrando no rol dos atrativos turísticos pela secretaria de turismo.



Figura 42: Travessia do Rio Paraná de Panorama em 2011: Fonte: Cezar Claudino de Souza

A Festa do Padroeiro da Cidade – São José, atrai muitos devotos com intuito de receber suas bênçãos que são distribuídas no decorrer de nove dias (chamada novena). Durante a festividade são desenvolvidos leilões beneficentes de gado, missas e procissões organizadas pelo Conselho Pastoral Paroquial e o Conselho de assuntos Econômicos da mesma, envolvendo assim toda a cidade.

Entre as festividades consideradas atrativas pela secretaria de turismo está, ainda, a Festa da Pipoca comemorada no dia de São João. É um evento oferecido pela Prefeitura Municipal, realizado na Praça do Povo, tem como objetivo reunir toda a população local, com distribuição gratuita de pipoca, amendoim e quentão, além das apresentações de quadrilhas infantis e adultas.

A realização de shows na Praça do Povo, que conta com um palco exclusivo para as apresentações, eventos custeados pela Prefeitura Municipal, considerados pela administração local uma maneira de aproximar a população e desenvolver um ponto de encontro, tornando-se mais um atrativo para a região. As festas de fim de ano também são eventos sob responsabilidade da prefeitura municipal, com shows ao vivo no balneário municipal, com queima de fogos na virada do ano. Os eventos citados tornaram-se grandes atrativos, recebendo turistas de toda a região e de outros estados, mostrando a importância e a potencialidade do município para o “turismo” e lazer.

Os atrativos turísticos apresentados foram mencionados pela gestão turística do município. Verifica-se que vários atrativos e eventos apontados não levam ao turismo, propriamente dito, mas sim ao lazer. Panorama pode ser considerado um potencial a ser explorado e que necessita de investimentos e um dimensionamento turístico, para que este se torne realidade.

Diante do dimensionamento apresentado pelo SEBRAE-SP, Panorama conta com seis pousadas, direcionadas ao turismo de pesca, oferecendo desde hospedagem à alimentação e todo segmento de pesca. Algumas pousadas estão direcionadas à pesca e ao lazer, assim, formando estrutura para atender turistas que estão à procura de lazer, tranquilidade e ambiente familiar. Em entrevistas abertas com D. Maria Suzumura proprietária da Pousada Aquário, ela enfatizou a necessidade de investimentos no lazer e turismo em Panorama, para atrair uma demanda maior de turistas. Segundo a empresária, várias pousadas estão investindo nas estruturas para atrair a família dos pescadores (turista) como um todo. Outro fato que permeia o turismo e o lazer em Panorama é sua sazonalidade, dependendo do período da piracema, neste sentido as pousadas estão investindo em piscinas e atrativos aquáticos para amenizar a discrepância de turista durante o ano. Esta visão tornou-se geral visto que outros proprietários entrevistados tinham as mesmas angústias.

Panorama conta ainda segundo o dimensionamento SEBRAE, com cinco hotéis e um acampamento, e vinte e um meios de alimentação, entre estes estão restaurantes, lanchonetes, padarias, pizzarias e choperias.

O trabalho em Panorama, também se tornou sazonal, visto que a demanda depende do período da pesca. Os empregos que se configuram como permanentes geralmente não estão atrelados à mão de obra turística. Pois os que trabalham diretamente com o turismo, depende do fluxo de turista que é sazonal. Panorama conta com 69 guias de pesca e 20 artesãos que vivem do turismo, sempre correndo risco pela instabilidade da atividade desenvolvida em Panorama. Com o fechamento de várias olarias e cerâmicas, a única alternativa para a população foi potencializar suas práticas e agregar ao “turismo”. Neste sentido podemos ver que o turismo idealizado em Panorama, fica a beira do marketing promovido pela CESP e gestores e pela falta de opção de investir em outro setor, ou mesmo atrair investimentos.

Nos elementos apresentados anteriormente Panorama, caracteriza-se em fase de consolidação, pois o turismo em Panorama surgiu de modo espontâneo,

sem um planejamento adequado, pois o processo de turistificação aconteceu de modo gradual. A maioria dos equipamentos turísticos do município foram adquiridos após a implantação da usina hidrelétrica Sergio Motta. O lazer praticado em Panorama é realizado desde sua formação, sempre atrelado aos bens naturais, como o rio, bosques entre outros, e que foram potencializados pelos gestores, como uma alternativa econômica para o município.

O processo espontâneo da formação turística está alicerçado em atividades que já existiam, mas que ganhou nova roupagem pelo marketing. Por meio de entrevistas abertas com o secretário de turismo, percebe-se que há um grande esforço, para tornar a atividade um potencial, ou mesmo pode ser visto como exaltação das atividades e da natureza que já pertenciam a Panorama. Através do folder (Figura 43) elaborado pela secretaria de turismo do município, é possível verificar que as atividades potencializadas são prestações que sempre estiveram presentes em Panorama como pesca, a balneabilidade do rio e o lazer aproveitando das belezas naturais, neste sentido pode-se falar que o “turismo” em Panorama nasceu de forma espontânea, pelas suas características naturais.

O marketing turístico aproveita-se do mundo do consumo para vender lugares e sensações que são contempladas na atualidade. Neste sentido, se dá a supervalorização do ambiente natural, rústico, que fuja das geometrias urbanas das grandes cidades, tendo os administradores de Panorama agregado valores e comercializado a natureza e seus atributos. A prefeitura criou o slogan de “O mais belo Pôr do Sol” (Figura 44) na entrada da cidade, o que reforça o papel do marketing turístico e a valorização do natural, transformando-o em mercadoria.



Figura 44: Entrada de Panorama e seu Slogan Turístico: Fonte: Willian Ribeiro da Silva, 2012.

Diante das novas perspectivas turísticas e criação de espaços turísticos e consumo de outros já existentes e naturais, Panorama insere-se neste prisma, de criar ambientes turísticos potencializados pelo poder do marketing. Coriolano (2006) sinaliza o poder do consumo e a influência do *marketing* turístico:

Segundo a perspectiva do mercado, o *marketing* turístico, é versátil, pois induz o consumo, torna os lugares produtos trabalhados mercadologicamente, cria expectativas de riquezas fáceis para os empresários, com argumento de oferecer variadas opções de trabalho. (CORIOLANO, 2006, p. 58).

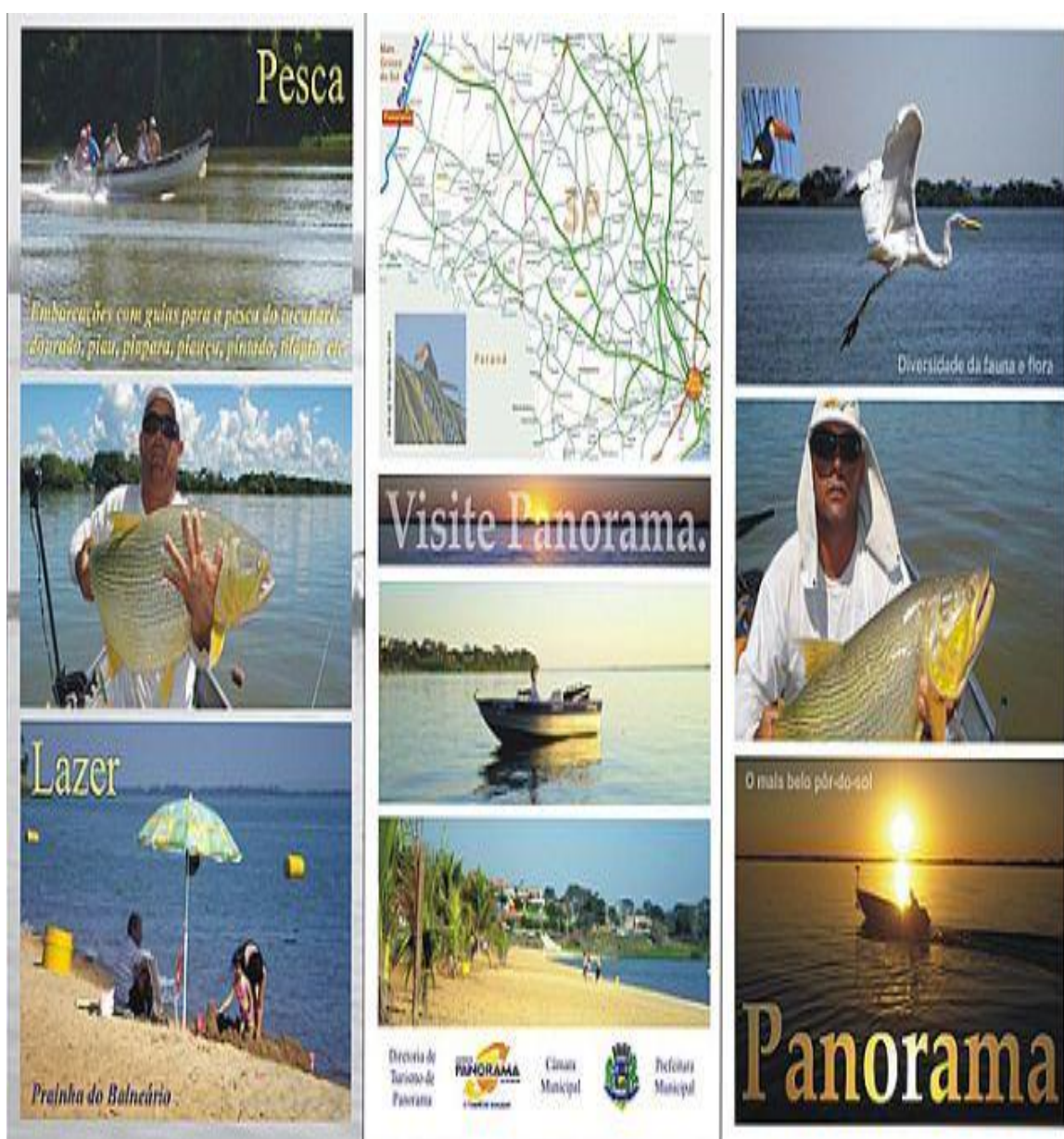


Figura 43: Folder de Divulgação do Turismo em Panorama; Fonte: Secretaria turismo, 2010.

Nestes aspectos há vários elementos que devem ser desenvolvidos em Panorama para se realizar um turismo de fato. Como exemplo, a preparação das atividades para recepcionar os turistas de acordo com o tipo de turismo que o município busca. Neste sentido Cobra menciona:

A compreensão da demanda de serviços de turismo pressupõe uma escala de tipos, que vai desde a procedência do turismo, o motivo de viagem, o meio de transporte utilizado, as características geográficas do destino, o ciclo de vida do destino (esta em crescimento, maturidade ou declínio) a duração das férias, perfil do grupo de turista, o tipo de alojamento buscado, o padrão de gastos efetuados, até quem organizou a viagem. (COBRA, 2002, p.69)

Como enfatiza Cobra (2002), os dirigentes devem estar atentos aos mínimos detalhes, para se obter um turismo profissional, o qual levará o desenvolvimento ao município de forma sustentável e duradouro. Neste aspecto Panorama começa a caminhar, pois já, conta com uma diretoria designada à atividade turística do município, cooperativa e associação direcionadas aos assuntos referentes à atividade, que aos pouco vão criando base para se desenvolver um turismo “profissional”.

No quesito desenvolvimento sustentável, dando ênfase ao socioeconômico e ambiental, Panorama passou por vários impactos de ordem ambiental decorrentes da formação do lago artificial no rio Paraná, que deu novas configurações na economia e nas relações sociais, que se desdobrou sobre o território, que de forma contraditória criou nova “possibilidade” e estruturação “turística” no município. Através dos impactos vieram diversas obras de infraestrutura, como medida compensatória, que deram novas dinâmicas ao espaço, além de formar uma paisagem humanizada que configurou nova paisagem ao rio Paraná, e a possibilidade de novas espécies de peixes, que são propícios para a pesca esportiva, sendo este um dos atrativos do turismo de Panorama. Para Veloso (2003):

O ponto inicial passa pelo meio ambiente, onde se deve estabelecer e fazer cumprir uma legislação forte, fundamental para o desenvolvimento e a manutenção das atividades turísticas. Não se pode em nenhum momento, seja que tipo, modalidade, segmentação ou forma de turismo se desenvolva deixar de ter a preservação e a conservação do meio ambiente como parte principal para o desenvolvimento do turismo. (VELOSO, 2003, p.84)

O aspecto ambiental é de grande apelo turístico para Panorama, vários atrativos estão relacionados à paisagem natural, sendo assim mostra-se importante a conservação e a conscientização, de todo segmento da sociedade. Com a preocupação ambiental deve-se intensificar a educação ambiental enfatizando o turismo, uma vez que, para muitos municípios, essa é a única fonte de renda, assim se faz necessário a preservação. Neste sentido há capacitação em todos os segmentos, tendo a preocupação de formar profissionais conscientes.

A capacitação, como já mencionada anteriormente, pode ser através de programas oficiais, tais como o Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT), desenvolvido pela Embratur, bem como através de entidades de ensino profissionalizantes ou técnicas, tais como universidades, faculdades, SEBRAE, entre outros de reconhecimento público. (VELOSO, 2003, p.89).

Panorama encontra-se distante da profissionalização do lazer ou do “turismo” praticado, pela falta de uma perspectiva turística e investimentos em cursos para capacitar a população que depende deste setor. O “turismo” em Panorama apresenta características amadoras, na receptividade, atendimento e em seu desenvolvimento.

As atividades ligadas ao lazer e turismo em Panorama absorveram grande parte dos trabalhadores que estavam empregados diretamente ou indiretamente nas cerâmicas ou olarias. Mas esta transição se deu de forma obrigatória, pela falta de opção. Os trabalhadores sentiram esta transição, sem passar por treinamento adequado, o que leva a precariedade dos serviços vendidos em Panorama.

Considerando todas as ressalvas expostas, mostra-se a importância dos agentes públicos na fiscalização para que atividade turística seja feita de forma sustentável e planejada para se obter desenvolvimento sem prejudicar o meio ambiente. O papel de planejamento e de fiscalização deve ser acompanhado por

toda a sociedade, tendo consciência de preservação do meio ambiente, sendo este o motor da atividade que garante a sobrevivência e a manutenção do município.

Diante dos trabalhos de campo realizados em períodos de alta temporada (pesca aberta) e nos períodos de baixa temporada (piracema) com entrevistas abertas com a população, houve relatos de que há falta de investimentos para o setor e preparação de todos os envolvidos nesta atividade. Entre as reclamações está a ênfase da prefeitura nos eventos carnavalescos, o que denigre a imagem do município, sendo conhecido principalmente por estes eventos que não agregam valor e não dinamizando a economia da cidade, segundo os moradores. Os moradores entrevistados salientaram a importância de valorizar as festividades e os eventos tradicionais que atraem visitantes com seus familiares, como exemplo, a travessia do Rio Paraná, pois, na perspectiva dos entrevistados estes eventos podem ativar a economia do município.

Na visão dos comerciantes falta a união entre a prefeitura e o comércio para nortear os investimentos no setor e realizar um planejamento e calendário anual de atividades que atraiam turistas e visitantes durante todo o ano, ressaltando que as atividades turísticas de Panorama são sazonais. Quanto aos eventos, houve queixa dos carnavais realizados, pois, ao final destes várias estruturas ficam danificadas, sendo uma atividade que não movimenta o comércio, já que as mercadorias consumidas vêm do local de origem do turista ou mesmo visitantes.

Em relação a visão quanto a CESP e suas obras percebe-se um consenso, pois, tanto os moradores, quanto os comerciantes relataram que o único aspecto positivo centra-se na construção do balneário. Mencionaram também as percas relativas às indenizações realizadas pela CESP, que as obras não reparam as percas materiais e afetivas.

A CESP com sua visão ressalta o desenvolvimento e a geração de novas dinâmicas econômicas que possibilita a inserção da população e seu crescimento socioeconômico. A visão do ideal implantado pela CESP torna-se contraditório com a visão realista da sociedade. Diante das obras podemos enfatizar que a CESP obedece as ordens políticas nacionais que se enquadram na tentativa de dinamizar o território brasileiro para atrair capital.

Neste paradigma as grandes obras de engenharia são consequências de um sistema global e que reflete no local, e que a população local não usufrui dos aspectos positivos destas obras, restando para esta população às mazelas deste

sistema e os impactos negativos. Neste cenário que Panorama encontra-se inserida, impactada e visualizada pela CESP como uma cidade que ganhou com suas obras. Mas que, no plano real ela perdeu suas características históricas, uma atividade econômica e suas relações com o meio natural e econômico. Para confortar ou amenizar os estragos, foi introduzido um “turismo” visto pela CESP como um grande potencial e que apenas o balneário seria um atrativo que dinamizaria toda economia da cidade e captado este ideal pelos administradores e gestores do município. Esta realidade não foi inserida apenas em Panorama, mas em várias cidades impactadas pela CESP.

Em conversas com moradores, estes não visualizam o turismo em Panorama, que pode ser listada, por causa das atividades que são as mesmas, como a balneabilidade e a pesca, pela falta de estrutura urbana adequada com todos os equipamentos turísticos que uma cidade dita turística deve apresentar, e a mentalidade profissional para agregar valores e atrair turistas.

Na visão dos comerciantes falta o comprometimento da prefeitura para viabilizar de fato um turismo, com a implantação de equipamentos e sua manutenção, tornando a cidade um atrativo. Para estes, o principal atrativo que pode elevar a cidade a ser turística, é a pesca esportiva, que deve ser valorizada e divulgada, na tentativa de tornar Panorama turístico, potencializando a pesca esportiva.

Em entrevista aberta com o secretário de turismo do município, Cezar Claudino, ele menciona a potencialidade de Panorama, que pela visão dos gestores, Panorama se enquadra como cidade turística. Mencionou ainda que Panorama concorre no estado de São Paulo para ganhar o título de instância turística, e que estes trâmites burocráticos estão em etapa final, o que elevará o turismo de Panorama.

Diante das visões apresentadas, verifica-se que Panorama depara com diversos paradigmas e uma realidade contraditória. As novas dinâmicas inseridas no território vêm através de manifestações econômicas externas, das quais a população de Panorama não aproveita desse desenvolvimento. O turismo ou a expansão do lazer partiu do ideário da CESP, como falta de opção do município de se reorganizar economicamente e inserir toda sua população. Mesmo que Panorama apresente um grande potencial para a prática do turismo, este se

encontra marginalizado, sem infraestruturas adequadas para a prática e excluindo parte da população.

4. CONCLUSÃO : TURISMO EM PANORAMA?

No mundo contemporâneo o lazer e o turismo vêm adquirindo importância no cenário econômico e social. Estes podem ser vistos como possibilidade de levar o desenvolvimento para a comunidade envolvida, mas, ao mesmo tempo pode causar impactos, e aumentar as desigualdades sociais. Neste sentido, se faz necessária a participação de todos os elementos da sociedade, para a estruturação e planejamento da atividade turística, pois, esta vista pela ótica social e articulada com todos os segmentos, pode elevar a qualidade de vida da população e a organização territorial. As relações que se estabelecem no espaço obedecem uma lógica global que se cristaliza no local, visto que esta dinâmica não está ao alcance de todos, e neste sentido, este movimento pode criar espaços da exclusão. Neste movimento pode-se inserir o turismo, considerado uma das principais atividades econômicas da atualidade, capaz de ampliar o capital, através da mercantilização dos espaços.

Diante da valorização do turismo em escala mundial, Panorama, através de suas novas dinâmicas territoriais, das quais estão as obras mitigatórias da CESP, e seus desdobramentos no social, ambiental e econômico, criou-se a ideia que configura-se como uma cidade turística. Esta visão potencializada pelos gestores do território, junto a CESP com suas obras, vem na tentativa de mercantilizar espaços e atividades, que já eram presentes em Panorama. Como analisado neste trabalho, Panorama sofreu impactos em face da formação do lago artificial, o que levou a decadência de sua principal atividade, que era a ceramista e oleira. Nesta perspectiva, inserindo a visão da CESP de desenvolvimento em detrimento aos impactos causados, os gestores vêm na tentativa de tornar Panorama um município turístico, para absorver a mão de obra que era das cerâmicas e olarias antes dos impactos.

Como proposto neste trabalho, foram realizados trabalhos de campo em distintos momentos, diante da sazonalidade das atividades de Panorama, com entrevistas abertas, para um maior detalhamento e conhecimento da área, e para a coleta de dados. Os trabalhos de campo foram a base da pesquisa, proporcionando ir além das leituras, e desmistificar a realidade do turismo em Panorama, e como este é visto por diferentes segmentos da sociedade. A desmistificação compreende as visões e discursos sobre as atividades desenvolvidas em Panorama, verificando

se o turismo é apenas um ideal construído pelos gestores. No primeiro trabalho de campo foi realizada entrevista com dirigentes da secretaria do turismo do município, que possibilitou compreender as estratégias, e a coleta de fotos e documentos que auxiliaram a pesquisa. No primeiro contato o secretário falou sobre os eventos e as dificuldades encontradas nos trabalhos, enfatizando a necessidade de investimentos em infraestruturas e equipamentos relativos à atividade turística. Há falta de conscientização “turística” nos comerciantes, relativos aos procedimentos com os turistas, atendimento, informações e serviços. Estas impressões foram verificadas através de entrevistas abertas com comerciantes. Para melhor desenvolver as atividades que estão ligadas ao turismo, como mencionado neste trabalho, o setor precisa de cursos profissionalizantes e de profissionais designados ao planejamento, em diversos âmbitos a propósito de conhecer a área de estudo, enfatizando os atrativos e a estrutura de modo geral.

O segundo trabalho de campo focou-se em entrevistas abertas, conversas formais e informais, com comerciantes locais e com os turistas. Os comércios escolhidos estão relacionados diretamente ou indiretamente com a atividade turística, sendo de diversos segmentos desde artigos para pesca até lanchonetes e restaurantes. Os comerciantes relataram que o fluxo de visitantes em Panorama influencia no movimento dos estabelecimentos, enfatizando a pesca, considerado o principal atrativo do município, ativando a economia local. Os comerciantes relataram que o fluxo de visitantes aumentou com a conclusão da ponte Mario Covas, pois, esta proporcionou uma maior interação entre os estados. Em relação à prefeitura, a maioria dos comerciantes mencionou a falta de incentivo e planejamento relacionado ao turismo. Na visão dos comerciantes a prefeitura deveria realizar cursos de aperfeiçoamento, investir e revitalizar as estruturas consideradas atrativos turísticos, e ampliar a divulgação e marketing de Panorama. Porém, as intervenções da prefeitura estão centradas nos eventos, como relataram os entrevistados. Com relação aos eventos, os comerciantes reclamaram dos carnavais, sendo este pouco atrativo economicamente para o município, pois, o público deste evento traz do seu local de origem, alimentos e tudo que seria necessário para passar o período do evento. Outro fato mencionado pelos comerciantes e população local é a perda de caráter familiar nos eventos carnavalescos, atraindo uma imagem negativa do município perante seus turistas e as cidades da região, podendo afetar outros segmentos do “turismo” e lazer de

Panorama como o de pesca e lazer familiar, que está em busca das paisagens naturais e tranquilidade. Quanto às melhorias que devem ser realizadas em Panorama, segundo os comerciantes e a população, houve diversas opiniões sendo enfatizada a construção de um portal turístico, a construção de um centro de informações turísticas, manutenção do balneário, parques infantis, academia do idoso, investimentos em atrativos, e na estética do município, limpeza e manutenção das estruturas municipais, sendo estas algumas das reivindicações. A população e turistas /visitantes ressaltou que os horários de funcionamento do comércio são inflexíveis, encontrando-se fechado em momentos que o município recebe um fluxo maior de turistas / visitantes.

Quanto às entrevistas abertas aos “turistas” / visitantes, percebeu-se uma diversificação do perfil do turista em Panorama. Em relação a cidade de origem a maioria dos turistas/ visitantes entrevistados, veio do oeste paulista e do leste do Mato Grosso do Sul, acompanhado da família, ou de excursão, caracterizando como turista de um dia, segundo Andrade (2004). A maioria dos turistas/ visitantes obtiveram informações de Panorama através de amigos, estes turistas/ visitantes normalmente realizam suas refeições em restaurantes, hospedado se em pousadas, ou retornam no mesmo dia para a cidade de origem. Entre as sugestões para melhoria do parque municipal, os turistas mencionaram a implantação de banheiros nos quiosque, música ao vivo e mais atrativos. Como já mencionado, a paisagem do rio Paraná é o principal atrativo do município, sendo este o principal motivo que atraiu grande parte dos entrevistados.

Pode-se ressaltar que Panorama passa por grandes transformações que são decorrentes da implantação dos sistemas de engenharia, a construção da UHE. Sergio Motta e Ponte Mario Covas, que proporcionou novos elementos que reordenaram o território, enfatizando o “turismo” e o lazer. Através deste houve a possibilidade da reestruturação do lazer no município com obras de caráter mitigatório, que garantiu novos sentidos e visões sobre o comércio, trabalho e a economia local de modo geral.

Diante das entrevistas e trabalhos de campo, em conjunto com a fundamentação teórica, pode-se verificar que Panorama encontra-se entre o turismo e o lazer. O turismo praticado em Panorama está centrado na pesca, pois nesta atividade, os turistas pernoitam em pousadas e consomem, enquadrando-se como turismo pela OMT (2001). Em contrapartida o maior fluxo de visitantes, reflete na

utilização do balneário municipal, como momentos de lazer. Nesta atividade os visitantes não consomem no município, permanecendo apenas um dia, e nesta perspectiva a OMC não considera como atividade turística, nas palavras de Andrade (2004) configura-se como visitantes, e a prática é o lazer. Nesta linha, Rodrigues (1997) destaca:

Como deslocamentos de lazer, o fenômeno mais expressivo no Estado de São Paulo, do ponto de vista do número de pessoas que se desloca, são as excursões domingueiras cuja demanda é representada por elementos das camadas sociais economicamente menos privilegiadas da população, pejorativamente conhecidos como “farofeiros”. (RODRIGUES, 1997, p.119)

Panorama encontra-se em processo de “turistificação”, para Dantas (2007), este centra-se na utilização do espaço em determinado período que traz consequências no âmbito sociocultural, manifestando no local, enfatizando as transformações feitas pela ação humana para fins de lazer.

Panorama apresenta grande potencialidade para estruturação da atividade turística de “fato”. Esta se encontra em curso com algumas medidas e manifestações, como a criação da secretaria de turismo, e a inserção de Panorama no Circuito Turístico Oeste Rios, organizado pelo SEBRAE, na tentativa de divulgar as potencialidades turísticas do Oeste Paulista.

Como expressão em relação a esta atividade pode-se verificar a associação dos artesões e dos pescadores, que tem ligação direta com o turismo. Os pescadores vêm realizando cursos para atender a demanda da pesca, tornando guias de pesca. Iniciativas estas que poderão proporcionar a Panorama, o rótulo de cidade turística, com a prática de um turismo profissional, que poderá levar o desenvolvimento local de modo sustentável.

Por meio do trabalho apresentado, mostra-se que o turismo deve ser pensado a partir do social, para que este leve ao desenvolvimento de toda população inserida nesta atividade, mas para tal feito, se faz necessário o engajamento dos gestores do território, diante de um planejamento e políticas que viabilize esta atividade, de maneira consciente.

5. BIBLIOGRAFIA

AHRANA – **Administração da Hidrovia do Rio Paraná. Relatório Dados e Informações**, 2008. São Paulo, 2009.

ALENTEJANO, P. R. R. e ROCHA-LEÃO, O. M. **Trabalho de Campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado**. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, nº 84, p. 51-57. 2006

ANDRADE, José Vicente. **Turismo, fundamentos e dimensões**. 7.ed. São Paulo: Ed. Atica, 2004.

BENI, Mario Carlos. **Análise estrutural do Turismo**. São Paulo: SENAC, 2008

BERTONCELLO, Rodolfo V. **El turismo y las grandes metropolis: la ciudad de Buenos Aires**. In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (Org.). *Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 209-223.

BULLON, Roberto C. **Planejamento do espaço turístico**. Bauru: Edusc, 2002.

CARACRISTI, Isorlanda. **O Turismo que se faz e o desenvolvimento que queremos**. In: CORIOLANO, Luzia Neide (Org.). *Turismo com ética*. Fortaleza: UECE, 1998.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Contexto. 2004

_____. YÁZIGI, Eduardo e CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. (Org). **Turismo - espaço, paisagem e cultura**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. **O turismo e a produção do não-lugar**. In: YAZIGI, Eduardo; CARLOS, Ana Fani Alessandri; CRUZ, Rita de Cassia Ariza da. (Orgs.). *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. Ana Fani A. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

COBRA, Marcos. **Marketing de turismo**. São Paulo: Cobra, 2002.

CORIOLOANO, Luzia Neide. **Turismo de inclusão**. Fortaleza: FUNECE, 2007.

_____. Turismo e desenvolvimento social sustentável. Fortaleza: EDUECE, 2003.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Políticas públicas de turismo no Brasil: significado, importância, interfaces com outras políticas setoriais**. In: Maria José de Souza. (Org.). Políticas públicas e o lugar do turismo. Brasília: UnB/MMA, 2003.

_____. **Hospitalidade turística e fenômeno urbano no Brasil: considerações gerais**. In: Célia Maria de Moraes Dias. (Org.). Hospitalidade: reflexões e perspectivas. 1 ed. São Paulo: Manole, 2002.

_____. **Introdução à geografia do turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

_____. **Política de turismo e território**. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. **Políticas de turismo e construção do espaço turístico-litorâneo do Nordeste do Brasil**. In: Amália Inês Geraiges de Lemos. (Org.). Turismo: impactos sócio-ambientais. São Paulo: Hucitec, 1995.

COSTA, L.S; SILVEIRA. **As hidrovias interiores no Brasil**. Serviço de Documentação da Marinha do Brasil, 1997.

DIAS, Jailton. **A construção da paisagem na raia divisória São Paulo –Paraná - Mato Grosso do Sul: um estudo por teledetecção**. 2003. Tese (Doutorado em Geografia). Unesp, Presidente Prudente.

EMBRATUR. **Conceitos turísticos**. EMBRATUR: Departamento de Estudos Econômicos, Divisão de Economia do Turismo, Brasília, 1992.

HAESBAERT, Rogério. O mito da (des)territorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

IBGE. Banco de dados: Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br> > Acesso em 2012.

OLIVEIRA, W. **Os impactos socioambientais motivados pela UHE Porto Primavera no município de Anauralândia – MS**. 2004. 171 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista/FCT. Presidente Prudente – SP.

OMT. **Desenvolvimento do turismo sustentável: manual para organizadores locais**. Brasília: OMT, 1994.

LOURENÇO, C. **Trabalho de campo**: Laboratório por excelência do geógrafo. Revista Geografia Passo a Passo- Ensaio Críticos dos Anos de 1990. Presidente Prudente, 1991.

MARQUES, J. B. **Tempos Heróicos**. Dracena: Editora Jóia, 2008.

_____. **Pioneiros: Gente de fibra**. Dracena: Editora Jóia, 2006.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Roteiros do Brasil. Programa de Regionalização do Turismo. Módulo Operacional 7: Roteirização Turística**. Brasília: 2007.

_____. **Plano Nacional do Turismo 2007/2010**: uma viagem de inclusão. Brasília: MTur, 2006.

_____. **Plano Nacional do Turismo**: diretrizes, metas e programas 2003/2007. Brasília, 2003

MOESCH, Marutschka Martini. **A produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2000.

MONTEIRO, C. A. de F. A. **A dinâmica climática e as chuvas no Estado de São Paulo**. São Paulo, Instituto de Geografia da USP, 1973.

MORAES, Antonio Carlos R. **Meio Ambiente e Ciências Humanas**. São Paulo: Annablume, 2005.

PETROCCHI, Mário. **Turismo**: planejamento e gestão. 2. ed. São Paulo: Futura. 1998.

GONÇALVES, Carlos W. P. “**Geografia Política e Desenvolvimento Sustentável**”, em Revista Terra Livre. 1996.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília. França. São Paulo: Ática, 1993.

Rizzo, Marçal Rogério. **Encontros e desencontros do turismo com a sustentabilidade**: Um estudo do município de Bonito – Mato Grosso do Sul. 2010. Tese (Doutorado em Geografia). UNESP, Presidente Prudente.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Geografia do turismo: novos desafios**. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi (Org.). **Turismo**. Como aprender, como ensinar. 2. ed. São Paulo: SENAC, 2001

_____. **Turismo e desenvolvimento local**. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **Turismo e ambiente, reflexões e propostas**. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. **Turismo, modernidade e globalização**. 1a edição. São Paulo: Hucitec. 1997.

_____. **Turismo e Geografia - Reflexões Teórica e Enfoques Regionais**. São Paulo: Hucitec, 1996.

ROSS, J. L. S & MOROZ, I. C. **Mapa geomorfológico do Estado de São Paulo**. Revista do Departamento de Geografia, São Paulo, n.10, p.41-56, 1996.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SÁNCHEZ, J.E. **Espacio, economia y sociedad**. Madrid: Siglo Véintiuno, 1991.

SOBARZO, Oscar. **Apontamentos para uma proposta teórico-metodológica para a análise dos espaços públicos em cidades médias.** In: Sposito, M.E.B (Org). Cidades médias: Espaços em transição. São Paulo, Expressão Popular, 2007.

SANTOS, Milton. **O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos.** São Paulo: EDUSP, 2004

_____. Milton e SILVEIRA, María Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI.** Rio de Janeiro: Record. 2003

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** São Paulo : Record, 2000.

_____. **Espaço e método.** 4. ed. São Paulo: Nobel, 1997.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **O retorno do território.** In. SANTOS, M., SOUZA, M. A. A. e SILVEIRA, M. L. (orgs), Território: globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec/Anpur, 1994.

_____. **Por uma economia política da cidade.** São Paulo, Hucitec, 1994.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado.** São Paulo : Hucitec, 1988.

_____. **Espaço e Método.** São Paulo: Nobel, 1985

_____. **Espaço e sociedade.** Petrópolis: Vozes, 1982.

SOUZA, Marcelo Lopes e RODRIGUES, Glauco Bruce. **Planejamento urbano e ativismos sociais.** São Paulo: UNESP, 2004.

SOUZA, E. B. C. Natureza e consumo – a contraditória relação de sustentabilidade na atividade turística. **Revista Ciência Geográfica.** (AGB/Bauru). Bauru. Ano IX vol. IX, n.3, p. 253-258, set/out 2003.

SUERTEGARAY, D. M. A. **Pesquisa de campo em Geografia**. GEOgraphia (UFF), Niterói/RJ

TAVARES, Adriana de Menezes. **City Tour**. São Paulo: Aleph, 2002.

TRIGO, Luiz Gonzaga. **Como Aprender turismo, como Ensinar**. São Paulo: Senac, 2001.

URRY, John. **O olhar do turista**: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel/SESC, 2001.

VELOSO, Marcelo. **TURISMO, simples e eficiente** Ed.Roca: 2003, São Paulo-SP

YÁZIGI, Eduardo (org.). **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002.